

VOLUME 17
2ª VIAGEM AO EXTERIOR - 1ª PARTE (AMÉRICA DO NORTE)
29/04 a 24/06/ 1876

INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II

134 m. de S. Francisco Brighton.

Vale do Sacramento. Abunda em ouro. Produz muita fruta — exportam-se frutos verdes e secos. As vinhas já deram colheita de 300.000 galões de vinho e brandy. O monte Shasta de cerca de 13.000 pés de *a[ltura]* é a origem do rio Sacramento. Vasta planície toda plantada e florida. A *O[este]*. das Rocky-Mountains não há mina que seja aproveitada exclusivamente pelo minério de chumbo e contudo mais da metade do chumbo extraído em 1875 nos EE.UU. vem do *O[este]*. de Missouri.

Lindas plantações nos subúrbios da cidade de Sacramento. Vai-se de vapor desde S. *Fr[ancisco]*. até aí. Em Sacramento fui ver o Capitólio; magnífico edifício com lindas escadas internas e bela livraria. Na volta para o trem passei por algumas ruas. Que belas rosas encarnadas há nestes jardins!

Na vinda examinei aqui as oficinas centrais desta estrada de ferro. São muito importantes; porém não tão bonitas como as da estrada de ferro do Rio. Junction de muitos caminhos de ferro e em breve futuro do estreito de Behring que pretende fazer o Yankee-Tunnel abrindo um destes por baixo do estreito. Ir-se-á assim por estrada de ferro de N. Y. até Lisboa. E a América do Sul?

Rocklin — daqui puxa-nos uma e empurra-nos outra locomotiva por causa da rápida subida. New Castle. Para a esquerda subindo ficam as antigas minas de Ophir, Virginia-City, que ainda tanto produzem. Daqui lança a última vista sobre o vale do Sacramento e Auburn — 8m. S.E. fica a célebre caverna de alabastro com púlpito, sanefas etc. Antes de chegar aqui há um corte de 85 p. a. e 800 comp.

Antes de Clipper Cap passou-se por velhas Washing-mines onde trabalhavam há poucos anos milhares de homens. Túnel de 700 pés de comp. Pouco depois começam os pinheiros. Colfaz 5 ½. Já vai diminuindo a luz. Daqui vai-se para as minas de Nevada. Só para as de Cronstock estão fundindo em S. Francisco máquinas do valor de 2 a 3 milhões de dólares. Colfaz está a 3448 acima do mar. O viaduto de Cape-horn 878 pés de comp. e 113 de a. 7 horas. Custa a ler sem luz. Passado o lugar mais belo da estrada que beira o precipício de 1000 a 2000 pés que forma o vale do American-River-Blue Cañon 217 m. de S. Fr. não pude ver mais daí por diante.

Às 11h paramos entre Cisco 13 m. adiante e Summit mais 13 até agora 6 ½ da manhã de

30 de abril de 1876 - Dizem que há um trem adiante. É de mercadorias. e desencarrilou porque houve descuido em não fechar a agulha.

Estaremos dentro deste snow-shed, de luzes acesas no vagão até talvez 3 da tarde.

7 ¾. Felizmente anda o trem. Raiou o sol para nós sobre montanhas cobertas de neve e de grandes pinheiros. Entramos noutro snow-shed. Trens de mercadorias e passageiros parados à nossa esquerda. Vamos seguindo bem.

Na subida das cristas do Summit há uma sucessão de tunnels e snow-sheds dos quais o maior tunnel tem 1659 p. de *c[omprimento]*. e os outros de 100 a 870.

Comprado snow-shed 23 milhas ao custo de 10.000 dólares por milha.

8 ¼ Summit — A estação vê-se quase coberta pela neve e gelo por entre as tábuas do snow-shed.

8h 40m. Donver-lake no fundo dos precipícios à esquerda. Ai morreram entre os gelos Donver mulher e filhos; outros imigrantes seguiram seu caminho a tempo. Isto sucedeu no inverno de 46 e 47, e o lugar ficou-se chamando Statawaton-Camp. Descemos desde o summit pelo próprio peso somente.

Truckee. 12 milhas S. lago Tahoe. 6.000 habitantes outro guia dá 2.000. Com muitas serrarias. Margeamos o rio Truckee que, as neves derretidas, tem engrossado. Está na Nevada-Country célebre por escolas públicas. Atravessado o Truckee para a margem direita. Corre rapidamente e um pouco encachoeirado. Antes de Bronco deixa-se a Califórnia. Atravessado para a margem esquerda. Outra vez para a direita. Verdi 4.915 pés de *a[ltura]*.

Nada de importante. Outra vez para a margem esquerda. O vale de Truckee é muito apertado às vezes.

Começam os sage-brush (espécie de alfazema) não muito longe do Reno 4.525 pés de *a[ltura]*.

1000 habitantes 2 jornais diários.

Passeamos entrando numa livraria com boas obras. Já havíamos feito o mesmo em Truckee onde li na parede de uma casa Photographic-Gallery.

Virginia-City onde há as célebres minas de prata está situada a 51 m. da estrada de ferro. Perto de Virginia-City ficam as de ouro de Gold-Hill. A de ouro de Cronstock Lode produzirá 25 milhões de dólares por ano depois de feito o Sator-Tunnel cujo tronco terá 19.700 pés de *c[omprimento]*. e os ramais 12.000. Custo de quase 4 milhões e 500 mil dólares. A 12m. *S[uperfície]*. estão as Steamboat-Springs, algumas de muito alta temperatura.

Vão-se vendo áreas cultivadas; mas abunda o sage-brush

Morros ao longe de ambos os lados, e os da direita com mais ou menos neve.

Estreito da bacia do Truckee pouco antes vi algumas manchas de neve nas faldas menos da esquerda. Agora não se vê neve de nenhum lado. Solo pedregoso. Algumas casas espalhadas.

1h $\frac{1}{4}$ Wadsworth - 250 habitantes limite ocidental do *[ilegível]* mas antes quase que o era já.

O Truckee foi atravessado outra vez pouco antes deste lugar.

Entrou um homem e perguntou-me se eu era D. Pedro I, à minha resposta II apertou-me a mão, agradeceu-me e foi-se, este foi o mais simples de muitos shakehands que tenho tido.

Wigwans e índios.

O reservation dos Piutes fica a 18 m. N.O.

1 $\frac{2}{4}$ duas casas isoladas. Nem mesmo há muito sage-brush Vê-se bem o álcali branco na superfície do solo denudado. Casas, e sacos empilhados formando um cercado. Hot-springs

A $\frac{1}{2}$ m[etro] da *s[uperfície]* estão as obras da companhia de extração de bórax as quais custaram 200.000 dólares.

Há ao longe à esquerda uma coluna de vapor de alguma hot-spring.

2h $\frac{1}{4}$. Nesta hora não andamos mais de 20m.

2h 35. Duas casas. Alarga-se muito a planície e descobre-se à direita uma serra com alguma neve.

Descobri à direita outra coluna de vapor muito distante. Casas e sinais de próxima estação. De ambos os lados descobrem-se ao longe nas curvas dos montes rochados de formas mais ou menos escabrosas. Algumas montanhas parecem cones truncados sobrepostos com bases de raios diferentes terminando em ponta.

Nada vi no lugar Mirage do fenômeno que lhe deu o nome.

Às 3 margeávamos o lago Humboldt que vi até 3 $\frac{1}{2}$. Está cercado de montanhas além das quais se descobrem outras, elevando-se do lado para onde vamos ao Rocky-Mountains ou Humboldt-Range com suas carapuças bem brancas. Já falei na vinda a respeito deste imenso reservatório de águas. V. o n° 11, de março, da Mining Scientific Press publicada em S. Francisco pg. 162.

Passamos às 3h 10' pela estação de Browns.

Temos visto hoje muito pouco gado.

Antes de Lovelock há o Grande Nevada Desert. A base do solo é argila e lava.

4 $\frac{3}{4}$ Rye-Ratch Estamos perto das Mountains-Rocky à direita. Humboldt.

5h 5. 7m. N.E. Star-Peak o mais alto Humboldt-Range, coberta sempre de neve.

2 $\frac{1}{2}$ m. S.E. 5 minas ricas de ouro e prata. Perto do coração da mina bórax. A uma milha passou-se à direita por uma mina de enxofre quase puro. Junto à estação há jardins com hortaliças e frutas, e defronte uma bonita fonte. O terreno foi irrigado. Dei um passeio. Levo uma linda amostra de enxofre nativo presente de um homem que me viu à janela do vagão.

Partimos às 6h Terreno alcalino e de sage-brush

6h 24'. Mill-City. A 18 m. S.O. Unionville rica mina de prata.

7h 25'. De Browns para cá andamos na razão de pouco menos de 25m por hora. Winnemucca (nome de um cacique Piute). Há muito minério de prata por estes arredores, e grande número de moinhos e fornalhas para extração da prata.

Achou-se o Daylybun de N.Y. de 25. Nada vi nele de novo.

8h Agora vou ceiar como de costume. O almoço é às 8 e o jantar às 3.

Cessa o diário até poder ver.

1 de maio de 1876 — De noite 236 m. (a 26 m. p.h) Um snow-shed agora. Outro. 3°, 4°, 5° mais de 6.000 pés de altura 6°.

É a Pequop-Range. Passamos de noite por Shoshone onde há ricas minas de cobre no Rose-Creek por Palisade a oeste, do qual está o Devill's Peak de cerca de 1.000 pés de altura.

Numa fenda do cimo deste há restos de um nicho de pássaro gigantesco de espécie extinta, ou da família condor por Elko com 1000 habitantes.

Ao N. da cidadezinha está a university que custou 30.000 dólares.

Por Wells cerca dos quais estão os Humboldt-Wells, cujo fundo não se achou e parecem crateras jorrando água ligeiramente salobra.

Por Independence. Grande parte do vale é muito produtiva e ocupada por sutlers.

Chegamos a Ivans 3 milhas atrás apenas de Salt-Lake; fim da bacia Humboldt 7 m. Passamos a linha ocidental do deserto. A maior parte da superfície deste é areia misturada de conchas marinhas e fragmentos fossilizados. Só em séculos futuros será este deserto habitado pelo homem.

Tonno está a 5964 pés de a. Tenho visto mais neve perto da estrada.

6h Seguimos. Colinas cobertas de sage-brush Algumas casas. Mais um snow-fence.

7h 10' Tecoma. Minas de prata e chumbo a 5 m. Indicações de carvão de pedra na vizinhança mas ainda não aproveitado sistematicamente. Poucas casas. Vasta planície de sage-brush

[Desenho]

morros à direita não muito altos.

7 ½. Vêem-se ao longe as águas de Salt-Lake. Passamos um lugar onde havia trilhos com vagões de carvão de pedra. Andou-se muito pouco e paramos. Passamos por depósito de carvão.

8h 5'. Terrace. Oficinas da companhia. N[orte]. vê-se a entrada para Thousand-Spring-Valey.

Partida 8h 35'.

9h À direita e pouco distante vasto plano de sal e no fundo o Salt-Lake. Natlin quase no centro E.O. do Deserto Americano de 60 m².

9 ½ aproximamo-nos de St. Lake.

10h 7' Kelton (ou Indian Creek). Daqui há linha para Idaho e Oregon. Todo o terreno esbranquiçado de sal. Tem já suas casas. Vi um carro com 5 parelhas de bestas. Sempre o mesmo deserto.

10 ½. A ilha do Salt-Lake parece pela miragem destacar-se da superfície do lago.

10 ¾. Como está verde-claro a água do lago apesar de não haver verdura nas margens! Montanhas cobertas de neve no fundo e por cima de uma faixa azulada superior a outra pardacenta que borda o lago verde-claro. Deste lado campo acidentado de sage-brush

11 ½. Passa-se entre colinas que escondem o lago.

11h 40' Promontory. Aqui se ligaram em 1° de maio de 1869 os dois trechos da estrada que vinham de Oeste, e de Este. Então a de Oeste só chegava a Sacramento.

O presidente da Companhia do Pacifico Loland Stanford (conversei com ele em S. Francisco. Muito simpático) pegou no martelo de prata e quando curvou o último prego estando o martelo ligado com os fios do telégrafo transmitiu-se logo a notícia deste sucesso a toda a Confederação.

Temos um trem adiante

2h Adiantei agora o relógio de uma hora por virmos para Este.

Acabo de dar um bom passeio. O trem que temos adiante descarrilou. Talvez percamos o trem de Ogden.

Vi um rompe-neve que puxado por 10 ou 12 locomotivas vai rompendo neve de 6 pés de altura com a rapidez de 33 m. em 50'.

4h Parados sempre. O trem que ia na mesa direção desencarrilou por causa de um boi. Cavalgaram 11 carros uns nos outros. Morreram 2 pessoas e 2 feridas. Soube-se isto pelos passageiros que vieram até cá. Um deles, gracejando, disse que o desastre sucedeu a 11 m. Oeste, que depois que por brincadeira fingiram num vagão que encomendavam um bêbado como morto.

Larga 7h 23'. pequena paradinha, e segue às 7h 29'.

O S. de neve. Atravessamos solo pedregoso.

Perto das 8 chegamos à vista do lugar do sinistro. Apesar de termos avisado por aviso telegráfico estamos 8 ¾ aqui. Já ceamos.

9 ¾. Acabamos de passar pelo lugar do desastre. Que montão de vagões! A locomotiva caiu para a direita e fora dos trilhos que percorremos. Graças a Deus!

10h 36'. Corinne. As terras circunvizinhas só carecem de irrigação para serem produtivas. Antes de Corinne ao N. de Utah ficou o Montana-Territory — Ai é que depois das explorações do Dr. Hayden e maravilhas que observou foi votado pelo Congresso o estabelecimento do Great-National-Park uma área de 55 por 65 milhas de extensão. Esta região tem a aparência vulcânica mais maravilhosa de toda a União. Acha-se aqui o geyser que durante horas jorra uma coluna de água a ferver de 15 pés de diâmetro e 150 de a. Outro jorra água quente a 200 pés de a[ltura] com mais de 1 pé de diâmetro. No que não creio é que o Yellow-Stone corre por tal plano inclinado de lajeado de pedra que na distância de 20 m. fica a água a ferver por causa da fricção!

Na estação próxima de Bonneville vêem-se nas montanhas os sinais das três alturas a que já chegou a superfície do S. Lake.

Perto de Union-Junction, última estação antes de Ogden há diversos hot-springs. Tem bonito hotel olhando para as Wistach-Mountais cobertas de neve que vou [ilegível] à minha esquerda.

Não me deitei ainda porque desejo saber se tenho ou não de ficar em Ogden por causa do trem.

Tenho visto o S. Lake do lado direito ao luar. Infelizmente há nuvens e névoa.

11h 44' Ogden. Seguimos daqui a pouco.

2 de maio de 1876 — 5 ¾ Evanston. Andamos 77 m. 6870 pés de a[ltura]

A 3 m. E[ste]. minas de carvão em Alma.

De noite passamos pelos pitorescos canyons e da árvore que marca 1000 m. de Omaha.

Antes das 7h seguimos.

7 ½ Hilliard. 12 m. estava a Bear-river-city (Beaver-City?) que foi atacada em 1868 pelos voughs, que fizeram diversos danos e destruíram o material do jornal Frontier-Index que ia mudando de lugar à medida que progrediam as obras. Campo de sage-brush com lençóis de neve — 1º snow-shed — 2º (comparo com os snow-shed a catimplora) aí paramos um pouco.

8h 5'. Seguimos. Mais 5 catimploras quase seguidas.

9h 7'. Passa-se Bridges terreno com pequenas colinas de sage-brush e pedregoso. Na parte dos snow-sheds e pouco antes e depois vimos snow-fences.

9h 25'. — Carter — Em Fort Bridger a 10 m. S.E. reside quase sempre o cacique dos Shoshones Was-a-kie. Chama-se Bridger de Jim James Bridger o mais notável pioneer do O[este].

Nesta região os mórmons cometeram grande depredação em um comboio de 230 pessoas, dizem só chegaram 80 aos estabelecimentos dos limites tendo também sofrido das facas dos selvagens e de fome. O acampamento do Fort também padeceu muitíssimo pela falta dos gêneros do comboio. Muitos dos soldados abandonaram suas companhias e partiram para S. Lake-City. Isto foi em fins de 57 primavera e 58.

[Desenho]

Do mesmo lado uma colina quadrângulo-piramidal. Ponte atravessada sobre o arroio Muddy. Outra.

10h 10'. Church Buttes. Solo com muitas ágatas. Colinas de ambos os lados com formação igual à desenhada. Snow-fences à esquerda. Nenhuma colina figura igreja. Passando outra vez o Muddy. Passa-se o Hammer's Fork.

10 ½ Granger. As terras do vale desse rio dão muito pasto e a parte superior feno. Talvez irrigados produzam pequenos cereais. Passa-se outra vez o Hammer's Fork. Já vemos o Green-River à direita e descemos pela margem esquerda.

11 ¼. Bogan. Descobre-se ao longe à direita uma serra cheia de neve. Atravessa-se o Green-River para a margem esquerda. Estação de Green-River 6140 pés de a[ltura].

[Desenho]

Da direita montanhas esverdeadas e com placas de neve. Tem bastantes casas. Atravessa-se o rio 12h 36'. Outra vez. Id. Id. Id. Terreno todo escabroso árido e cheio de Sage-brush Passa-se outra vez o rio. Não lhe achei a cor verde. Exploram-se os canyons deste rio e do Colorado em que se lança; mas não se acharam navegáveis.

1h 11'. Rock-Springs. Águas a ferver. Na ida bebemos água daqui quente e com gosto férreo. Nesta estação há um poço artesiano de 1.145 pés de profundidade. Perto minas de carvão abundantes e de boa qualidade. Tem bastantes casas. Atravessa-se o rio.

2h 12'. Snow-fence à esquerda. Deserto de sage-brush

2h 6'. Salt-Wells. Achou-se carvão no Creek (arroyo)

2h 25'. Terreno muito escabroso as colinas apresentaram-se às vezes como morros que parecem de adobe, ou antes terra amassada. Até aqui a mesma formação de Green-river.

2h ½ Point of Rocks bem posto. Há aqui um poço artesiano de 1.015 pés de profundidade, água abundante e pura. Minas extensas de carvão perto daqui.

O prof. Hayden diz que nestes rochedos encontram-se vestígios de uma palmeira de leque, que, na época de sua existência devia ter folhas de 10 a 12 pés. Há diversas cavernas. Cave-of-Sand; Hermit-Grott.

2h 37' Seguimos. A lua deve ter uma superfície quase como este terreno. Atravessa-se o rio. Outra vez algum tempo depois. Outra vez. Minutos depois outra vez.

3 ½ durante a ½ h do jantar passa-se 3 vezes o rio (ou antes arroyo de há muito). Deixamos Block-Buttes, mais uma vez se atravessa o rio. Percorremos grande chapada da mesma aridez. Table-Rock 6890 pés de altura. Está na extremidade do deserto. Antes de Green River já era árido terreno e desta estação até Table-Rock são 70 m.

4 ½ Snow-fence à direita.

4h 40'. Red-Desert. O solo é mau entre Table-Rock e Creston (38 m.). Compõem-se de ardósia e argilas calcáreas e apresenta um vermelho escuro de hidro-sesquióxido de ferro. Snow-fences destacadas à direita na campina que no princípio aparecia alagada. Snow-fences com neve à esquerda. Bastante neve entre snow-fences à direita. Mais snow-fences de ambos os lados com neve.

6h 6'. Creston 7030 pés de altura. A estrada vai passando por entre baixas e mais ou menos perto dela. Snow-fences à esquerda com neve. Separation

6h 20' — Assim chamada dos survayors que depois de terem estado durante as últimas 100 m. tomaram diversas direções para O. Há muitos poços artesianos ao longo da linha alguns dos quais perfurados em 18 meses. Snow-fences de ambos os lados mas não vejo neve. Rawlins

7h 6' 6732 pés de altura. perto há uma fonte sulfurosa. 30 a 40 m. ricas minas de prata dos distritos Ferris e Semi... A 2 milhas da estação uma mina de terra para pintar. Dei um passeio. É povoação que cresce. Tem oficinas da estrada de ferro. Vi peles de antilope, raposa e elk.

Partimos às 7 ½.

3 de maio de 1876 - 5 ½ da manhã. Snow-fences à esquerda. À noite passamos St. Marys-Wyoming onde ha uma espécie de sapo com chifres e cauda. Carbon onde se descobriu carvão pela primeira vez na Union-Pacific — R.Q. — como onde há lago do devil-fish com cabeça de peixe corpo de lagarto. Antes de Lookout na planície percorrida por elk sobretudo no inverno — gamos e antílopes. Wyoming povoação de alguma importância — Laramie City com 1000 hab. As planícies de 20 m. sobre 60 são uma das melhores seções para cria do gado nesta região.

Há oficinas da Companhia Fort Sanders posto militar considerável onde na ida tocou a banda de música e apareceram os oficiais. Passamos o Dale-Creek-Bridge, antes de Sherman, obra importante pelo comp. 650 pés e altura. 126. — Sherman — 8242, ponto mais alto de toda a estrada.

O termômetro Fahr. marca de 82° acima até 30 abaixo de O/este].

Há muitas fontes.

Não é a quantidade de neve que faz à estrada, porém o drift dela nos cortes.

Há oficinas da companhia — Granite Canõn. Há extensas pedreiras.

6h 16' Cheyenne 6041 pés de altura. Antes de chegar a esta estação alguns snow-fences à esquerda e passa-se um rio (agora arroyo).

Belo Inter-Ocean-Hotel. 3000 hab. Escolas e igrejas em número suficiente. O subsolo é milenar e contem fósseis marinhos em grande quantidade. Tribunal que custou 400.000 dol/áres]. Diamantes, esmeraldas e ágatas. Oficinas de pedra trazida de Granite-Canõn a 19 m. O. A estrada de ferro do Denver-Pacific vem a Cheyenne e vai a Colorado

Territory rico por minas de ouro; ferro, prata, carvão e cobre como por suas pastagens e florestas e que já tem milhões de carneiros e vastas manadas de gado.

A Denver-and-Rio Grande R.N. foi a primeira de bitola de 3 pés construída no Colorado.

Passei em Cheyenne onde tornei a ver o grande urso empalhado defronte de uma loja.

Vi um homem carregando 2 belos salmões, que disse serem de Oregon.

Partimos às 6 ³/₄. Percorremos planície ondulada coberta de relva. Snow-fences à esquerda.

7h Saímos de um dos catimlores (snow shed) que levamos poucos minutos a atravessar. Li 2 diários de Cheyenne, de hoje. Falam do desastre de Promontory, antes de ontem. Mais snow-fence à esquerda. Pine-Bluffs. À direita viram-se os bluffs. Já 42 m. de planície de grama. Adiantei ¹/₂ hora em Cheyenne relativamente à hora de Ogden.

9h Snow-fence à esquerda. Entre a passada estação e a de Antilope estão como dizem os plaint-men “The best grass country in the world”, excelente para engorda. Esta pastaria estende-se 700 m. N.S. a E. das Rocky-Mountains e cerca de 200 de lat. não incluindo a superfície dos vales.

9 ¹/₄. Deixamos Bushnell.

9h ¹/₂. Passamos por Antilope. Tenho visto desde a manhã casas espalhadas pela campina e algum gado, e cavalos.

10h 10' Potter — Aqui vem grande quantidade de madeira de 20 m. N.

Passamos Prairie Dog City, onde abundam Spermophilus-Ludovicianos. Vivem em buracos como corujas; cascáveis, lagartos de chifres e tartarugas. Os índios chamam-nos Wish-Tin-Wisch Na ida alguns viram-nos, porém eu não pude ver nenhum.

Pouco depois de Potter colinas pedregosas à esquerda.

11h 12'. Sydney. Porto de expedições às minas de ouro de Black-Hills. Passei como na ida. Há aqui um acampamento militar. A temperatura está fria. O termômetro logo depois de tirado da mala marcava 58°. Mandeï pô-lo ao ar. A companhia tem aqui oficina. Vi armando-se uma casa de madeira que não observara na ida.

Partida 11h 6'. Snow-fence à esquerda. O termômetro fora só desceu a 42 ou 43°. O aspecto do solo é quase o mesmo; mais acidentado.

12 h ¹/₂. Julesburg. Passamos. Daqui vai-se a Colorado; New Mexico, etc. Em junho de 1867 quando estrada chegava somente até aqui Julesburg tinha 4000 hab. Poucas casas agora.

Chegamos, 1h 4'. O braço S. do rio Platte que é longo e corre na nossa direção beirando-lhe nós a margem esquerda. O Platte lança-se na margem direita do Missouri.

1h 12'. Passamos por Big-Springs assim chamado por causa de uma fonte abundante; a primeira achada nesta estrada do lado oposto à estação. A água excelente, a melhor da estrada —

2h 10' — Ogallala à margem do braço S. do Platte. Perto daqui, há anos, os índios tentaram descarrilhar um trem, amontoando os pôneis adiante dele. Muitos pôneis foram mortos sem dano do trem enquanto os do trem usaram as facas e espingardas. Os índios que conheciam então a locomotiva chamaram-na “Smoke-wagon-big-chief! Ugh! No good!”

Vejo mais cabeças de gado perto da margem do S. Platte.

2h 35'. Alkali — Passa a galope um homem com um laço do lado esquerdo cavalo. Cercado de madeira e poucas casas; algumas cobertas de terra, como tenho visto pelo campo, durante a viagem. Vi há pouco, alguns prairie-dogs um todo fora do buraco.

3h 6'. O'Fallin's Bluffs ao sul do rio. Do lado oposto e estendendo-se para cima uma grande ilha acampamento dos índios. Daqui até Julesburg há o alkali-belt — cerca de 70 m. Tenho visto largas manchas brancas ao álcali sobre a terra. Aqui começam as melhores farming-lands.

3 ³/₄ — North Platte — Passei. Bom edifício para escola do 1° distrito. Bela casa já quase acabada para o Court. Três igrejas pequenas. Pouco próspera. Tem uma companhia de infantaria cujo comandante veio falar-me. Diz o guia que já houve aqui 2000, mas que estão reduzidos a centenas depois que a estrada continuou. Não me parece exato. Comunica-se facilmente com Big-Horn-Country rica em matas, carvão e ferro. Partimos.

4h 18'. Passamos 4h 28' em 3 a 4' muitíssimo devagar o braço N. do Platte. A água é muito amarela. Campina mais ou menos verde, linha de colinas ao longe de ambos os lados. À direita, mas não se vendo, corre o S. Platte. Willow-Island

6h Vimos à esquerda, antes de chegar à estação, fortes construídos de logs com loop-hales de todos os lados. Servem de refúgio aos settlers. Depois de passar Covote ao longo de cujo rio há muita madeira cotton-wood.

Deixamos 7h menos 13'. Plum-Creek. Em torno do antigo Plum-Creek houve muita matança dos primeiros imigrantes pelos Sioux, Cheyenne e Araphoe. Aqui em 1868 os Sioux atacaram um trem para roubarem. Depois vieram os Pawnees a serviço dos Estados Unidos e enforcaram 16 Sioux defronte do acampamento dos Pawnees.

As colinas que limitam à direita e esquerda esta vasta planície, estão muito afastadas.

7 ½ — Ainda se lê sem luz. Snow-fence à esquerda.

7h 35' El-Creek 2241 pés de *a[ltura]* — 272 m. de Omaha onde podemos estar da 5 para as 6h da manhã.

4 de maio de 1876 - Chegamos a Omaha 5h da manhã. Passamos de noite por Grand-Island 1000 a 1200 hab. Quando a estrada chegava até aí havia muitos búfalos, estendendo-se seu aparecimento até 200 m. para *O[este]*. Estes animais foram obrigados a atravessar o Platte vindos dos vales de Arkansas e Republican onde tinha invernado voltando de novo gordos no fim do outono; porém desde que esta região povoou-se poucos tem sido vistos. Em 1860 havia números imensos deles ao sul do Platte — perto de Fort Kearnx. Eram tão grandes as manadas que os imigrantes paravam até os búfalos atravessarem a estrada para Fremont com cerca de 3000 hab.

Tem 7 igrejas e belas escolas. Já 7 anos era a thiring plane in the midst of a beautiful country. A linha de Fremont and Elkim transportou em 1873 mais de 2000 carros de trigo — e para Elkhorn em cujas planícies há peru (turkey) selvagem, antílopes e gamos.

Omaha tem 18.000 hab. Na ida andei por ela. Belo edifício da Universidade ou antes high-school. Publica 3 diários em inglês e também em alemão; outro boêmio e outro escandinavo. Há oficina da Companhia. O edifício do correio e tribunal tem 4 andares e custou 350.000 dol[áres]. Visitei então as Smething-Works para separação da prata do chumbo e ouro no valor anual de 1.000.000 dol[áres]. A companhia erigiu no seu depot uma casa para emigrantes. Omaha está a 9660 pés *a[ltura]* do mar.

Na ida seguimos de Omaha para Dunlau, Denison, Tip-top, etc. Agora voltamos para outra linha a Chicago. Temos de andar 504 milhas a 20 por hora fazem 25 a 26 horas.

6h 7' — Saimos e vamos atravessar o Missouri em ponte de ferro com dormentes de madeira no que gastaram-se andando devagar quase a passo de cavalo 8'.

O rio deixa grande parte do que cobre descoberta. Até Council-Bluffs a 11 m. Mesmo caminho da ida. Planície como a mesma entre Sydney e Omaha (410 m.). Estivemos muito tempo parados junto a diversos trens, mas enfim 6 ¾ partimos — Tornamos a parar. Move-se de novo. Passa por oficinas.

7h Creio que vai agora seguindo. Para em Council-Bluffs. Vi bonitas casas com jardimzinhos. Adiantei o relógio de ¾ em relação a Sydney.

8h 10' partimos. Terras cultivadas, mas água como de inundação em diversos lugares. Choveu de noite e está com aspecto chuvoso. Menos frio que ontem.

Na direção que seguimos na ida nada houve de notável. Tenho lido bastante dos guias, o 1º volume das poesias de Bryant, poesias de Miller, que sinto não ter encontrado em S. Francisco — achava-se em Inglaterra onde de certo há de ser devidamente apreciado, assim como Bret-Heart que está em Boston — e agora leio a viagem de ao *O[este]*. dos Estados Unidos de Kirchoff.

Não sei se falei do Tabernáculo Mormón que visitei em S. Lake. Admite de 7 a 8.000 pessoas e tem imensa cobertura de abóboda de madeira que não se apoia em pilares. O órgão é imenso e tem 3.000 tubos. No tempo frio por não ser possível aquecê-lo celebra Brigham Young noutro menor ao pé daquele.

Tocamos em Pacific-Junction donde seguimos às 8h 35'. Antes vi campos de milho já colhido.

9h 6' — Passamos Glen-Wood. Casas com jardins, árvores — É capital de Mills Country

9h 10' — Passamos por Hillsdale com bastantes casas e uma igreja pequena — parece-me.

9h 20'. Passamos por Melvern. Tem bastantes casas, e vejo 2 igrejas sobre uma colina à esquerda. Passamos por plantações de milho já colhido.

9h 32' Hastings — Tem suas casas e um hotel Perry de bonita aparência. Tenho atravessado desde Omaha muitas pontes cobertas, como tenho notado são quase todas na estrada de ferro.

9h ¾. Emerson. Bastantes casas. Vejo como uma igreja. Passaram-se mais 2 pontes cobertas. Na estrada do pacífico observei que junto a cada ponte telegráfica vê-se o topo de um pau saindo da terra. Creio que é um pau enterrado para suprir a falta do poste. Noto de certo ponto para cá cercas de ambos os lados desta estrada.

18h 13' — Red-Oak e bastantes casas (antes passamos por Harthorn, porém não o notei); Vejo igreja grande; vejo um grande edificio que deve ser escola ou Court-House ou City-Hall.

Passamos por Stanton. Bastantes casas. Vi uma igreja. Houve interrupção de cercas em lugares necessários, mas voltam agora. Na estrada do Pacifico faltam as cercas e por isso os animais embaraçam os trens.

11h Villisca. Bastantes casas. Vejo um edificio grande, que parece-me escola.

11h 13'. Nodaway — lugar de mato sem folhas ainda agora — milharais — terras muito bem cultivadas — Ponte sempre cobertas.

11h 22' — Brooks. Muito poucas casas.

11h ½ — Corning. Bastantes casas. Grande edificio.

12h 13'. Prescott. As terras anteriores pouco cultivadas. Não muitas casas. O gado visto até agora não é muito bonito. Bonito terreno acidentado e cultivado.

12h 6'. Cromwell com algumas casas. Vejo um pequeno hotel.

12h 21'. Creston. Grande povoação. Há oficina da estrada de ferro. Vejo a imprensa do Democrat; uma Libray-Building de sobrado.

Saimos a 12h 34'. Parece-me ver um poço artesiano em perfuração ou poço de moinho que se faz de vento. Terreno bem acidentado onde pasta gado.

1h 5'. Afton. Tem algumas casas. É o nome de quem fez os gastos da expedição científica de Agassiz⁰⁰¹ ao Brasil.

1 ½ Murray. Algumas casas espalhadas. Vasta campina cultivada.

2h 5'. Passamos por Osceola. Povoação de alguma importância. É o nome de um índio da Flórida que viajou pela Europa onde se instruiu e depois veio guerrear com a sua tribo os Estados Unidos.

2h 25'. Woodburn. Tem bastantes casas. Vejo uma à esquerda sobre a colina que parece escola.

2h ¾ Lucas. Algumas casas. Vejo ao longe à direita sobre uma colina como uma caixa de água. Terreno muito acidentado. A estrada atravessa colinas. Lindo campo à direita em colinas. À esquerda também se desafoga o terreno.

3h 5'. Chariton 800 p[és]. acima do mar. Está em linha divisória das águas do Mississippi e do Missouri. Tem suas casas.

3h ¾. Já deixamos Chariton. Tem bons edificios; um dos quais parece-me escola e oficinas da estrada. Terreno plano todo cultivado.

4h Russel. Tem suas casas pequenas e maior a Railroad-House (hotel).

4h 20' Melrose. Algumas casas. Pequena igreja sobre a colina da igreja. Atravessamos terreno quase que de árvores ainda em esqueleto.

4h 50'. Tyrone. Poucas casas. Derrubam as árvores à direita. Atravessamos um mato de esqueletos de árvore e várias pontes cobertas.

5h Albia. Casas pequenas. Não se vê bem, por ora, a estrada atravessa a povoação numa cava. Agora vejo casas boas e uma igreja. Parece ser escola um grande edificio. Terras planas cultivadas.

5h 24'. Frederic. Poucas casas, mas lá está o hotel. Casa grande numa colina à esquerda.

5h 35' Chillicothe. Poucas casas. Outra ponte coberta, creio que por ser de madeira. Outra. Mais uma. Mato. Outra ponte coberta. Outra.

5h 44'. Chillicothe — bastantes casas. Rio largo, na esquerda, cuja margem esquerda percorre-se. É o Des Moines River.

6h 6'. Passado o Des Moines em ponte coberta. 6h Ottumwa. A maior cidade entre o Missouri e o Mississippi. Já vi uma Iron-Works; Pluring-Mill; torres de igrejas e grandes edificios. Vê-se à direita sobre o Des-moines aproveitando uma ilha, uma bonita ponte de ferro sobre 6 pegões de madeira até à ilha. Vi oficina na estrada, Gasômetro e um grande edificio à esquerda com aspecto de escola.

Às 6h e 20' ficara atrás Ottumwa 285 m. de Chicago. Margem esquerda do Des Moines à direita.

6h ½ Agency-City. Algumas casas e parece-me ter visto uma boa casa de escola com para-raios. Hoje e em Salt-Lake-City é onde tenho visto para-raios.

7h 12' Batávia. Vejo a chaminé de uma fábrica que não parece pequena. Bastantes casas e pareceu-me ver uma boa casa de escola. O terreno de belos campos cultivados e muitos sem folhas que mostram mais ou menos cortes.

7h 12' Whitfield. Não pude ver bem.

7 ½. Fairfield. Pouco depois das 10 que me deitei e estivemos parados em Burlington passou-se o Mississippi numa grande ponte de ferro. Burlington tem a University, uma livraria pública e belas casas. Fairfield tem um land-office, um seminário de meninas e um colégio do Estado. De noite passou-se Mount-Pleasant com o Whittler College e Werlegan University e diversas boas escolas.

5 de maio de 1876 - 5 ½. Vamos atravessando campos cultivados. Até o Mississippi estávamos no Iowa. Agora estamos no Illinois. 5h 40' Aurora. Cidade de mais de 10.000 hab. sobre o Fox-river que dá força para numerosas importantes fábricas (atravessamos o Fox em ponte de ferro). As oficinas da estrada empregam 700 homens.

6h 9'. Seguimos.

6h 22'. Lugar com algumas casas bonitas.

6h 27'. Passamos Claredon Hills. Algumas casas e bonitas. Hinsdale bastantes casas e algumas bonitas. Western Springs: bonitas casas. O trem vai em disparada. West-Lyons. Lindas casas com jardins. Passaram arrabaldes de Chicago. Atravessamos um rio (creio que Des Pages-River) em ponte de ferro. La Grange. Bastantes e bonitas casas. Vejo uma igreja à esquerda. É River Side. Algumas casas, campina muito verde.

6h 40'. Clyde. Plantações. Muitas casas; algumas grandes e bonitas e igreja não pequena à direita.

7h 9'. Vamos chegando a Chicago.

9h 10'. Já estou de volta ao trem há algum tempo. Embarquei num pequeno Ton boat e fui ao lugar a 20 m. no meio do lago onde entra água nos dois tubos que a conduzem aos Water-works da cidade. O lago estava um pouco agitado, mas atracamos bem ao edifício de pedra onde estão as extremidades dos tubos. Também há um farol e um sino para os fogs. Perto do edifício viam-se os mastros de um navio naufragado no lago.

O Bom Retiro⁰⁰² disse-me que um termômetro marcava 2° acima de 0.

Voltamos pelo rio e tomamos pelo braço S. até perto da estação. Vimos na ida e na volta de passagem casas de elevadores — uma das curiosidades de Chicago mas que não tive tempo de visitar.

Na minha primeira passagem por esta cidade de 400.000 almas corri suas ruas de casas, palácios e visitei as Water-works, que tem uma imensa máquina motriz para as bombas talvez tão grande como a que vi em Hamburgo.

9h Já andamos há minutos.

9h ½ Imensa casa à direita Wilson Sewing Machining Co. com torre de relógios e grandes anexos. Englewood já passou.

9h 40' passamos por Grand-Cross. Bastantes casas e grandes. Passa-se em ponte de ferro. Calomar-River. Tem alagado. Campos de cultura e árvores em esqueleto ainda.

10 ½ Valparaiso. Povoação grande. Oficinas da estrada. Grande Woolen-Manf. Co. Bastantes casas.

11h 7' Wanatah Bastantes casas. Uma igreja, e uma capelinha de madeira à direita. Continuam os campos cultivados. Antes deste lugar vi colinas à direita com bastante árvores sem folhas.

11h 42' Plymouth Bastantes casas. Parece-me ver à esquerda um belo City-Hall. Vejo torre de igreja à esquerda. Outra igreja mais longe. Saímos de Plymouth

11h 50'. Atravessamos bosque estreito e pouco comprido. Etna-Green.

12h 7'. Não sei que lugar. Bastantes casas, mas pequenas.

12 ½ Warsaw. Bastantes casas e algumas grandes e uma igreja muito pequena. Parece-me ver uma grande escola à esquerda.

12h 40'. À direita vê-se o Wabash (margem direita) que corre para o Ohio (margem direita) que se lança na margem esquerda do Mississippi abaixo da confluência do Missouri que se lhe reúne pela margem direita. Estamos no Estado de Indiana desde perto de Chicago-Kasciuski — Algumas casas (a cruz denota que não são estações)

1h 5' Pierceton. Considerável. Parece-me ver boa escola e vi igreja.

1h Larwil. Tem suas casas. Columbia. Bastantes casas. Vi uma igreja.

1h 40' o tempo tinha ficado melhor, porém aí está começando como ontem, e a temperatura desceu bastante.

1h ¾ Fort-Wayne. Grande povoação. Igreja elegante com 2 torres. Oficinas da estrada. Belos edifícios.

2h 8' Partimos. Campos bem cultivados e pequenas matas. Muita lenha cortada à beira do caminho.

2h 25' Moroeville com suas casas e uma grande.

2h 48' Dixon. Poucas casas. Mata. 3h 3. Pequena povoação com igreja.

3h 10' Van-Wert. Grande povoação com belas casas. Muito bela City-Hall quase acabada. Uma Paper-Making. Cidade de Ohio. Na Indiana e no Ohio a terra está mais dividida e muito bem cultivada.

3h 40'. Atravessamos uma canal (Settle-Madama) em Delphos. Povoação considerável. Igreja grande numa rua à esquerda.

4 ½. Passamos por Lima povoação considerável. Com uma bela City-Hall segundo me pareceu. Depois passamos outra povoação. Antes dela vi bonitos carneiros. Desde minha ida a S. Francisco que não vira mais carneiros durante o trajeto.

4h 26'. Ada. Com bastantes casas.

5h 7'. Outra povoação com bastantes casas. Vi uma igreja. O trem vai botando 30 m. ou mais por hora. Outra vez carneiros, mas não como os outros.

5h Forest. Suas casas. City-Hall bonita, 2 igrejas. Quase sempre terrenos planos bem cultivados.

5h 11' Kirby. Com suas casas e algumas bonitinhas.

5h 20' Chegamos a Upper Sandusky. Tem bastantes casas. Partimos

5h 26'. Adiantei 29' em relação a Chicago. O tempo está quase como o da tarde de ontem. Durante não tem chovido [sic] mas chuviscado mais ou menos. A temperatura tem subido.

6h 6'. Passamos por uma pequena povoação.

6h 9'. Passamos povoação maior. Vi igreja.

6h ¼. Atravessamos uma mata, porém já teve corte por mais tempo que anteriormente. Torna a mata.

6h 21'. Chegamos a povoação considerável. Bonita City-Hall. Igreja e um belo edifício que parece escola. Grande fábrica. Chama-se Buycrus.

6h ½. Poucas casas reunidas à direita.

6h 35'. Robinson. Tem bastantes casas. Mata como a anterior; mas interrompida por culturas.

7h 14'. Bastantes casas. Oficinas da estrada. Igreja. Uma grande Lock-works. Estamos em Crestling. Seguimos às 7h 9'.

6 de maio de 1876 - 5h 21'. Ontem de noite vi deitado a chegada a Pittsburg cerca das 2 da madrugada depois de atravessar em ponte de ferro um largo rio (o Ohio). Tomamos aí um trem especial e seguimos para Oil City. Ontem de noite umas senhoras redatoras de um diário contra a intemperança quiseram ver-me. Vieram a meu vagão. Tendo uma que se lhes agrega perguntando-me notícias de Valparaíso pensando que esta cidade estava no Brasil, e eu respondia que não, a mais esperta levantou-se logo, como que receando mais asneiras e todas as 4 se foram.

Vê-se do outro lado do rio Allegheny a povoação de Parks-land.

5h ½. Atravessamos o Allegheny para a margem esquerda por uma ponte de pau coberta, não pequena.

5h 34'. Crocksburg lugarejo bonito beirando a margem esquerda do rio. Bonita ponte de ferro suspensa à esquerda atravessando o rio.

6h 12'. Passamos uma bonita povoaçãozinha. O rio corre entre altas colinas cobertas de mato já rarefeito. Adiantei o relógio em 33'. Desde ontem que torno a ver pereiras e pessegueiros todos floridos. Vi há poucos alguns destes junto ao rio, lindíssimos.

7h 7'. Pequena ilha com árvores e casas no meio do rio, cujas margens são bonitas. Pequeno monumento de mármore cercado de grade ferro à margem esquerda do rio que percorremos. Do outro lado vê-se a encosta das colinas cultivada.

7h ¼. Atravessamos o rio em ponte coberta que me pareceu de ferro. Tenho visto poços de petróleo à margem oposta do rio e um até com o tubo botando labaredas. Vi-os também nesta margem.

7h 26'. Muitos poços nesta margem. Vi ontem muita madeira cortada assim como na minha viagem à S. Francisco, mas os Estados Unidos ainda tem 1.460.000.000 acres de florestas.

7h 25'. Franklin. Povoação considerável na margem oposta com três igrejas cujas torres vi. Ponte ligando as duas margens. Na região oeste dos Alleghanies e norte de Ohio incluindo O. Virginia e Kentucky há 2.359 fornalhas de fábricas das quais só 709 não trabalham.

7h ½. Povoação pequena na margem oposta com bastantes poços de petróleo.

7 ³/₄ Oil-City. 10h Partimos. Dei um passeio de carro pela cidade de 8.000 hab. com bons edifícios e 5 escolas das quais high-school. Encontrei aqui Mr. Cone que vai como cônsul para o país e acompanhou-me. Deu-me um livro Petroleo. Visitei uma refinação de petróleo intitulada Imperial Company. Faz ordinariamente 300.000 barris por ano de petróleo refinado. Deu-me amostras dele e de lindíssima parafina. Está abrindo um poço que já tem 400 pés esperando achar petróleo a 620. Encontrou já terreno impregnado de petróleo. Rio abaixo é que há poços mais produtivos; há um de 2.100 pés. Na cidade os poços não jorram, tira-se petróleo a bomba. O petróleo vai para a fábrica que vi por tubos de 5 a 6 milhas de distância. Tem tanques para 100000 barris e uns de 20.000. O petróleo entra por tubos nos barris e as torneiras fecham-se por si mesmas quando os barris estão cheios. São barris de grandeza ordinária. Tem uma escoadeira que vai ao rio para o caso de incêndio nos tanques de petróleo. O último processo de refinação faz-se com ácido sulfúrico e soda cáustica em um grande tanque, onde o ar por meio de bombas agita o líquido. Vamos parar em caminho para ver um poço que dá 40 barris por dia, mas poço onde jorra o petróleo só na distância de 10 léguas. Há 75 anos estava este vale desabitado.

Também há aqui carvão (betuminoso) e minério de ferro. A maior parte das árvores são white-oaks. Desde antes de Pittsburg que estamos na Pensilvânia. O monumento de mármore comemora a morte de 2 homens pela explosão numa fábrica de nitro-glicerina.

11h 36'. Hemington. Povoação pequena, mas com algumas casas bonitas da margem esquerda do Alleghany que percorremos.

12h 6'. Acabamos de ver um poço de bomba que dá 50 barris por dia de petróleo. Descemos a ribanceira até perto do rio nesta margem esquerda. O rio tem quase todo ele sobretudo em Oil-City como manchas de azeite boiando. O verdadeiro distrito dos poços são estas 2 milhas que percorremos.

12h De Parkers capital do distrito de Oil, onde há muita gente na ribanceira, direita cheia de casas, assim como a colina que a domina, festejam a minha passagem com lenços de perto de uma casa com o pavilhão americano, provavelmente a City-Hall.

12h 6'. Mina de carvão. Desce ele por uma calha de madeira do alto da colina da margem esquerda até o lugar onde o embarcam por um guindastes.

12h 32'. Bela e grande ponte de ferro à direita, que atravessa o rio para outro lado onde há fábrica. Deste lado há bastante casas e algumas boas. Muitas tábuas. Leio no diário de Oil-City de hoje o Dayly Dernok que nos primeiros 4 meses deste ano o petróleo exportado da região dele foram de 2.327.982 barris.

1h 10'. Atravessado o rio em ponte coberta de madeira. Pelo que leio no diário citado creio que os festejos do Exchange no momento acabado de construir. Povoações maiores ou menores de cada lado e diversas minas de carvão que embarca do mesmo modo já mencionado. Passou-se.

1h Outra vez o rio em ponte de madeira coberta. Vejo um vapor no rio empurrando para cima uma barca chata de forma quase quadrangular, como já vi outras neste mesmo rio, há pouco. Casas com terrenos bem cultivados e pereiras floridas nesta margem do rio. Vi pinheiros bonitos perto da estrada. Bonitos viveiros de plantas perto da margem que percorremos.

1h ¹/₄. Grande povoação com igreja, fábricas e grande City-Hall, segundo parece. Chama-se Kittanning. Paramos perto de Bismark House. Bela Court-House com prisão. Curiosos barcos formados quase unicamente de tábuas horizontais com um ressalto muito baixo.

1h 40' Margens de ambos os lados muito bem cultivadas com casas pequenas. Passou-se o rio em ponte coberta de madeira. À direita fica uma bela ponte de ferro atravessando o rio. Tree-port. Grande povoação nesta margem.

3h menos 5' Arnolds, com casas bastantes e bonitas. À margem oposta com muitas casas e muito cultivado. O trem vai a mais de 30 m. por hora.

2h ¹/₄. Muito bonitas casas e plantações nesta margem. Um Paper-Mill à direita que não parece pequeno. Fundação grande à esquerda. Imensa Work-House na margem oposta. O rio já há muito que não está azeitado. Repetem-se fábricas numa e noutra margem.

3h 36'. Chegados a Pittsburg.

6h ³/₄. De volta ao trem. Igreja Cathedral Católica S. Paulo (Bispo) bela de pedra gosto romano. A mais elegante que tenho visto. City-Hall de pedra. Muito suja por dentro mas grande. Fica a perder de vista da de Sacramento. American Iron Works: 3000 trabalhadores. Consome por dia 20 a 30 ton. de ferro. Tem sua mina de ferro de 35% que extrai do

outro lado do rio Monongahela. O carvão de pedra vem de mina própria por um caminho de ferro por onde desce até a fábrica por seu próprio peso. A oficina de fazer pregos por máquina é a melhor que conheço de todos os países. Faz a obra de ferro mais procurada somente. Pequeno montinetes a vapor. Emprega para o fogão de preferência a pressão circular com máquina motriz de 3.000 cavalos. O outro motor é de 2.100. Depois fábrica de vidro mas não flint. Ordinária apesar de seus 400 trabalhadores o [ilegível] com o de Perth e maior altura de onde se domina a cidade e os 2 rios Monongahela e Allegheny vendo-se depois de sua confluência o Ohio — Vista belíssima.

Passamos primeiramente por uma ponte coberta para o bairro de Birmingham, o das fábricas e do elevador; depois por segunda ponte coberta para ir à Penitenciária que tem perto de 400 presos dos quais só 6 mulheres. Não é tão boa como a do Rio, apesar de ser do mesmo sistema. Auburn. A primeira escolha onde há poucos anos fundaram livraria e escola-capela, é verdade que estas só as admite o sistema que não é reclusão celular completa. Quem me levou aí foi o Travelli com quem muito simpatizei por seus bons modos e inteligência. Disse-me que tinha estabelecido aqui um jardim Fraebil para crianças, sinto não ter tempo para vê-lo. Informou-me que haveria um na exposição de Filadélfia, onde talvez torne a encontrar o Travelli.

Vi num morro, mas de longe o Soldier's Monument que pareceu-me artístico com estátuas, etc.

Informaram que havia um bom observatório com um excelente telescópio, e creio que o último planeta dos 140 e tantos descobertos entre Júpiter e Marte o foi aqui há meses. Esta estação é grande e com fachada grande.

Também conheci aqui o chefe de Polícia L. Donnelly, que esteve 9 anos no Brasil e fala bem português. É muito estimável e vivíssimo. São 2 que, como Wood e Roosevelt em New-York, me deixaram gratas lembranças.

A cidade é a de Birmingham ou Sheffield dos Estados Unidos. Tem também casas elegantes para o lado da Penitenciária que fica perto de um jardim público bonito. Sinto deixar tão cedo Pittsburg.

São 7h 10' e daqui a pouco sigo para Washington aonde espero chegar amanhã às 9 da manhã. Disseram-me que havia o projeto de reunir o Monongahela por meio de um canal ao ponto de Baltimore.

Fizeram um açude no Monong acima de Pittsburg para dar mais fundo ao rio. Os navios sobem por meio de comporta e navegam até 90 m. acima de Pittsburg pelo Monong.

Partimos às 8h ½ cada um diz sua hora e as tabelas impressas iludem.

A velocidade foi a princípio de disparada mas agora 9h 20' vai regularmente.

Vi há pouco à esquerda uma fileira de fogos creio que de chaminés.

Nos limites do que se chama Pittsburg há 35 m. de manufaturas de ferro, vidro, aço, cobre, petróleo, madeiras, algodão e brasa. Estas 35 m. são de manufaturas não contíguas que se fossem postas numa só linha cada uma teria 400 pés de frente. São 475. O comércio de carvão de pedra era 74 de 10 milhões de dol. anuais e há 103 minas (collers) nas vizinhanças de Pittsburg.

7 de maio de 1876 - 5 ¾. Temos passado diversas pontes cobertas de madeira. Viu-se o Susquehanna. Terreno acidentado de colinas.

Às 5 passamos Harrisburg, capital do Estado de Pensilvania com quase 25.000 hab. Daí tomei à direita deixando a estrada que seguia para Washington. Vi-a ao levantar-me.

York. Sobre o Codorus Creek. A Court-House custou 150.000 dol[áres]. Tem de 11 a 12.000 hab. 18 igrejas. 3 bancos.

6h 26'. Passou-se um pequeno túnel.

6h 36. Hanover Junction.

7h menos 6'. Glen-Rock Algumas casas sobre colinas.

7h ¾ Glen-coe. O trem nas volta perto daqui tem dado terríveis boleios. Passamos por vales estreitos entre colinas. Casas espalhadas por estas. Margeamos o Gun-Powder pela esquerda. Atravessamo-lo em pequena ponte descoberta. 8h lugar desafogado. Bonitas casas com jardins à direita e à esquerda. Campos pequenos de relva e plantas.

8h 7'. Já passamos por Texas com bastantes casas. Depois de Baltimore Junction, pouco depois das 8h passamos o 1º túnel, 2º maior, 3º menor, 4º muito pequeno, todos por baixo de Baltimore. Caminhos bonitos com muitos jardins e casas bonitinhas — grande cemitério à direita.

9h 4'. Atravessei um rio pequeno. Vista mais desafogada. Bastantes casas e chaminés parecendo de fábricas à direita ao longe. Atravessamos por entre árvores onde houve já corte. Vejo grande número de pinheiros. Passei outra vez um rio pequeno. Campos cultivados com árvores e pinheiros alguns daqueles já com folhas.

8h 23'. Bowie, com algumas casas.

9h 40'. Aproxima-se Washington. Vejo ao longe o Capitólio. Belo descampado. Margeamos o Potomac. Passamo-lo.

8 de maio de 1876 - Antes de chegar à estação de Washington que não corresponde a uma capital de Nação passou-se um túnel. Ontem depois de descansar um pouco neste hotel Arlington que não é digno de descrição fui à missa de St. Mathew. Igreja pequena e cantoria péssima. Notei que as pessoas de cor ocupavam um lugar separado na galeria. Sermão medíocre por um padre perto de 80 anos, que pediu aos diplomatas por uma missa mais cedo que a conventual todos os domingos 80 dol[áres] por mês.

Depois fui ver o Capitólio. Aspecto majestoso. Agradou-me muito o todo da arquitetura. Tudo o que é escultura é medíocre. As salas são baixas e escuras de dia. Há escadarias belas sobretudo pelo mármore cor de chocolate de Tenessee.

Os quadros representando a batalha do lago Erie, a proeza do Cap. Perry feito por um Powell e duas vistas de Yellowstone e Sierra Nevada por Moran são bons. Os baixos relevos de um Pérsico Causici de Verona na rotunda de espera são menos que medíocres. A cúpula da rotunda está bem pintada. Representa a apoteose de Washington e também os descobrimentos de Franklin. Subi até a última galeria da rotunda por quase 400 degraus desde o segundo andar. Há numa das salas um retrato a óleo de Washington feito por um Rembrandt no tempo dele que é bellissimo. Ficou a livraria para hoje. Retirei-me para o hotel e falei ao Geo Bancroft, o historiador, que veio de Berlim inteiramente partidário da política ao menos em torno de Biowarek, Thornton ⁰⁰³ ministro inglês, e o astrônomo Newcomb.

Jantei às 4 e depois dei um passeio por Georgetown e terras do General Lee que o governo confiscou e onde se enterraram mais de 12.000 homens mortos na batalha de Bullrun.

A vista de Washington das alturas de Arlington é muito bela destacando-se no fundo o Capitólio. O monumento que erigem a Washington é por ora uma torre que querem que seja a mais alta do mundo — é verdadeira Babel. Hei de vê-la melhor depois e mandar para ela uma pedra do Brasil como o tem feito diversas Nações.

Às 7 estava no observatório. Muito bem montado. O telescópio maior é de refração e a ocular tem 36 pol. de dianteiro; a maior conhecida. Pareceu-me bom. Vi a estrela dupla Gama Leonis, Alfa da mesma constelação e Arturas. Os movimentos do telescópio e da cúpula são facilísimos assim como o meio do observador se colocar convenientemente. Excelente cronógrafo e registradores elétricos. O regulador elétrico da hora a que já correspondem 4 relógios na cidade não é tão perfeito como o do observatório do Rio. Não achei o cronógrafo estabelecido com toda a estabilidade precisa. O relógio Standard para as observações está muito mal colocado. Pedi todas as publicações do observatório. Todos pareceram-me muito inteligentes e conhecedores dos trabalhos dos Liais no Rio. O Newcomb falou-me sobretudo na nota do Liais para as observações da passagem de Marte para a determinação da paralela que Newcomb pensa que melhor se achará pela medida da velocidade da luz. Mostrou-me um espelho feito pelo sistema Foucault para experiências que ele quer fazer a respeito da velocidade da luz melhorando aquele processo. O Diretor o Comodoro David que estava no Rio e levou-me carta do Agassiz foi quem pareceu conhecer menos o observatório. Creio que se ocupa só de que é direção administrativa.

Voltando dei um passeio pelos jardins da repartição da Agricultura e do Smithsonian Institute. Luar muito lindo. À tarde entrei num jardim com a estátua equestre de Washington — por um Clark Wills.

Vi no Capitólio um busto de mármore de Crawford feito por ele mesmo, que pareceu-me obra artística.

Fez muito calor de noite.

A cidade de Washington está bem colocada e tem 4 monumentos: Capitólio, Patent-Office, Tesouro e casa que fazem ainda para as repartições “Estrangeiras, Guerra e Marinha”.

O Post-Office também é grande o edifício bem construído.

8 de maio de 1876 — Antes do almoço fui ao Smithsonian Institution. Os objetos mais curiosos foram para Filadélfia onde encontrarei o professor Henry, que muito me agradou e era amigo íntimo de Agassiz, que muito me falou

nele. Mostrou-me todo o estabelecimento. Há belos modelos em gesso de animais fósseis. O túmulo de Sétimo Severo não está acabado mas indica que fosse dele.

Neste instituto recebem-se publicações de todas as partes que são enviados para a biblioteca do Congresso e enviam-se obras para as diferentes sociedades que se acham em correspondência com o Instituto.

Há quartos para até 20 pessoas que aí comem também e estudam ou completam seus trabalhos científicos. Tem um jardim anexo.

Às 10 fui ver o botanical-garden que me agradou pela variedade de plantas exóticas. Vai publicar um catálogo. Fica junto ao Capitólio aonde eu fui e vi a biblioteca de 300.000 volumes. É bela porém não chega no arranjo ao do British Museum, e da nova planta da Biblioteca Nacional de Paris.

Assisti à reza da abertura da Câmara ao meio dia. Vi a Supreme-Court cujo aspecto impôs-me respeito. São 9 magistrado — todos presentes — que dizem são de uma reputação ilibada.

Fui depois visitar o presidente ⁰⁰⁴. Seu aspecto é grosseiro. Pouco fala. A nora é muito amável. A mulher feia e vesga faz o que pode para ser amável. O filho parece rapaz muito inteligente. Mr. e Mrs. Fish agradaram-me muito.

Passei num jardim onde havia árvores de pequenos pendões de flores brancas cujas folhas que o vento levava arremedavam queda de neve.

Tornei ao Capitólio.

Estive no Senado para ouvir a defesa do Ministro Belknap pelo advogado Back. Gostei do modo porque este falou. Com muita lógica. Vi lá e falei ao Ministro da Dinamarca Linden Krone e sua mulher ex-Mrs. Malton que muito me agradaram.

Acabo de falar ao General Sherman que é muito simpático e alegre, ao secretário da Guerra Wood e ao irmão de Barbacena que tocava rabeça com meu Pai; quando Mme. Gabrielle tocava creio que harpa.

Depois de jantar fui à imprensa nacional. 1200 trabalhadores. Salões de 300 pés de comprimento e 76 de largura, para composição, prensas das melhores — uma imprime 7.000 folhas de ambos os lados numa hora. Disseram-me que a máquina não dobra perfeitamente; porém depois o diretor confessou que o governo não adota essa máquina nem a de coser para empregar mais braços. Bela oficina de encadernação — encadernam muito solidamente e com gosto. Há 500 mulheres empregadas. A oficina da eletrotipia é mesquinha. Imprime só para o governo na razão de 700.000 impressos por ano e encadernam na mesma razão. É um estabelecimento digno de ver-se. Montou-se em 1861.

11 de maio de 1876 - O tempo esteve bom durante a festa. Ouvei mal a marcha composta por Wagner. A cantada agradou-me muito e o basso Myron de Bastim é excelente.

Já corri quase toda a exposição. É imensa. Não fazemos figura decente.

À noite fui a um sarau em casa do ricoço Child onde estão morando o presidente Grant e Ministro Fish. A casa é muito bonita; mas pequena para tanta gente. Fiquei conhecendo muita gente. Conversei com o poeta Joaquim Miller. Lá estavam também os professores Henry e Beard. Logo vou ainda à exposição ver agora de relance o Agricultural Hall.

A nossa exposição agrícola faz lindíssima vista.

Acabo de jantar tendo chegado de Wilmington. Muito interessante cidade manufatureira. Tenho de dar esta carta e por isso fica o resto para depois. À noite tenho jantar de 200 a 300 pessoas dado pelo Ministro inglês Thornton ⁰⁰⁵ aos homens notáveis em todo gênero que se acham aqui.

Infelizmente Longfellow ⁰⁰⁶ não pode aceitar o convite. Ainda não vi também Whitter autor da poesia Barbara Freach que li a você outrora. Adeus! Um abraço ao nosso Gastão; festinhas ao Pedro que já mexe o braço e mãozinha; festinha aos outros netinhos, e lembranças a todos. Tome o abraço saudosíssimo de Seu pai extremoso Pedro.

Recomendo-lhe o New York Herald que publica tudo de minha viagem com muitíssima exatidão ⁰⁰⁷ — quando o permitem as circunstâncias. O Partridge e mesmo outros hão de recebê-lo. Adeus! As notas de viagem foram escritas a vapor e só para depois fazer uma narração exata da viagem à vista delas. Porém ainda não me chegou o tempo para isso, e vocês aproveitam o que puderem de semelhante sarrabulho. Adeus Ainda cheio de saudades de seu Pai que tanto lhe quer...

12 de maio de 1876 - Ponte do Susquehanna em Perryville 2/3 m. de comprimento. Pegões de pedra. Terra e madeira. O pegão da margem do lado de cá indo de Filadélfia sobre o rochedo a 100

pés de profundidade. Os pegões no rio sobre estacas de pinha enterradas a 36 pés.

12 ½. Bonitos campos cultivados. Conheço este caminho por onde já passei vindo de Washington para Fil.

1 ¼ Chegada a Baltimore.

13 — Visita a Anapolis pelo rio Potapsco Cheapeake-bay e rio Savern. Antes estive na Naval-School. Estabelecimento modelo. Belo gabinete de química e laboratório onde se fazem ensaios. Diretor dessa parte do ensino o Capitão de fragata Sampson, de 26 anos inteligentíssimo e muito parecido com o Plínio filho do Cândido Batista.

Observatório muito bom para a escola. Equatorial de amplificação de 1000.

Monumento a Herndon (viajante do vale do Amazonas) à custa dos senhores que salvou no naufrágio do Central-América em que pereceu.

Exercício dos cadetes todos fortes e destros. Desmancho instantâneo das peças para descanso depois deles.

Bela escola de maquinistas com caldeiras de diferentes espécies para estudo, assim como caldeiras que trabalham de uma máquina de 600 cavalos efetivos que funcionam. Três navios um para estudo de aparelhos outro de artilharia e outro para a viagem que fazem durante 2 meses de verão em três anos do curso que é de 4, indo depois servir em longas viagens. Excelentes alojamentos, capela e livraria com os melhores livros para o ensino.

Do outro lado do rio — não pude ir lá — experimentam a artilharia e tem os melhores instrumentos — o cronógrafo é o de Boulanger. Vi diversas qualidades de pólvora. A que dá maior velocidade e menor pressão tem grandes grãos que se encaixam como pedras de damas com um lado relevo e outro côncavo.

Capitório e Anápolis. Sala do Senado onde resignou Washington seu cargo tal qual era então.

Launch em casa do governador Carroll onde havia excelente sociedade.

Na volta vento muito rijo pela proa.

À entrada do Potapsco há um forte de casamatas que o governo tem desfeito por não servir segundo a opinião dos entendidos.

Logo ao deixar a cidade de Baltimore passa-se pelo forte Henry que os ingleses bombardearam em 1814 e que deu lugar ao hino nacional. The Star spangled banner. Galeria de quadros de Walter de Gerome (o duelo depois do baile) de Breton (findar do dia) Jalavert, Gleyne, Lamville, Corot, Vibert, Paul Délaroche (é uma reprodução do hemicycle das Belas Artes de Paris em ponto pequeno) — o Cristo de Ary Scheffer. uma bela estátua de Rymehart.

Academy of Music. Lindo teatro de 1600 a 1700 pessoas de uma acústica admirável. Ouvi de uma ordem elevada e longe os menores sons de um piano no tablado. O arquiteto Mr. Nelson fez que a corrente de ar circulasse o teatro com os sons. Mr. Nelson pareceu-me muito inteligente, estudou em Baltimore.

Theatre Ford — Miss Anderson excelente artista dramática na peça Lady of Lyons.

(Ontem) 12 chegada aqui depois de 1h Fui a Peabody Institute — Belíssima estátua de Clythia de Rymehart (morreu moço de beber, assim me disse hoje o Governador Carroll).

Biblioteca de 60.000 volumes. Tem obras excelentes. Há conferências no inverno. Grande edifício constrõem outro ao pé para colocarem aí a livraria. Academy of Sciences — Curioso Museu de História natural de Maryland.

Catedral católica de S. Luiz (tem arcebispo). Nada de notável. 2 quadros de P. Guerin e de Stubbens. (Descimento da Cruz e S. Luiz carregando um morto).

Passeio pela cidade que tem casas bonitas (caiu chuva e bastante saraiva).

Normal-School. Grande edifício. Organização da de Nova York. Subi à torre que domina toda a cidade.

City-Hall. Um dos edificios mais belos que tenho visto. O Maire que conhecia casa do Childs mostrou-me tudo que está perfeitamente arranjado. Custo edificio inaugurado este ano perto de 3 milhões de dólares.

Vi a sepultura do talentoso poeta Egdar Poe, cujas poesias conhecia. Glória de Baltimore.

À noite First Theatre. Miss Anderson na Evadne de Steel. Um teatro bonito. Sempre me recebem com palmas e tocam o hino brasileiro. No meio do teatro apareceu-me o meu conhecido Wright do Rio de Janeiro e levou-me o Concert-Glee. Ouvi tocar muito bem Mrs. Machado mulher do agente consular da Venezuela, filha de Baltimore e excelentes coros. A sala é grande. A sociedade de Baltimore tem me agradado muito. Os Battle Monument (do bombardeamento de 1814) e de Washington são feios e até neste o para-raio está espetado nas costas da estátua.

É preciso descansar amanhã falarei de Wildmington no dia 11 tendo à noite jantar de Thornton que muito me maçou apesar do salão da sociedade de beneficência de S. Jorge ser belo; a música sofrível e ficar à esquerda de Thornton a cuja direita estava o Grant. À minha esquerda tive o governador da Pensilvania que meu deu bastantes informações,

porém às vezes quase se deita sobre mim para conversar com o Thornton e despejou no chão um pouco champanha do copo; o Senador Cameron a quem dei muitas informações do Brasil, que ele me pediu; o jornalista Meg-Mike divertido, mas que me parecia alegre demais. Havia outros que muito desejava chamar para perto de mim e viriam mesmo por si, se o governador da Pensilvânia não tomasse tanto tempo e lugar. À saída dei o braço ao general Sherman com quem muito simpatizo e o que me valeu muitos cheers. Era tarde e ficou assim quase tudo só em banquete. Fiz meu pequeno speech, que julgo não desagradou. Exprimi-me em francês valendo-me de boas razões para assim proceder.

14 de maio de 1876 - As 4 folhas do New York Herald do dia 11 foram impressas numa prensa na exposição de Filadélfia para isso destinada.

O comandante de Naval School é o Comodoro Rogers primo do da Califórnia e sobrinho dos Perry da batalha do Lago Erie, e da expedição no Japão. Seria trazido do Japão por Perry e colocados nos jardins da Naval School (impresso dado).

Na sala para conhecimento de aparelhos e construção de navios na N^a School vi o modelo da Trajano.

Na City-Hall de Baltimore vi um desenho da cidade quanto tinha só cerca de 300 habitantes. O que uma folha disse de meus enganos sobre o monumento do arquiteto e Battle Monument não é exato. Eles é que não me prestaram atenção e também poderia ser causa a minha falta de prática de inglês.

Em Wildmington (36.000 hab.), no dia 11 — Fábrica de Auchincloss Wagons para a Ituana. Tem máquinas para todos os portes de vagão. Uma para abrir as fêmeas das taboinhas dos stores foi a primeira vez que vi. Por meio de canos como de chaminés a serragem e os cavacos desaparecem. Fábrica de Lobdele para rodas de vagões. Processo por Chilling. Quase que dá a tenacidade do aço. Faz 306 rodas por dia. Grande fábrica de fundição (não me lembro o nome que vem no N. Y. Herald) — fábrica de chapas de ferro. Pedi uma das mais finas de 1/8 de pol. Mas tendo tido que mandavam esqueceram-se — fábrica de fósforos (a maior dos Estados Unidos) 100.000 caixas por dia.

Que velocidade em meter a mão os fósforos nas caixas, e pôr a goma com o vidro para a fricção! São mulheres que fazem estas coisas — Estaleiro com dique de degraus de madeira. Constroe-se aí o Monitor Amphitrite para os Estados Unidos. Vi 2 ferry-boats no rio Christina que limita a cidade. Como do outro lado o Brandwine. Lançam-se no Delaware. Indo para Wilm. Passei por Chester onde se construíram City of Pessin e outros.

Tive launch na bonita casinha do Auchincloss. Estiveram lá a mulher; pais desta; o pai dele que me acompanha desde Filadélfia, etc. Vi o filho criança que tem muito gosto por mecanismos. Passeei pela cidade e fui a uma altura de onde se goza de linda vista. Há um monumento memorativo dos mortos na guerra civil.

Esqueci-me de dizer que defronte do Capitólio de Anápolis há uma bela estátua fundida do ex chief of Justice Towney pelo artista Rymehart. Parece viva.

Meu sobrinho Pedro estudou quando a N. School durante a guerra estava em New Port. Comandava-o Black já morto; foi segundo por pouco tempo o Rogers a quem sucedeu o irmão dele.

14 de maio de 1876 - 6 ½ partida de Baltimore.

6h 40'. Relay-Junction. Aqui passam 103 trens por dia. Bonito lugar. Passamos o Potapasco num viaduto (Thomas Viaduct) de granito de 700 pés de comp.

7 ¾: Vejo o Capitólio de Washington.

8h 6'. Parou na estação.

8 ¾: Windhaus. Campos acidentados e com boas culturas. Rocksville perto das 9h

9h 25'. Germantown. Poucas casas e lugar feio. Atravessa.

9h 40': o segundo viaduto bastante elevado (não incluo o Thomas). Bonita vista ao longe. Atravesso a ponte de um rio. Bonitas colinas.

11h 5'. Martinsburg. Estive conversando com o engenheiro Sharp que me deu muitas informações. Terreno pouco povoado. Plantações de trigo, milho e minas de carvão. Passagem dos Blue-Ridge pelo Potomac (cita. de Th Jefferson viajou [ilegível] 708 - Bela vista). Passamos por Harper's Ferry onde conflui o Sherandoah no Potomac, que se margeia assim com o Canal de Cumberland que vem das minas de carvão desse lugar até perto de Washington (150 m.). O Potomac é muito cheio de pedras. Em Harper's Ferry foi que apareceu a 1^o vez o bando de sulistas comandados por John Brown, uma das chaves da guerra civil. Shoop que serviu o Sul nas estradas de ferro, disse-me que o projeto do Canal de Pittsburg é entre esta cidade (Ohio) e o canal de Cumberland (170 m.). Atravessamos já as Blue-Mountains em altura

de 150 e tantos pés em Point of Rocks. O Shenandoah entra no Potomac, logo abaixo da ponte de 900 pés. Martinsburg onde há belas oficinas da estrada de ferro está à margem do Tuscarora. Aqui o Jackson (Stone-Walls) tomou 87 locomotivas e 400 carros de frete a 23 de junho de 1861.

Hanoch 12h 10'. Povoação pequena. Rio à direita. (Potomac sem pedras) margem direita. Árvores todas brancas de flores sem folhas.

1h 10'. Pequeno túnel.

1h 7' Paw-Paw. Algumas casas. Ponte sobre um braço do rio. Pinheiros nas colinas e bonitos campos verdes, à direita.

1h 7'. Atravessamos Patterson-Creek e paramos um pouco aí. Algumas casas. Antes de North-Mountains há um corte de 62 pés de a. em slate-rock, depois atravessou-se o Back-Creek em 2 partes, numa ponte de ferro, uma de 80 e outra de 54 pés de compr. Passamos em pontes o Potomac e o Canal, onde há 6 dams. Até Harper's Ferry o Maryland; depois de passada a Virginia e atravessando o Canal outra vez Maryland onde está Cumberland a que chegamos à 1h 15'.

Grande povoação com grande Town-City. Encontrei aqui e falei-lhe o Humbird empreiteiro do grande túnel da estrada de ferro de Pedro 2. Antes de chegar a um belo edifício de um rolling-mill. O viaduto do Will's Creek é de 14 arcos elípticos. Há belas oficinas de trilhos de aço da Companhia.

3h 10' Kaiser. Parada para tomar uma locomotiva de 150 ton. para subir os Alleghanies. Seguimos a margem esquerda do Potomac — muito estreito — e há pouco passamos para a direita. Há tanto milho que o queimam para fogo. Do lado direito do Potomac há formações como as dos canõs e vi a chamada Chinney-hole-rock, que pareceu mais castelo torreado. As minas de carvão de pedra ficam a 5 m. de Cumberland. De Piedmont (206 m. de Baltimore) começamos a subir a serra. Passa o vale de Savage River pelo Everest-Tunnel (passei 2 pequenos) e a foz do Crab-tree-Creek a estrada rodeia a Great Backlane Mountain e chega-se a Altamont (223 m. de Balt.) ponto mais alto a 2.700 pés acima de Balt. Divisão de águas — (Ohio etc. - Potomac etc.) — 20 m. de extensão para prados pastorais.

4h 10' Deer-Park. Poucas casas. Bem posto nome. Lindo prado todo verde.

Cumberland — 2ª cidade do Maryland tem 8.000 hab. Passará 20 m. pelo Pallo Queen City Hotek. Em 1873 pelo canal até Georgetown pegado a Washington a estrada de ferro passaram a 2.573.618 tons. de carvão semi-betuminoso.

Os prados além de Altamont ficam entre Youghiogheny river e o grande Allehany-platton. Chamam-se the Glades. Vamos seguindo o Cheat-river-Valley (citação de G. Bancroft — Orgood Middle States pg. 413).

6h 16' Kingwood Tunnel o maior feito na America 4.100 pés. Passamo-lo

2 ½ m. Antes dominamos o vale do Cheat. Muito pitoresco e ainda mais se todas as árvores tivessem folhas. Depois de atravessarmos o grande Youghiogheny river em um viaduto de um só arco de ferro de 180 pés de abertura. Descem-se de Granberry-Summit. W. Va. 11m. onde o Cheat-river apresenta fortes cavas e paredões. 2 tunnels Mac Guine de 500 pés e Rodemor de 400. Também há um viaduto sobre Salt-Lick-Creek de 50 pés de vão e 50 de a. 6h 5'. Newburg W. Va. nas chapadas (flats) de Raccoon-Creek. O Sharp disse-me que nesta estrada que mais se subiam os Alleghanies — Maior declive 173 pés numa milha, e curva mais forte de 300 pés de raio. Os gouges nos Estados Unidos são de 6, 5, 4 1/8 pés — Ao sul do Ohio este último, ao N. de 5 e a estrada do Erie 6.

6h 10'. Acabo de passar por um caminho elevado de madeira com trilhos e casas de *[ilegível]* à esquerda da estrada. A neve não interrompe o tráfego, nem os telegramas, nem as inundações. De Newburg que tem suas casas segue-se pelos vales de Raccoon e Tree-Forks-Creek.

6h ¼. Temos atravessado mato. O Sharp disse-me que a árvore toda branca de flores antes das flores é a dog-tree. Madeira muito rija. Muito antes de subir Alleghanies não as vi.

Agora 6h 20' torno a vê-las.

6 ½. Passamos já Thornton e chegamos a Grafton 279 m. de Balt.

7h Passamos o Tygart (confluente do Monogahela) numa bela ponte de ferro.

7h 31' Passamos um túnel sofrível. Antes uma longa e alta cava. Outra também depois do túnel.

3ª 7h 35' Clarksburg. Bastantes casas à esquerda. Grande edifício que parece escola. Em Grafton dei um passeio. Tem 8 escolas primárias. Aí se despediu de mim o Sharp.

Em Cumberland há 8 escolas primárias segundo me disseram.

8h 10'. Já custa a distinguir o que se passa.

15 de maio de 1876 — 5h 10'. 19 m. de Cincinnati. Lugar de bastantes casas e grandes e bonitas. Pareceu-me ver a escola à esquerda. Campo verde e árvores. Grande planície com pastos e rezes. À esquerda bonita casa porém não grande dos Expostos. Passamos como um canal. Igreja grande longe à esquerda. Grande fábrica à esquerda, numa povoação, cujo creek atravessamos numa ponte estando sua ribeira de cá muito bem lavrada. Passa-se o creek numa ponte de ferro. Parecem casas *[ilegível]* de Cincinnati. Cercas, bonitas árvores, casas espalhadas.

Chegamos a Cincinnati numa planície com colinas e montanhas altas ao longe.

Chegados 6h 10'. 7h Saí. Pontes suspensas reunindo a cidade a Covington sobre o Ohio e esta a Newport sobre o Licking. Belas pontes, algumas casas de campo bonitas e bela vista. Fundação de sinos. Nada de notável. O Guia engana-me. Fábrica de instrumentos cirúrgicos e cutelaria. Trabalha bem. Usa o cromo aço preparado em N. York. Deram-me uma navalha com que presenteei o Bom Retiro.

10h Fui ao parque muito vasto e colocado em bela posição com dois grandes lagos alimentados com águas elevadas por bomba do Ohio — um não pronto — e depois percorri as belas avenidas de muitas milhas bordadas de árvores e de casas de campo com jardim assim como a de Probasco. Linda em tudo. Quadros de R. Bonheur, Th Housseau — um sobretudo — outro de Toulmonche à cabeceira do leito no quarto de dormir que deita para um dos lados mais pitorescos e onde se descobre longe um cemitério que parece muito belo. Probasco chama esse quarto o do profeta.

Tem boas estátuas sobretudo de Connoly — uma fonte bela que orna uma das praças da cidade com lindíssimas estátuas. Chama-se de Probasco. Ele deu-me um livro com a história da fonte e fotografias. O artista foi Kreling genro de Karlbach por isto tem ele o belo quadro da caravela deste artista na parede da escada para seis quartos do 1º andar — e o fundador Miller de *[ilegível]*.

A casa de Probasco é toda no interior de madeiras dos Estados Unidos.

Numa das avenidas caiu um temporal, mas, assim mesmo deu lugar a que lhe visse a Universidade pelo sistema da de S. Francisco. Tem três estudantes brasileiros: Aguiar, Silveira e Cesar.

Uma casa de matar e salgar porcos.

[Grande trecho apagado, onde se consegue ler apenas palavras esparsas].

Nada de notável mesmo, achei *[ilegível]* os gabinetes de química e física, todavia possui museu anatômico menos maus, segundo a opinião do Dr. Fontes, que também julgou esta mostra da fábrica de instrumentos cirúrgicos.

Catedral católica de S. Pedro. Frontispício de templo grego: no interior do salão de colunas.

5h Não vieram Aguiar, a quem marquei hora porque a *[ilegível]* e o Dr. Murphy, professor da escola e que eu conheci em Paris quando no Palais de l'Industrie mostrou-me os aperfeiçoamentos que fizera nas ambulâncias *[ilegível]*.

Saí a dar um passeio pela cidade porque disseram-me não haver tempo de ir a galeria Langworth por ser muito longe. A cidade não tem edifício como as outras de que falei. Cheguei à estação às 6 ½ por causa do cocheiro — esperei até às 8, deveria sair às 7 ½.

16 (terça-feira) de maio de 1876 — À meia-noite Louisville. Minha mulher aí ficou. Segui para City-Cave, pequena cidade e cheguei ao Hotel de Mammoth Cave e segui logo a pé.

Entrei no quarto às 9 ½ e saí às 12 ½. Mudei de roupas. Pinguei de sono; pouco lanchei.

Às 1 ¾ parti na diligência pior que o carro. Parte do caminho é de minérios brancos, por causa das pedras. Cheguei a City-Cave antes das 4 horas, hora da partida, que só foi às 4h 20'. Vizinhanças de Cave-City bem cultivadas muitos carvalhos no caminho para Mammoth Cave. O caminho que sigo tem bonitos campos cultivados.

Às 5h 6' vi à direita de Green-river até onde pode chegar na caverna. A descrição de Mammoth Cave para depois. A Univers. e Medical School são fundações particulares e está na ilha Miami cujo nome se acrescenta ao título.

Há um canal que atravessa a cidade como o nome de Miami Canal.

Não pude visitar uma biblioteca pública de 82.000 vol[umes]. com belas salas de leitura e que empresta livros para fora a pessoas de crédito. Esta manhã depois das 3h, que estava pronto passou-se Elisabethtown que pareceu-me considerável. Pouco povoado relativamente, mas terras bem aproveitadas. Não tenho podido ver nenhuma indicação de lugares e não achei lista deles. Madisonville pequena povoação.

5h 47'. Elisabethtown. Grande edifício para os carros da estrada de ferro.

6h Passamos por um túnel não muito pequeno e pareceu-me ter poços pela claridade que notei três vezes. Bonito vale não muito profundo por onde se desenvolve a linha pela encosta das colinas da direita. O fundo do vale bem cultivado.

6h ¼. Dizem que faltam 34 m. Informaram-me que temos de 85 milhas [sic]. Passamos por uma ponte de ferro. Andamos para uma linha de colinas uma cônica todas cobertas de árvores verdes.

Bonito aspecto.

Atravessamos muito mato. Vamos a 45 m. São 6h ½. Não pude ler o nome da estação. Meu trem é expresso.

6h 36'. Atravesso rio não pequeno em ponte de ferro. Passamos por algumas casas, como já temos feito, mas não muitas vezes.

7h 10'. Bonito pôr do sol. Planície de ambos os lados, cultivada com árvores isoladas que se destacam.

7h 5' Paramos — É a segunda vez que batem no truck. Andamos há pouco 21 m. em 24'. Vamos mudar o truck porque ao N. de Ohio a bitola torna a ser de 5 pés.

7h 12' já andamos um pouco em truck novo. Seguimos. 7h 16'.

17 de maio de 1876 - Deixamos Lousville às 8h Dizem-me que esta cidade é mais bonita que Cincinnati. Casas são edificadas à moda inglesa com jardim na frente. Esqueci-me de dizer que no parque de Cincinnati há jardim zoológico que não pude ver a um bairro, por que passei todo habitado por alemães que mantem seus usos e costumes e conhecido por Over-Rhine.

Ao entrar a Mammoth Cave sente-se uma corrente de ar muito frio e é preciso passar depressa para não se apagarem as lanternas. A temperatura da gruta é de 59° e constante o ar até às proximidades do Green-River é muito leve e agradável. A princípio o caminho é fácil, mas depois deve-se muitas vezes andar quase que de gatinhas e atravessa um escavado na pedra cheio de anfractuosidades e de profundidade de um homem até as axilas; tão estreito que apenas pude insinuar-me por ele. Há salões muito vastos e altos, dos quais o main cave tem 5 milhas de extensão. Num destes salões do lado esquerdo há a chamada igreja que a pedra figura e onde já se pregou, noutro, do lado direito, a denominada capela gótica, noutro o cofre de pedra (coffin) e numa das abóbodas as infiltrações arremedam diversos animais. O urso seguro a um pau e um cavaleiro estão muito semelhantes. Passa-se rente a profundidade de até 100 a 200 pés e numa delas há uma pequena canoa chamada do mar-morto. Em duas os abismos sotapõem-se [sic] a cavidades nas abóbodas, que parecem chaminés. Todas estas escabrosidades são produzidas pela água carregada de carbônico o qual dissolve a rocha de carbonato de cal. Há passagens muito escorregadias, uma delas rente a um dos abismos mal resguardados por varões bambos ligados por outro mais delgado que dá muito pouco apoio.

As margens do Green-River que tem 30 a 40 pés de largo e navega-se em toda a extensão de 500 são tenebrosos bem chamado Styx — mesmo quando se queima uma tigelinha! Apenas se vê sobre suas águas um barco. Nesse lugar tem 5 pés de fundo, mas para a esquerda emprega. Não embarquei na barca de caronte porque o relógio obrigou-me a voltar; já tinha andado 2h ¼ e apenas tinha 4 para este passeio na gruta.

Voltei ao hotel em menos tempo e senti que só me dissessem na volta que poderia ver a Star-Chamber, a que se sobe por uma escada de pau à esquerda, — subi e desci diversas — quando já a tinha passado. Os cristais da abóboda parecem estrelas quando se acende luz na Chamber. Há abóbodas que apresentam o achamotado que arremeda nuvens. Enfim é uma gruta grandiosa; estupenda como quase tudo nesta terra, mas também sem a natureza artística dos arredados da gruta de Adeslberg. Além do Green-River há 5 ½ m. da gruta, e segundo meu guia chamado Mat, mulato muito prognóstico, e atirado a sabichão de história natural. Queria explicar tudo e queimava de vez em quando; a propósito sua tigelinha de pau enxofrado, ou qualquer outro objeto facilmente combustível. Disse-me também que além do Styx não há nenhum inferno, que o caminho é fácil e começam as estalactites e estalagmites. Um livro refere que aí corre um rio Echo-River navegável por quase uma milha com a largura de 150 pés e tão fundo que podem sulcá-lo os maiores vapores do Mississippi.

À saída da gruta o ar externo produzia o efeito das baforadas ardentes em torno de um forno.

Numa das abóbodas há uma escavação formando um novo arco largo da linha a mais artística. Não encontramos nenhum animal, mas sinais de ferradura e carros na parte onde se tirou salitre durante a guerra de 1812. Há na gruta água que pareceu-me boa, posto que misturasse um pouco de conhaque. Contam que alguns físicos quiseram aproveitar o ar da gruta, onde moravam, porém morreram logo 3.

Em 1812 houve um terremoto, mas os que estavam dentro da gruta nada sentiram.

Cerca de 5h $\frac{3}{4}$. Passei pela povoação de Horse que não é pequena. Antes os campos continuavam bem aproveitados pela cultura, desde 5h $\frac{1}{4}$ que estou observando. Depois de Horse já passamos diversas estações. Pequenas povoações. Terreno plano e bem cultivado.

7h 40'. Breese a 40 m. de St. Louis. 8h $\frac{1}{4}$. Trenton. Antes Aviston. Pequenas povoações. De noite atravessamos em Vincenner o Wabash confluyente do Ohio pela margem direita. De Cincinnati até St. Louis atravessamos Ohio, Indiana, Kentucky indo a Louisville e Mammoth Cave e Illinois.

8 $\frac{3}{4}$. Bonito arvoredo à direita. Linda plantação de trigo do mesmo lado.

9h 7'. Dizem que estamos a 10 m. de St. Louis. Não tenho visto povoações consideráveis. Depois de Trenton já passamos Summerfield, Lebanon, O'Fellow, Al Fuseman's, creio que chegamos a Caseville a 9m. de St. Louis. Bonita campina bem cultivada com colinas ao longe à esquerda. Margeamos pela direita como um canal separado por um caminho de ferro de uma espécie de lagoa.

Depois de uma hora de descanso saí. Exchange. Bela casa. Custou 1.800.00 dol. Vastíssima sala com pinturas no teto por um artista italiano. Fui por elevador a todos os andares e vi a sala da galeria superior que percorre os 4 lados dela. Library Pública de 34.000 vol. só deixando lê-los fora os 3000 assinantes. Tem igualmente exemplares de Belas Artes, que copia quem quer. Nesta casa também se acha a Normal-School, cuja organização só difere da de N. York em também servir de High-School. Não há primary-school na casa, mas em outra como anexo. Belcher Refinery. A melhor que tenho visto. Refina 300.000 libra de açúcar por dia. Disse-me o dono que pouco açúcar recebe do Brasil — só da Bahia e Pernambuco, que é o melhor. Nova casa para a Alfândega — United States Court e Post Office. Constroee-se. Toda de pedra, granito róseo do Missouri e cinzento do Maine e ferro. Edifício magnífico que custará 5 milhões de dol. Passa junto a ele a estrada de ferro que atravessa por um grandioso viaduto sobre o qual passam os carros, e etc. O Mississippi, depois de ter passado por outro viaduto muito menor o Keo Kee (creio que assim se escreve). A estrada de ferro entra na cidade por um túnel sobre o qual existe um hotel. É uma das grandes obras desta terra empreendida por um engenheiro Eads, que também empreendeu tornar navegável para os maiores vapores a barra do Mississippi por meio de 2 imensos molhes encanando a corrente do rio.

Ouvi que já saiu há dias um vapor para a Rússia (disse-me o Smirnoff, que é russo).

Fui à casa dos loucos.

Passei perto do parque Lafayette, e atravessei outro muito grande e bonito. Caiu forte chuva com pedrisco. O carro teve que refugiar-se debaixo de uma árvore por causa dos cavalos que viravam a garupa ao vento.

O Hospital não se pode comparar ao nosso do Rio apesar de ser um belo edificio. Quartos muitos frios de noite no inverno por confissão do próprio médico diretor; emprego de manilhas e outros meios de prender mãos e pés dos furiosos por falta de casa de banhos terapêuticos. É fundação do Condado e serve só para os loucos e idiotas dele. Possui bastante terreno que os loucos cultivam. Há uma sala onde Eles lêem braile a que podem assistir pessoas alheias à casa todos os sábados. Boa idéia. Também há bilhares para Eles jogarem.

Casa de pobres. Também do Condado. É boa, porém as salas mal aquecidas e no andar superior puseram loucos que não cabiam no hospital. Depósito de instrumentos agrícolas feitos em diversas fábricas do oeste. São uns poucos de andares, a que se sobe por elevador. Há instrumentos excelentes e dos mais aperfeiçoados. Trouxe o catálogo. São enviados instrumentos destes a 3.300 milhas Missouri acima.

Voltando a casa tive a visita de Miss Blow, filha do Ministro Americano deste nome com quem sempre me dei muito bem, e Figueiredo filho de Joaquim Procópio, empregado no comércio de St. Louis.

Fui ao Divina Theatre. Pequeno, mas bonito com a forma de sala de quase todos. Representação burlesca, mas com muita graça sobretudo a paródia de uma cena do Hamlet.

18 de maio 5ª fª de 1876 — Sai às 7. Passeio de carro pela cidade. Apeei-me à entrada do parque Lafayette onde dei bom passeio. É bonito. Vi aí cisnes com outras cores dos conhecidos por mim.

Tornei a sair às 10 $\frac{1}{2}$. Fui à casa de Miss Blow a 7 m. de St. Louis. Fui aí recebido do mesmo modo que esta família sempre me tratou. Recebeu-nos Mrs. Smirnoff, o irmão estava num dos 13 Kinder-garten cuja instituição do Condado se deve a ela. Há outros em Filadélfia (Mrs. Peabody) em N. York. Apareceu daí e fomos todos ao Kindergarten.

Que lindo espetáculo não é ver 20 a 30 meninos de 4 a 6 anos somente com quase nenhuma diversão que Eles sintam, fazer contas, objetos de argila e achar demonstrações geométricas como uma menina de 6 anos que Miss Blow interrogou de joelhos — é entusiasta da instituição que acho excelente — Miss Blow deu-me o folheto que escreveu e uma obra em alemão a tal respeito — somar, diminuir, multiplicar e repartir partindo de um pauzinho de forma de triângulo retângulo, assim como chegou a provar a igualdade do quadrado da hipotenusa e da soma dos quadrados dos catetos. Depois fizeram exercícios ginásticos e brincaram. Tem jardim que plantam ficando assim conhecendo muitos vegetais e uma pequena coleção de minerais que assim como quadros pretos com desenhos a giz muito bem feitos pela irmã ainda pequena de Miss Blow. Esta nunca se quis casar e eu disse-lhe que não era preciso para ser a mãe carinhosa de grande família.

Fomos ver o Vulcano-Iron-Works para trilhos de aço e chapas de zinco. É a maior fábrica que tenho visto deste gênero até agora neste país. Três imensos fornos, de um dos quais vi correr o ferro para barras. A oficina para fazer aço Bessemer montado como as melhores da Europa não está acabada. Belas oficinas para obras de ferro, e trilhos de aço. Não me levaram à oficina de chapas de zinco. Só ontem a bordo é que soube que lá se faziam.

Voltamos à linda casa de Miss Blow, onde mora com os irmãos — o irmão estava em Louisville por causa das corridas é muito amigo de cavalos e cães — e lá launchamos [sic] e tomamos café. A casa tem cópias bem feitas das melhores obras de belas artes e o risco das lindas salinhas e quartos com seus ornatos foi do pai, que instituiu uma Academia de Belas Artes em St. Louis e queria que se tirassem cópias das melhores obras artísticas. Mr. Smirnoff que me falou muito do Brasil sobre o qual escreveu um livro em russo, que nos é muito favorável apareceu no Kindergarten. Enfim foi uma das melhores manhãs que temos tido.

Às 5 partimos para bordo do Grant-Republic pelo barco de vapor. No imenso salão onde escrevo e para onde deitam os camarotes, que são bons, porém falta-lhe quarto de banho e outros comfortable. À noite os fogos da Vulcano-Iron-Works faziam belo efeito do rio sobretudo o azulado da chama das fornalhas de zinco.

Dormi muito bem. O vapor parece não marchar, e também disse-me há pouco que ele deita senão 8 milhas, sendo a corrente de 3. Contudo passa por andar 18 milhas rio abaixo e 15 acima. Veremos de ora em diante. Já estou a escrever desde às 6. Vou olhar para as margens do rio que descubro apenas daqui pelas saídas do salão para a galeria da proa.

Apesar de embarcarmos ontem às 5h 10', não seguimos senão às 9h Também estive parado a receber grande carga de um elevador, perto da grande ponte da qual falei.

1 ½. Já passamos pelas pequenas povoações de St. January, St. Mary onde vi a maneira fácil porque fazem o embarque dos gêneros por uma das pranchas que o vapor leva arvoradas de cada lado da proa, e faz descer sobre a margem do rio. Chester onde parou mais tempo, sendo este salão invadido por toda a casta de curiosos vindos de terra, e Grand-Tower com mina de carvão de um lado do rio e de ferro do outro. Há uma fundição considerável. As barrancas são formadas de estreitas camadas e as águas separaram uma parte na margem direita formando uma torre coberta de mato. É o lugar mais bonito por onde tenho passado até agora.

4h Estamos recebendo carga da povoação Cape-Girardeau a 150 milhas de St. Louis. É a maior povoação mas não muito grande que tenho visto hoje. As margens do rio são cobertas de mato e há pontos de vista. O fundo é às vezes muito pequeno e o canal dá grandes voltas. Talvez por isso se tem andado tão pouco. Em 19 horas 150 milhas! Pouco mais de 7 por hora. O Amazonas leva em tudo as lampas como rio ao Mississipi. Vejo uma igreja, hotel e uma casa, que parece-me da escola. A demora não foi pequena.

5 ¾. Estavam a lançar uma das pontes levadiças sobre a praia da pequena povoação Commerce. É muito lindo este lugar, por causa de uma ponta de terra que entra pelo rio, que se alarga, ou ilha muito estreita toda cheia de árvores.

As margens do Mississipi tem apresentado colonas bonitas. O calor dentro deste salão é horrível. Vou já por-me ao fresco.

20 de maio de 1876 — 5 ¾. Estamos ainda recebendo carga no Cairo, povoação considerável onde vejo um grande hotel. Ontem de tarde conversei no alto do vapor, numa espécie de pagode, onde se acha a roda do leme, sobre uma feira de quartos, que julgo serem de creados e tripulação de bordo, com os dois pilotos. Disseram que o rio está baixando ½ pol. por hora — a cheia em Abril e a baixa em 8bro [outubro] e 9bro [novembro]. De St. Louis até Commerce onde estávamos parados a maior cheia é de 30 a 35 pés, para baixo a maior do rio é de 47.

Um dos pilotos foi Mort. Burnham também do navio de Porter quando Ferragut forçou com seu navio somente por terem as fortificações de Vicksburg destruído os outros o forte Hudson para se reunir a Porter, abrindo depois o canal que reuniu o alto ao baixo Mississipi evitando a passagem do Vicksburg.

À noite uma senhora tocou e cantou melhor que outra ante de ontem.

Conversei com uma senhora idosa que perdeu marido e filho combatendo pela causa do Sul. Disse-me que não tinha mais pátria e admirou-se de que visitasse Grant prevaricador. Respondi-lhe convenientemente e ela concordou comigo que o princípio da escravidão tinha tornado antipática a causa do Sul e que apesar de nada dizer a tal respeito a constituição não podia estar na mente de Washington, Franklin, Jefferson e tantos outros grandes homens da Independência manter tal princípio. Enfim que neste mundo o resultado valeu muitíssimo e que era preciso sujeitar-se a ele tendo o consolo de ver a pátria outra vez reunida, formando uma grande nação. A isto acudira ela logo com dois never bem acentuados.

Deitei-me às 10. Acabo de ver a confluência do Ohio no Mississipi. Um grande vapor o descia vindo de Cincinnati. O lugar é belo e a cidade do Cairo importante por seu aspecto. Vi um hotel muito grande. Seguimos há minutos. 7 ½.

21 de maio de 1876 — As margens do rio continuaram bonitas e antes do pôr do sol de ontem passamos por uma grande ilha. O rio ainda está 40 pés acima da baixa.

À tardinha fui ver a carga do navio acima do rio e parte noutra abaixo da tona dele. Examinei as caldeiras que são 6, mas não tubulares. O Comandante só apresentou com vantagem o ser mais difícil limpar os tubos. A máquina é de 1800 cavalos. Os animais cavalos e uma vaca que estava muito doente vem bem cómodos. Disse-me o comandante que seu vapor descarregava tudo em um dia em New-Orleães, mas ele asseverou que chegaria em 4 ½ dias e já fala na chegada só 3ª fª, procurando por todos os modos que eu desembarque em caminho a fim de correr assim o maior tempo de viagem por minha conta. Disse-lhe já em St. Louis que não desembarcava e que o maior favor que me faria, já que tanto o oferecera era chegar o mais depressa possível a N. Orleães, mas receio que só cheguemos na 4ª o que muito transtorna meus planos.

O Comandante Thorvegan, nascido na Alemanha, mas que está aqui há 33 anos — terá de idade 40 e tantos — parece-me muito esperto.

Ontem escrevi muito.

À noite houve um começo de representação dos meninos de bordo. Esta família compõe-se a bordo da tia já idosa, do marido daquela, de uma filha rapariga, e de um rapaz e dois meninos filhos da tia, que julgo ser viúva. Creio que a mulher do sobrinho teve um filho que engatinha.

Hoje parece que tenho também fúria de escrever, pois entro em tantos pormenores de pouco interesse.

Ainda não vi (são 6 ½ da manhã) ninguém que me informasse de onde estamos, mas já há movimento de mesas no salão onde costumo escrever na mesa própria para isto.

Ontem de tarde ameaçou trovoada, porém nada deu. À noite choveu bastante e o dia de hoje está chuvoso.

Este vapor fez sua primeira viagem há um mês. Tem 350 pés de comprimento.

7h 20'. O piloto Burnham acaba de dizer-me que estamos 40 m. abaixo de Memphis porque passamos às 4 ½ da madrugada.

Antes das 8 o piloto mostrou-me que seguíamos um caminho mais curto que o antigo, aberto há 2 anos por cima de uma grande plantação. Dava-se anteriormente uma volta de 5 milhas quando agora anda-se menos de milha.

10 ½. Estamos em Helena 555 m. de St. Louis. As margens tem continuado bonitas. Antes do almoço vi o casco do Indiana tombado no meio do rio. Passamos também por esse pelo vapor Susie-Silver que ia de N. Orleães para Cincinnati. Outro vapor foi visto vindo de N. Orleães quando encontrei o casco do Indiana.

Ontem vi uns barquinhos que pareciam os dos pescadores de nossos pequenos rios.

Atracamos a Helena. Houve uma grande invasão a bordo. Um sujeito quis ler-me um discurso, porém disse-lhe logo que não tinha para ouvir *[sic]* discursos em viagem e fugi dele.

Vejo jornais The Helena Daily World e Helena Daily Mail de ontem e de hoje dão indicações sobre a altura das águas nos rios. Aqui está crescendo o Mississipi.

Estou escrevendo rodeado de gente. Estas invasões parecem as da Assembléa, etc. no tempo da Revolução francesa. Não sei como o Comandante não as proíbe a bem da policia do navio. Contudo é um espetáculo curioso para o viajante.

Acabo de ver o discurso que me queriam impingir. Não está feio e mandei uma desculpa. Recebi um convite para um game ball of the fat men em Memphis. Guardei o convite em bilhetes do correio como curiosidade.

22 de maio de 1876 - 6h 5' da manhã. Levamos muito tempo a carregar em Helena onde vi de bordo o bonito edificio dos tribunais.

Tem a high-school.

O rio apresentou-se muito cheio de tarde. Vi um escaler a vela e barquinhos como ontem; os pássaros tem aparecido mui raras vezes. Antes de ontem em Commerce algumas crianças pescaram peixes grandes que parecia cat-fishes.

À tardinha de ontem viu-se o grande vapor City-of-Vicksburg, que estava atracado a Carson's Landing perto e acima de Concórdia. Aí o rio é muito largo. À noite parou-se por causa de um vapor que passou pela proa do nosso.

De manhã e de noite cantaram creio que hinos religiosos, era domingo.

Às 10 da noite recolhi-me e já há muito que o vapor recebia fardos de algodão de Tersene a 679 m. de St. Louis. Era curioso o espetáculo por causa dos fogaréus fncados junto à rampa que iluminavam a cena. A noite estava muito bela, relampejava apenas pela proa.

Junto a Tersene deságua o White-River um dos grandes confluentes do Mississippi, pela margem. Perto deságua outro ainda mais considerável o Arkansas. Dizem comandante e piloto Burnham que a 12 m. da embocadura do White-River há uma comunicação entre este e o Arkansas.

Pelo que pode andar o navio — embora já andasse 13 milhas — e a distância a percorrer só depois de amanhã 24 pela tarde ou noite.

7h 11'. Deixemos Greenville onde não houve carga a tomar. Pequena povoação. Antes passamos por Columbia que segundo uma lista dos lugares que parece dever ser importante, porém nada notei na marcha do vapor. Uma dista da outra 6 m. Greenville está a 751 m. de St. Louis.

Num livro sobre a cidade de St. Louis vejo que a ponte de que falei tem 2.046 pés de comprido, incluindo os aproches. 6.220 e com o túnel por baixo da cidade 11.100. Três lances tem a ponte formados de arcos de cromo-aço. O do centro de 520 e cada um dos outros de 502.

10h 26'. Estive lendo a tradução da Iliada por Bryant.

Entretanto tocamos numa muito pequena povoação para receber sacos de sementes de algodão de que extraem óleo, e vi passar o grande vapor Scudder da carreira entre N. Orleães e Memphis. Subia o rio.

A manhã está mais agradável que a de ontem.

Esperava achar mais povoados às margens do Mississippi. É verdade que algumas casas, ontem, estavam no meio da água, e disseram-me que tinham feito como um parapeito de terra — vi ontem parte dele na margem esquerda e arrombada em todo o comprimento do rio para resguardar as terras de inundações, e a deste foi muito grande, portanto é natural que os habitantes se achem além do parapeito. Não tenho notado casas grandes que me pareçam escolas. É verdade que até as fazem só de tábuas, bem como igrejas, de quem um specimen⁰⁰⁸ de cada coisa indo de Cave-City para Mammoth Cave.

Os confluentes do Mississippi, segundo o que tenho colhido parecem mais facilmente navegáveis que os do Amazonas.

O céu tem-se parecido como o do Brasil em seu aspecto geral e nas formas das nuvens. Referiram-me que para o lado de Memphis o gelo chega a impedir a navegação, como aconteceu ao Gran-Duque Alexis, em sua viagem.

2h ½. Margens mais povoadas e chatas. Agora na margem direita há um extenso campo salpicado de casas e vezes bem como o rio rompeu o dique em diversos pontos.

Tenho estado mais tempo na proa onde também há mais fresco. Há aí uma chapa com amostras e esta inscrição. Homogeneous Steel plate in boilers of Steamen. Grand-Republic: 70.000 lb Tensile Strenght — Bent Cole Burgesse Steel Iron Works — Portsmouth — Ohio. Boilers made by Joe F. Wangler — St. Louis.

Antes das 2 passou subindo o vapor Lucy Keern. É grande, mas velho.

Pouco antes de 6h chegamos a Vicksburg grande cidade subindo um morro. Bela posição. Vi de longe o City-Hall que faz vista e o hospital de Marinha que não é pequeno. Antes observei bem a língua de terra da margem direita oposta à da cidade e a direção do canal com que a cortou, ou pretendeu cortar, disse O'Kelly depois de ouvir o outro piloto, não o Burnham, para reunir a parte inferior à superior do rio. Passamos ou antes 2 vapores passaram-nos um subindo —

Natchez que fez a viagem de N. Orleães a St. Louis com 3 ½ dias e outro o Pargout, descendo que já vai longe de nós. Conteí com o nosso e outro que chegava 14 vapores em Vicksburg. Não carregamos aí.

São 6 ½. Em Vicksburg houve também invasão de bárbaros. Um querendo falar espanhol e dizendo-me que sabia o francês que também falou e o inglês e o italiano disse-me ter estado há 40 anos no Brasil de que se lembrava muito e não querendo responder à minha pergunta a respeito do nome dele, lá se foi cambaleando um pouco. Antes de chegar o 2º piloto mostrou-me a embocadura Agure-River na margem esquerda.

23 de maio de 1876 — 6h da manhã. Ontem à noite passou por nós um vapor. Atracamos para descarregar e antes de recolher-me às 10 ½ vi dançar — antes houvera cantoria sobretudo de Mrs. Lindell — e conversei largamente com o bispo da religião episcopal de Nova Orleães que vai de Vicksburg para aquela cidade. É sulista, mas homem moderado.

Não lhe disse como a Sra. idosa, com quem conversei por diversas e despediu-se minha afeiçãoada em Vicksburg, que não tinha pátria.

Houve grande trovoada e ainda mais chuva de noite. O dia de hoje há de ser mais fresco. O céu não está claro.

6h ¾. a 15 milhas de Natchez. Este lugar fica a 270 m. de N. Orleães. Estamos descarregando. É o primeiro campo arado que vejo assim perto do vapor.

10h 20'. Ainda estamos atracados a Natchez aonde chegamos depois daquele lugar. A margem a que atracamos é de montanhas, que aliás não se estendem muito ao longo do rio. Há casas, algumas grandes, na margem oposta plana também se vêem casas mais ou menos espalhadas. A posição é bonita.

Dura a invasão de bárbaros a bordo, mas é não fazer caso dele e não vêm bulir com a gente.

11 ¾ — Formou-se dos que vieram de terra uma roda escolhida e uma senhora cantou e tocou bem. Os que foram de bordo à vila ou cidade dizem que tem bonitas casas e uma igreja católica.

Nada me disseram de escolas.

Publica-se aqui um periódico.

Deram-me magnólias daqui, mas já não é tempo dos natchezes quando Celuta ornava-se com elas.

12h 5'. Largamos para atracar do outro lado e houve nova invasão, que já se retirou ouvindo o sino. O lugar defronte a Natchez chama-se Vidalia. Porém seguiu pouco depois.

1h conversei novamente com o Bispo de ontem. Repisou. Ficou de dar-me indicações do que há de mais curioso e se possa ver dentro do tempo em N. Orleães.

3h começou chuva forte de trovoada que durou pouco.

6h ½. Margens elevadas há pouco tempo. Largamos de Longside 10 milhas acima de Red-River. Daqui a 7 m. começam as plantações de açúcar. Tenho visto muito moleque de camisa esfarrapada.

7h Red-River. Parada pequena em Landing - Red-River. A noite ficou bastante escura, porém seguimos. Tocou e cantou Mrs. Lindell; conversei com o bispo e às 11 deitei-me.

24 de maio de 1876 - 6h Acordei estando nós em Baton-Rouge. Invasão de bárbaros. Já me deram um ramalhete de flores monstruoso, porém muito bonito. Um judeu polaco A. Kowalki dirigiu-me uma saudação em hebraico por escrito, que eu li a ele, o que o encantou.

Estamos a 130 m. de N. Orleães. Creio que os sulistas hão de incomodar-me com suas obsequiosidades, pois que o bispo já me disse que se fosse possível ele me quereriam para monarca do Sul, como durante a guerra da secessão tiveram intenção de se constituírem monarquia e chamar um soberano de fora. O tom da linguagem deles é de quem ainda não se resignou do resultado de sua imprevidência e sobretudo de sua má causa interesseira.

Por ora nada posso dizer, porém o Norte me tem agradado muito mais que o Sul.

The Daily Democrat de 23 publicado em Natchez dá notícias do estado do rio. O capitólio; porque Baton-Rouge (cidade de 5.000 hab. segundo ouvi) tem forma de castelo e vê-se bem de bordo. Há outra casa para que se sobe por socalcos gramados e ajardinados como em algumas das chácaras do Brasil. O 2º piloto diz que chegamos às 8 da noite em N. Orleães e eu assim penso, porque paramos muito.

Chegou a N. Orleães o grande vapor Katie e está parado perto do nosso. Vai para Greenville rio acima. Parece bem carregado. O nosso tem feito uma razzia por estas margens. Desde lobriga carga, mesmo de achas de lenha atraca. Dizem que daqui por diante são fazendas de ambos os lados.

9h 1/2. Largamos de Plaquemine que parece-me povoação importante. Disseram-me pessoas que desceram em Baton-Rouge que já erva nas ruas e que a capital do Estado de Luisiana está agora em N. Orleães.

Tendo deixado há muito de Baton-Rouge vi à esquerda um grande edificio que me disseram ser a casa dos surdos-mudos.

A água que bebemos do rio já é mais clara; até agora cor de terra, mas já disse-me o que me referiram a respeito dela em St. Louis. Por ora ainda não apareceram as fazendas de que falaram.

12 h Já vi diferentes fazendas de açúcar em ambas as margens do rio. Agora passou-se pela de Boucher à esquerda, cuja renda em pães de açúcar é de 200.000 dol. por ano, segundo me disse o bispo que se chama Joseph Pere Bill Wilmer. Parece que me quer catequizar à causa do sul, mas eu rebato seus argumentos.

2h Aproximamo-nos para atracar ao lugar St. James. Temos passado por muitos engenhos e uma grande casa de convento à esquerda. O comandante diz que de mau carvão como o atual consome 46 ton. em 24 horas.

6h 40'. Pensei ver mais fazendas às margens do rio. O nosso Paraíba tem mais e é muito mais bonito de Campos para S. Fidélis.

Vi dois vapores um descendo e outro subindo. Já se descobre ao longe de N. Orleães. Com as voltas do rio ainda há 9 m. até lá.

25 de maio de 1876 - 6h da manhã. Desembarquei ontem pouco depois de 7 ½ da tarde. Custou a assentar uma das pontes sobre a margem. Há somente uma espécie de assoalho já meio podre nalguns lugares como cais.

O hotel tem bela fachada, mas os meus quartos cheiram como água barata. Tive que capitular com os mosquitos que são inumeráveis cantores e compridos; envolvi-me em mosquitoeiro. Que calor de noite!

A aproximação da cidade é bonita. Passa-se primeiro pelo bairro Carrolton à esquerda.

Saio logo às 7. Já há jornais do Rio de 25 de abril chegados ontem assim me disse o Nathan, que falou-me sobre o desejo que há nos agricultores de imigrar; o governo da Venezuela procurando atraí-los e tendo ele recebido colonos portugueses e esperando-os da Galícia para aqui.

Disse-me que os jetties do Eads já tinha dato 15 pés de fundo ao rio onde só tinha 6, e que esperava que saia a 15 de junho para o Brasil um vapor de 2000 tonel.

1 ¾ — Já corri a cidade. Nada de notável. Depois do almoço missa na Catedral de S. Luiz. Grande, mas gosto do salão. Pte. de Brumbeeh representando Luis IX convocando para a cruzada.

Crismou o bispo mexicano de Taumalipas. Vai a Roma onde já estudou. Pregou às crianças em francês que fala corretamente. Pelo discurso não me pareceu muito inteligente.

Já li jornais do Rio até 25 porém nada de nada. Que fará o Joaq. Nabuco por aqui?

26 de maio de 1876 - Ontem das 7 às 9 fui ver a Esplanada; French Market e a parte crioula da cidade. Na Esplanada há alguns jardins bonitos. As ruas são sujas, e tem mau cheiro. Entrei num mercado onde não vi nada de notável.

Às 10 e 10' estava na catedral católica de S. Luiz. Muita gente, tribuna de gente de cor. Por supor que era missa ordinária já estava ela no meio. Houve confirmação de grande número de meninas e meninos administrada pelo Bispo mexicano de Taumalipas que logo suspeitei pelas feições e cor da tez ser americano. É muito bem apessoado e pregou correntemente em francês. Os padres falavam em língua aos meninos — mas não mostrou talento no sermão. Estudou no colégio americano em Roma, tendo estado 6 anos na Europa. Vai um destes dias para Roma.

Depois fui ao Mecanical e Agricultural College and Museum. Só há a casa construída às 6 anos [sic] com uma pequena livraria, a única pública da cidade de onde não podem sair livros. O edificio é grande e tem 2 grandes salões sobretudo o do andar de cima. Apanhou-me aí uma tremenda trovoada com muita chuva. Tornei ao hotel onde li jornais do Rio até 25 de abril. Saí de novo e vi parte da cidade de 2 às 3. A esta hora combinei com o engenheiro Eads a minha visita às obras das jetties onde segundo telegrama de hoje já um navio passou com 16 pés e 3 pol.

Depois conversei até o jantar com os Drs. Chopin e Write sobre a febre amarela. Aquele foi há anos presidente da comissão sanitária e este o é atualmente. Há 6 anos que se executa uma lei estabelecendo quarentena de 10 dias para navios de portos infestados. Quando não aparecem casos de febre em passageiros os 10 dias incluem os de viagem. O navio era fumegado com enxofre e agora desinfetado com ácido carbólico usando-se de bomba para que o desinfetante chegue a todas as partes — durante horas antes de desembarcarem os passageiros no lazareto e depois na descarga na

cidade. O lazareto acha-se 30 e tantas léguas rio abaixo em lugar isolado. O ano passado modificou-se a lei ficando o tempo de quarentena dependente da Comissão de Saúde Pública. Antes da quarentena houve 13 epidemias e depois desde 1856 só três; uma de navio que não fez caso da quarentena e duas por ter sido a desinfecção mal feita. O ano passado de agosto a 9bro houve 80 e tantos casos na cidade dos quais 30 e tanto fatais. Os 2 Drs. não creem na quarentena porque nunca será perfeita aqui. O Dr. Chopin disse que tratou aqui do meu genro Augusto. Indicaram-me o Dr. Devron como entendido na desinfecção pelo ácido carbólico.

Às 5 fui até o lago Ponchartrain que é uma espécie de lago. Margeia-se o canal que da cidade vai até lá. Vi diversas casas para banho à margem do lago e restaurante. Pela outra margem seguia o caminho de ferro ou tram-way a vapor. Passei por perto do cemitério de Greenwood. Vi de longe um monumento aos militares mortos na guerra civil. Pareceu-me artístico.

À noite estive cá o sobrinho de Mrs. de Marigny que hospedou aqui Louis Fillipe em 1800 e ultimamente estive com o Duque de Penthièvre. Pareceu-me um sulista-nortista querendo que seu filho se eduque no Norte.

Vieram Drs. Devron e Write. Disse-me aquele que todos os anos antes de começar a estação da febre desinfetam-se com ácido carbólico — quando puro leva 49 vezes água — ruas e pátios de casas e logo que consta caso de febre com todo o cuidado é desinfetada tudo de modo que não possa prejudicar o doente. Eles pensam que a epidemia se propaga junto ao solo. Também pulverizam o ácido carbólico para desinfetarem. Observaram que lugar bem desinfetado não é segunda vez atacado pela febre. Só conhecem contudo a neve ou gelo que penetre o solo como só podendo matar o gérmen. Só reaparece aí a febre se houve comunicação com objeto que traga o gérmen de outra parte. Estes Drs. tem grande fê na desinfecção como é praticada. Disseram-me que o asseio das ruas não é da competência da comissão sanitária, que apenas inspecionam e representam. Só tem atribuições quanto a medidas no interior das casas e escoamento de águas do interior delas.

Todos três pareceram-me muito inteligentes, mas Chopin não tem a mesma reflexão que Write e Devron, que também me disse ser amigo de plantas e ter no seu jardim 120 espécies de caladium. Mandaram relatórios — pediram os da nossa comissão e já tomei nota e apressarei sua remessa do Rio e uma brochura sobre o emprego do ácido carbólico.

Ainda conversei com o Bom Retiro depois do chá e à meia-noite fui dormir. Passei melhor a noite, porque logo me envolvi no mosquiteiro. Tomara-me já no Norte!

Hoje das 7 às 9 fui até Carrolton. Encontrei muito bonitas casas de campo com jardins. O jardim público de Carrolton só está melhor tratado na frente. Tem suas flores e misérrima estufa onde sempre alegrou-me a vista de siphonea elástica.

Creio que esqueci de dizer que na catedral há um fresco sobre o altar-mor representando S. Luis convocando para cruzada. É de um alemão Bumbrecht — penso eu — Coisa medíocre, assim como, ou ainda piores as outras antigas.

Já voltei de minha volta depois do almoço, mas há muito que contar e já são quase 4. Fica para esta noite se for possível.

27 de maio de 1876 - Fui ver um bonde movido por locomotiva sem fogo, só com vapor que recebe no lugar da chegada. Estes bondes não andam por dentro da cidade. Meti-me num e fui e voltei de Carrolton — ida e volta 6 milhas em menos e 40' com pequena demora no lugar da chegada onde recebeu vapor, como as outras água. Depois escreverei os dados que colhi.

Escola de pessoas de cor. Edifício próprio e bem montada. Tem 400 e tantos. Os mestres senhoras e algumas de cor.

Escola de brancos e de cor 400 e tantos de que só 40 e tantos de cor. Como a outra. Ouvei uma menina de 6 anos ler e recitar de cor admiravelmente bem. Era branca. Há grande repugnância nessa mistura de cores. Existem 17 escolas de negros públicas e 2 high-schools na cidade.

Visitei o suntuoso edifício de pedra o mesmo da alfândega, Correio que ocupa vasto espaço e tem o serviço muito bem regulado e tribunais. A alfândega tem uma belíssima sala de colunas, tudo de mármore, com duas estátuas de Bienville fundador de N. Orleães e General Jackson seu defensor em 1815. Finalmente Thompson's rice mill. Ele confessa que os pilões descascam melhor o arroz e descasca 400 sacos de arroz num dia de 24 horas, que enchem 200 barricas.

Às 5 fui aos Fair-Grounds onde está o Jockey Club. O jardim é bonito. Do alto da casa boa vista descobrindo-se o Bavout-St. John que liga o rio ao lago Pont-chartrain e o City-Park que não acabaram. O Jockey Club tudo o que é preciso para corridas, que se fazem nas Fair-Grounds.

Na volta fui ao Temple-of-Sinai. Bela sinagoga. Estava tudo cheio. O coro cantou bem com acompanhamento de órgão.

Dormi bem. Hoje às 5 ½ fui embarcar-me em Bienville. Esqueci-me de dizer que também à noite tive visita do Bispo mexicano chamado Ignácio de Monte d'Oca Y Obregon, e falei com o naturalista Fontaine, que se ocupa muito de geologia dos Estados Unidos e me oferecera uma obra. Fui ver as fazendas Carroll de Bradosh Johnson, onde encontrei o superintendente Perret, falando como um francês e muito inteligente; Valcouraine de John Bumside. Escocês que comprou e onde achei o homem de negócios dele Chiapella, que fala também muito bem francês e é muito inteligente, e Dugan de Thomaz S. Dugan, que me deu as explicações e parece-me o menos inteligente. Ele e Johnson acompanharam desde N. Orleães e o último voltou comigo até lá. Ambos responderam-me na ida a perguntas de que depois falarei.

As plantações agradaram-me, os engenhos há melhores no Brasil. Plantam a cana entre 2 regas de arado, que é puxado por cavalos. Dá em 8 a 9 meses; plantam as ressocas e ainda um ano os filhos destas e o ano seguinte esse terreno é plantado de favas corn-peas e milho que renova as qualidades do terreno que no seguinte ano leva cana. Também plantam o milho logo com a cana. As gavinhas das favas faz muito bom feno. Os pretos trabalham bem por contrato de ano, que quase sempre renovam, ganhando de 13 a 18 dol. por mês — no 1º caso com comida e no 2º sem ela — em ambos com casa, que não me pareceu má. Ao meio dia recolhiam-se os arados; a aiveca passado por um arco de ferro fincado numa tábua sobre que o condutor era arrastado.

As negras trabalham bem; os jovens de 16 por diante; os de menor idade nada recebem. Numa plantação há 50 chins, mas não trabalham com os negros e são borrachos. Referiram-se que a semente do algodão, além do azeite, dá depois deste extraído um tijolo que alimenta bem o gado e amarelece o leite da vaca. Os resíduos são excelentes. Nestas plantações empregam o estrume artificial de J. Villi. 200 e tantas libras por acre americano — 210 pés².

Na plantação de Valcouraine 16 barris cada um creio que tem 200 e tantos de carvão de pedra 11º além do bagaço — dão um boucault [*sic*] de açúcar refinado, que vale cerca de 50 arrobas nossas. A fazenda Dugan está bem situada à margem do Mississipi. No fundo há belas arvores — um live-oak e ainda mais belas Pekan (creio que assim se escreve) trees.

Perto de Valcouraine fica Armant fazenda ainda maior e do mesmo dono. Aquela tem um solo que logo seca. Esta cidade tem suas ruas muito mal calçadas — ou de lages — ou de seixos grandes e pequenos. Há alguns belos edifícios com os já nomeados e um muito grande todo no exterior do gosto de Alhambra que chamam a Casa-Mourisca.

6 ½ da tarde — Acabo de visitar o New Orleães Machinery Depot para os Baxter's portable stean Engine. O menor é de um cavalo. Desenvolve-se o vapor por meio de gás aceso em poucos minutos. Pesa 230 ££ e custa em N. York onde se faz (casa Maxim and Welch) 250 dollars. Trouxe a descrição de um engenho de prensa de algodão, de invenção do homem da loja.

Logo vou com minha mulher até a Grande Ópera — representação francesa — para benefício — e às 8 parto rio abaixo para amnhã de madrugada para ver as obras das jetties do engenheiro Eads.

29 de maio de 1876 - Partida às 6 ¾. Campinas mais ou menos encharcadas. 7h 11'. Atravessamos há pouco Chef-Menteur. Vem de uma lagoa e vai ao Golfo do México. De um lado li numa casa Chef-Menteur e do outro noutra Banditti-Cava. Que bela correspondência. Passo a lagoa que é grande.

Cheguei dos jetties perto da 1 ½ da madrugada e ao hotel às 2. Encontrei cartas do Rio e da Europa. Falarei depois dos Jetties.

8h ¼ Rigoletto.

Vê-se à direita o Golfo do México. Atravessamos uma larga ponte sobre os Rigolets.

8h 40' Temos passado junto de mato e agora atravessamos um algum tanto cerrado.

8h ¾. Atravessamos floresta de pinheiros que se vê que são cortados. Pequena estação Waveland.

9h Bay-St.-Louis.

9h 6'. Atravessamos a baía sobre um longo viaduto de madeira.

9h ½. Há poucos minutos deixamos Pass-Christian.

9h 40'. Atravessamos bonitas chácaras (casas com pequenas plantações) antes de chegar agora a Mississipi-City.

10h Biloxi. Tem suas casas bonitas de madeira.

10h 5'. Atravessamos outra baía sobre longo viaduto de madeira (Estes viadutos são de paus fincados no fundo da água cujo nível pouco excedem os rails).

10h 12'. Ocean Springs. Lugar bonito de pinheiros e lindas casinhas de madeira.

10h 40'. West-Pascalouga. Vi uma oficina para creosotar madeira vinda por água e trilhos. É um imenso cilindro onde a madeira seca primeiro 24 horas pelo vapor e depois impregna-se de creosote vindo de N. York a 6 galões (o mesmo que o inglês) por pé cúbico sob a pressão do vapor de 125 ££ por pé quadrado durante 48 horas. Passamos outra baía como as anteriores.

11h East-Pascalough Tem suas casas e algumas bonitas.

11h 25'. Atravessamos grande campo com pinheiros espalhados.

11h 35'. Deixamos Grand-Bay com suas casas. Pinheiros e madeira cortada para lenha.

11 $\frac{3}{4}$. St. Elmo a 20' de Mobile.

12 $\frac{1}{4}$. Passamos por um lugar de corridas à direita.

12h 40'. Desci um pouco e fui até um cais onde vi lousa muito fina vinda de outro lugar dos Estados Unidos. Subi para o vagão já em movimento. Partimos há minutos. Mobile — 141 m. de N. Orleães — tem bastantes casas e uma rua comprida que eu vi. Atravessamos um braço da baía como os outros e parte em ponte de ferro e madeira.

O Dr. Fontes disse-me que em N. Orleães é bom o hospital para 200 doentes. A escola na Universidade agradou-lhe menos, contudo achou peças bem preparadas no museu anatômico. Um médico de N. Orleães que se ocupa de helmintologia e tem coligido cento e tantas variedades ou espécies de helmintos disse-me que os meninos padeciam muito de bichas porque o Mississipi abunda deles, não havendo peixe que não os tenha e o gado comendo peixe nos campos quando as águas baixam e portanto cirando cisticercos, de onde provém os tênias.

Passamos 2 vezes o rio Alabama e agora 1h 5' em ponte grande de ferro sobre o Tensaw confluente do Alabama.

2h 10'. Parou para beber água. Temos atravessado pinheirais.

2h 27'. Chuva copiosa de trovoada já há algum tempo. Pinheiros quase sempre.

3h 7'. Paramos em um lugar de poucas casas, mas onde há hotel para os passageiros e seguimos.

3h 20'. Passamos por uma pequena aglomeração de casas com uma casa tendo este nome — Escambia House.

4 $\frac{3}{4}$. Passamos por outras casas com Bar-room. Continuam os pinheiros. Agora estamos parados mas não sei onde. Não tenho achado nenhum guia de St. Louis para cá, a não ser um muito resumido de N. Orleães. Ainda não apareceram os últimos volumes dos de Appleton e de Osgood.

5h $\frac{1}{2}$. Passamos por outras casas e agora paramos junto a maior número de casas. Ainda pinheiros. Parece que o negócio desta região é a madeira. Há aqui grandes pilhas de tábuas de pinho.

5 $\frac{3}{4}$. Bonitas plantações junto a casas de ambos os lados.

6h 11'. Passamos por uma povoação maior.

6h 7'. Lugar cultivado que parece povoação considerável. Margeou-se o rio Alabama. Esta tarde antes do pôr do sol, houve descampados bonitos e aquele foi belo. Esta povoação é importante.

7h $\frac{3}{4}$. Largamos da estação à esquerda. A cidade fica a alguma distância à direita. Já tenho um jornal.

8h Agora vou ceiar. Há mais de $\frac{1}{2}$ hora que nada se vê.

30 de maio de 1876 - 5h 10'. Estamos em Atlanta. Cidade importante.

5h $\frac{1}{2}$. Deixamo-la há pouco. Tenho 3 jornais. Saindo dela vi o lugar das corridas. Atravessamos em ponte o Chattahoochee. Estamos no Estado da Georgia depois de ter passado os de Mississipi e de Alabama.

5h $\frac{3}{4}$ Pinheiros e carvalhos. N. Orleães está no de Lousiana.

6h Há pouco estação com algumas casas. Madeira cortada e fardos de algodão. Terreno cultivado de ambos os lados. Li num dos jornais que há 200 queijarias no Illinois, para que dão leite diariamente 2 milhões de vacas.

6h 5'. Deixamos Marietta onde paramos minutos. Tem bastantes casas com jardins e pequenas plantações. Predominam os carvalhos.

Antes que me esqueça. Em N. Orleães vi no hotel uma menina de nome Lucia Zavata, mexicana, que o pai dizia ter 12 anos. Tinha as dimensões de uma boneca não muito grande e era muito esperta andando e falando desembaraçadamente.

6h 37'. A máquina bebe água há minutos em Big-Shanty.

6h 40'. Seguimos. Tem suas casas com pequenas plantações.

7h 9'. Terrenos bem cultivados com casas de ambos os lados. Vejo cercas como já conheço muitas, de paus simplesmente sobrepostos e formando esta figura () com os vértices para fora.

Chegamos a Acworth Povoação com bastantes casas. Vejo uma igreja.

7h 9'. Chegamos a Allatoona. Pequena povoação.

7h 16'. Passamos por Stegall's. Tem suas casinhas com pequenas plantações. Logo Etowah

7h 20'. Descobre-se à esquerda linda vista de colinas com árvores nos cimos e plantações nas encostas e baixas. Atravessamos o Etowah (7h 26') em ponte de ferro curta.

7h 28'. Paramos. Cartersville. Povoação com bastantes casas e parece-me ter visto oficinas da estrada. Só me deram a lista das estações depois de Marietta.

Acerto o meu relógio que marca 7 ½ pondo-o nas 8h

8h 25'. Durante o almoço passaram Roger's e Cass. Poucas casas, mas esta mais considerável.

9h 7'. Kingstom. Algumas casas e pequenas.

9h 11'. Deixamos Hall's. Madeira empilhada.

9h 20'. Calhoun. Algumas casas. Talvez me enganasse a respeito dos nomes precedentes porque na lista antes de Hall's há Adairsville e Mac Daniels. 9h ½ Passamos o Oostonaula em ponte coberta, não grande, e pela estação de Resaca.

10h 48' Passamos Tilton com algumas casas. Ainda se vêem bastantes árvores porém poucos pinheiros.

10h 3'. Dalton. Povoação de bastantes casas. À estrada bifurca-se e vamos seguir o caminho de Lynchburg (Virginia) entrando no estado de Tennessee. Paramos defronte de uma grande casa com o título Duff Green House (é um hotel de onde recebi um ramo de flores. Tenho recebido vários na minha viagem). Vi uma igreja pequena, mas bonita. Não tenho edifícios que me indiquem escola.

11h 7'. Passamos Varnell's porém eu não vi outra estações nomeadas antes na lista. Serão muito pouco importantes, quase sem casas, como a acima mencionada. Atravessamos (11 h) pinheiros e carvalhos.

11h 5'. Passamos Dalton (Tennessee). Quase nenhuma casas. Árvores bonitas.

11 ½. Chegamos a State-Line (Já passou). É Cleveland (Tennessee) a que chegamos. Tem suas casas e uma de sobrado de boa aparência com o título Mondey House. Paramos minutos e seguimos às 11h ¾. Bonita vista de terreno ligeiramente acidentado com árvores plantações não muito grandes, à esquerda. 12h 3' Charlston. Apenas paramos. Poucas casas pequenas.

12h 6'. Lugar de colinas separadas e com bonitas casas de jardins com árvores. Chama-se Riceville. Apenas paramos. Atravessamos uma ponte de ferro não muito grande o rio Hiwassee. Continua quase o mesmo aspecto.

12h 25'. Athenas. Tem bastantes casas pequenas, mas algumas bonitas. Vejo uma igreja pequena. Poucos minutos de parada.

12 ¾. Reagan's. Bonita do lado direito que se vêem casas no vale entre as colinas com belas árvores. Plantações, à esquerda sobretudo; colinas de ambos os lados cobertas de árvores. A vista estende-se pelo caminho adiante. 1h Sweetwater. Casas bonitas, mas pequenas, de ambos os lados. Paramos apenas — Leio numa casa Mouse Creek. Na lista há Mossy-Creek muitas estações depois de Sweet Water. O terreno parece há tempo melhor aproveitado, mas não é como o que vi de Chicago até Washington Pittsburg.

1h ¼. Bonita povoação com igreja sobre um teso. Tem suas casas e duas de sobrado que eu vejo. É Sweet-water (E o que eu supus?). Custa a obter informações exatas. Para não terem trabalho respondem logo embora errado, ou o I don't know.

1h 40' Depois de minutos deixamos Filadélfia (Tennes.). Poucas casas e uma igreja.

2h 5' Deixamos London. Poucas casas. Atravessamos sobre ponte que não é pequena e a princípio coberta, o que indica madeira — o rio Tennessee. Água muito amarela. A margem direta do rio que se vê da ponte — creio que nunca — está toda muito bem lavrada. Bonita vista do Tennessee que margeamos. Do outro lado a falda da colina coberta de mato é cultivada. O barômetro está muito baixo ameaçando temporal.

2h 12'. Lenoir's. Pequena parada. Campo lavrado e plantado à direita. Algumas casas. Uma grande casa com roda de água à esquerda. Tornou a para na estação cheia de sacos. Seguimos.

2h 24'. Passamos por Concord. Poucas casas.

2h 35'. Igreja sobre colina à esquerda. Algumas casas com árvores na frente, segundo tenho visto. Erin, onde não paramos.

3h 12'. Bela paisagem à direita.

3h ½. Deixamos Knoxville onde há parada foi talvez de 20' [sic]. Grande povoação bem situada. Vi uma grande casa de Implements. Agricultural & Fertilizers perto da estação. Bonitos lugares. Passamos outra vez ao longo do rio Tennessee, mas por pouco tempo. Lindo campo arando-se. Outra vez o rio junto a cuja margem direita paramos, creio que para a máquina beber água. Margeamos o rio bordado de campos cultivados e bonitas árvores. Agora a margem oposta tem casas com árvores e plantações e o terreno é avermelhado. Atravessamos o rio em ponte forrada de ferro, pelo menos. Lindo campo de terra roxa toda plantada à esquerda, com arados trabalhando. É uma das partes mais bonitas dos Estados Unidos que tenho atravessado. Há lagos formados por água tirada de poços por noras afim de regar o solo.

4 ½ New-Market. Quase não tem casas. Já passamos Mc Millan's e Strawberry-Plains, talvez os bonitos lugares mas que é dos morangos? Contudo muitos tenho comido desde que cheguei a N. York.

4 ¾ Talbot's. Tem casas bastantes. Grande e bonita casa no cimo de uma colina à direita rodeada de belas árvores. Tem uma torre que a faz parecer com o Castelo de Martim Birimbela.

5h Morristown. Lugar bastante acidentado com algumas casas.

5h 20'. À esquerda sobre um teso duas casas bonitas de campo. Bastantes casas e 2 igrejas.

5h 24'. Agora é que chegamos a Morristown. Tenho visto gado e juncos como neste momento, pastando. Partimos. 5 ½.

5 ¾. Ao longe por entre as colinas da esquerda vê-se uma montanha grande. O terreno é acidentado, com casas e bastantes árvores junto às casas e pelas colinas.

6h Passamos por lugar de algumas casas.

6h 5'. Já passamos Russellville. Estamos em Rogersville Junction. Vejo um caminho de ferro que toma para esquerda. Há bastante gente adiante creio que consertando o caminho. Tenho visto muitas florezinhas brancas e cor-de-rosa como as margaridas do campo. Aparecem onde há trevo e o Bom Retiro diz que nascem nas plantações de alfafa, vindo talvez as sementes misturadas. Estivemos parados um pouco, ma seguimos. Carneiros, mas de raça pequena.

6h 20'. Bonito lugar plano cercado de colinas com mato e ao longe à direita azulão por uma abertura alta montanhas.

6h ½. Lugar de casas. Vejo também uma barraca de pano armada que talvez seja de empregados da estrada, onde já há trabalhadores fazendo consêrto.

6h ¾. Bonito vale entre colinas cultivadas ou cobertas de árvores, com casas espalhadas. A tarde tem refrescado. O dia esteve muito quente e não deu nada de si o tempo.

7h 6'. Há minutos que não se observa cultura nenhuma dos lados. Vê-se agora a serraria muito alta à direita. Viu-se à direita, não eu, o lugar onde está enterrado o General confederado Johnston Stonewall. A serra chama-se Unaker (Blue Ridge ou Smoky Mountains). Já passamos Midway e estamos em Greenville, povoação de bastantes casas e com 3 igrejas, pelo menos, das quais uma parece ter a ponta da torre prateada. Este caminho foi de grandes combates na guerra civil. Em Kennesaw-Mountain penso que Sherman ganhou uma grande batalha, esta montanha vi-a à esquerda depois de Atlanta.

7h 26'. Fullen's. À direita a vista enfia por um longo vale que descobre a Blue-Ridge. Não paramos. Custa já a ver.

31 de maio de 1876 - 5h 10' da manhã. Big Liek a 151 m. de Bristol e 393 de N. Orleães. Faltam 290. Montanhas altas perto à direita. Ontem de tarde subimos, embora docemente.

5h 20'. Passamos lugar com casas e árvores à esquerda pequenas plantações e não longe desse lado montanhas. A paisagem alarga-se; colinas, algumas plantadas e semeadas de árvores e as montanhas cercado-as mais perto do lado direito.

5h ½. Terreno mais dobrado. Encosta da colina à esquerda plantada de vinhos. Um corte alto e longo. Aproximamo-nos das montanhas, mas seguindo o vale por cavas e cortes, o último bem alto. A vista espraia-se e no sentido da estrada só muito longe se descobre uma serrania, que parece não se prolongar para a esquerda.

5 ¾. Chegamos a Buford's depois de ter passado 3 estações, sendo a última Blue-Ridge. Apenas paramos.

6h 6'. Tornou a apertar-se e terreno e passamos um pequeno corte. Outro maior. Pouco depois de Bristol que dista 167 m. de Buford's que entramos na Virginia.

6h Vê-se à esquerda na serra uma montanha muito alta e pontuda. th 4'. Bonita casinha à esquerda com jardim. O Lamare disse-me que às 4h o terreno era muito montanhoso.

6h $\frac{1}{4}$ Liberty tem suas casas. Paramos instantes. Hotel não pequeno à esquerda, casa grande que parece fábrica. Não tenho notado igrejas e ainda menos casas para escolas como no Norte e Oeste.

6h 34'. Terreno ainda muito acidentado e o caminho passando por apertadas colinas e cortes.

7h 5'. Bonita plantação à esquerda, estendendo-se por um aberta entre as colinas depois da qual parecia alargar-se. Grande aberta pela esquerda por onde a vista alarga-se por cima das colinas até as montanhas. Atravessamos um bom corte.

7h 10'. O mesmo terreno muito dobrado; passamos um corte como o outro. Grande corte. Muitos deles são em rocha lamelar — Cortes seguidos por colinas apertadas. Passamos em outra ponte o Ivy-Creek.

7h $\frac{1}{4}$. Passamos pequeno túnel na rocha. Grande corte na rocha. Casas trepadas em linda colina relvada e com árvores na margem.

1 de junho de 1876 - 5 $\frac{3}{4}$ da manhã. Só agora posso completar as notas de N. Orleães: Sobre as locomotivas sem fogo. Cada uma custa 1.500.00 dol. A velocidade ordinária 15 m. por hora. Máxima na linha que percorri 18 m. por hora.

Máxima obtida 30 m. Cada máquina anda 120 m. por dia e demanda 5.580 ££ de carvão, para produzir no reservatório central o vapor necessário para esse serviço de cada máquina. A linha tem 9 máquinas.

Os fazendeiros responderam-me indo eu ver as fazendas, que as canas plantadas até agora são as red and yellow ribbon (a melhor) Otaiti; Cristaline e Creole que tem degenerado e não presta.

O grande areômetro mais elevado 11°. Um acre — 219 p². dá 2000 ££ de açúcar são dados por tonelada de cana quando o areômetro marca 8°. A cana leva depois de plantada 8 a 9 meses para poder ser moída. Quando passa 2 vezes pelas moendas dá 10% mais açúcar. Aproveitam tudo para açúcar. A moléstia observada é um bicho que começa a atacar as folhas por cima. Desaparece por si ou mudam de planta. O bicho não ataca a raiz e só faz que produza menos açúcar a cana. Atribuem o aparecimento do bicho à má drenagem. A cana dá 8 filhos e atinge a altura de 7 pés e $\frac{3}{4}$ de polegada de grossura. Costuma ter 6 a 7 limpas por ano. Raras vezes frecha a cana e em janeiro quando o frio o permitira o fechamento. Não conhecia nem tinha idéia de nova variedade obtida pela junção de outras duas.

A vista da cidade quando partia entre 8 e 9 da noite para a barra do Mississippi era pitoresca por causa das luzes. Havia algum luar.

Cheguei à jetties cerca das 5 da manhã do dia seguinte. Fui logo ver as obras no meio de uma nuvem de mosquitos e moscas mutucas que atacam sem cessar. O meio de formar as jetties por meio de madeiros engradados cheios de faxina que compacta o lodo que aí se entranha é muito engenhoso e simples. Trago publicações que tudo explicam. Já há muito feito desde 14 de junho que se fincou a primeira estaca.

Fui no vaporzinho Julia de propriedade do Coronel Andrews o homem de dinheiro da empresa até fôra dos jetties e sondando. Onde há pouco só havia 8 pés de água e correnteza entre os jetties já cavou até 16.

O que li e conversei com o engenheiro Eads cabeça da empresa, me faz reputar estas obras de grande importância. Também conheci o ajudante o engenheiro Bayley que é muito inteligente e outro Pruciano Schmidt, que também muito me agradou pela sua perspicácia. Deixei os jetties às 9h

O Mississippi é mais bonito abaixo de N. Orleães. Com a enchente as árvores pareciam nascidas no fundo do rio.

Vi mais de 6 ou 7 jacarês (alligator) alguns muito grandes tomando sol sobre paus um bem perto de uma casa. Também achei urubus como os nossos.

À tarde vi grandes plantações de laranjeiras. Um passageiro de nome Kennedy asseverou-me que havia laranjeira que se carregava ao mesmo tempo de 8.000 laranjas. Duvidei mas ele pareceu-me que não mentiu. Ao chegar o pôr do sol vi grandes plantações na margem direita do rio e os edifícios consideráveis da fazenda Magnólia de Mr. Lawrence representante no Congresso do Estado de Louisiana. Havia aí também um arado a vapor. A fazenda de Bradosh Johnson perto da outra também é importante.

Senti muito não ter sido informado a tempo para combinar minhas digressões às fazendas e às jetties

Como o fiz deixei de ver fazendas muito melhores de que as que visitei. Mr. Kennedy expus-me o processo diffusion empregado com proveito numa fazenda.

Cortam a cana em pequenos discos que depois pela lavagem cedem todo o seu caldo. Estava de volta em N. Orleães à 1 ½ da madrugada.

O vaporzinho está perfeitamente arranjado e se não fosse o carvão poderia navegar muito dias no mar alto. Pertenceu ao tristemente célebre Tweed de N. York. Mudaram-lhe o nome quando Andrews o comprou. Eads deu-me um discurso seu na Academia de Ciências de St. Louis que prova sua grande inteligência e vastos conhecimentos. Ele e suas obras de engenharia foram as duas coisas mais interessantes de minha digressão ao Sul dos Estados Unidos. Ontem ao chegar aqui soube da chegada do Augusto a N. York antes de ontem e que estará hoje aqui às 6 da manhã e às 6 da tarde fomos fazer a devida visita à legação brasileira. A casa do Carvalho Borges está bem arranjada. Deu-se uma volta pela cidade. Capitólio, Smithsonian Institute e Monumento de Washington. Depois li cartas. Conversei com Mr. e Mrs. Bacon nossos companheiros de viagem do Rio de Janeiro. Ceei e ainda li até 11h que fui deitar-me.

1 de junho de 1876 — Antes do almoço fui ver o Monumento de Washington. O mais curioso é a casa onde guardam pedras oferecidas por diversos. Há uma do Parthenon (panteon???) e outras das ilhas de Paros e de Naxos. Dei de mandar uma do Brasil. Deixei meia libra de contribuição e recebi um retrato de Washington e outro papel que ainda não vi bem.

Depois de um passeio até quase o Soldier's Home. Depois do almoço: Museu Anatômico. Muito interessante — depois falarei de tudo mais miudamente — e estarei no Senado até 2 horas: assisti à reza antes de se abrir aquele como já observei na Câmara. Não se procedeu ao interrogatório do ex-Ministro Belknap.

Reparei para a estátua de Washington assentado. Três inscrições na frente: First in the heart of his countrymen — olha para o Capitólio: da direita — First in war; — da esquerda: First in peace.

Vi o colégio Franklin. Gostei. A casa apropriada para escola até formar professoras quase todas as 20 que saem cada ano custam 240.000 dol. a particulares. Esta normal school que educa desde a instrução primária não chega quanto ao ensino às outras que visitei.

Às 3 conversei com o Augusto que almoçara comigo.

À tarde fomos ao Soldier's Home depois de ter visto uma fábrica de fazer 60.000 tijolos por dia apertando somente o barro tirado da barreira de encontro às formas. É muito interessante. O Soldier's Home é colocado num lugar muito pitoresco e todo rodeado de árvores chegando-se aí por avenidas de árvores. É lindíssimo. Admite 200 soldados mutilados ou inutilizados em serviços ou que o tenham prestado 20 anos. Tem livraria; reading-room; bons quartos de dormir, refeitório e enfermaria. O comandante que é general e os oficiais tem lindas casas ao longo das avenidas. Há um lugar por onde se vê o Capitólio muito ao longe numa aberta das árvores.

À noite assisti a um concerto de música sacra que me agradou. Guardei o programa. Fui num templo protestante para se pagar o órgão. Ainda li e escrevi e dormi depois de meia-noite.

2 de junho de 1876 - É preciso mandar as cartas logo e por isso irá tudo às pressas. Antes do almoço Instituto de surdos-mudos — o mais completo que vi mesmo na Europa. Tem 100. Há 44 anos nos Estados Unidos. Com 4.000 e tantos alunos, e 25.000 surdos-mudos nos Estados Unidos. Neste belo estabelecimento perfeitamente colocado e com 150 acres de terreno onde os alunos trabalham saem deles bacharéis em letras ou ciências. Metade deles articulam e falam melhor ou pior. Resolveram equações algébricas, discorreram por escrito na pedra perfeitamente expondo um a teoria dos eclipses e outro traduzindo falando Horácio e uma passagem das Catilinárias mostrando saber bem latim. O diretor é filho de uma pessoa que aprendeu em Paris com Abbé Sicard. Casou com uma de sua discípulas surda-muda que é a mãe do diretor e a qual me deu uma hera que eu plantei perto da escada do estabelecimento. Fiquei encantado da visita.

Volto de visitar o Court Surwey dirigido por Patterson amigo de Agassiz. Este estabelecimento merece longa descrição. Agradou-me muitíssimo. Depois fui ao Arsenal de Marinha e gostei do Anchor's e Chain's Shops e da gunnery. Falarei ainda do Arsenal. Enfim venho do Kinder-garten de Mrs. Pollock. Interessou-me como o de Mrs. Blow. Tem 50 meninas de 4 a 8 anos e só duas delas de 10.

Às 4 vou a Mount-Vernon, casa e túmulo de Washington e à noite um pequeno soirée em casa de Mr. Thornton.

3 de junho de 1876 - Agora não posso falar de minha visita a Mount-Vernon.

Saí de Washington perto de 4 ¾. Gastei mais de 2 horas. Cheguei perto de 11 da noite. Voltei da casa de Thornton perto de 1 ½ da madrugada. Muita gente e da melhor em casa de Thornton é tudo muito bem arranjado. O interior da casa é muito bonito. Saio daqui a pouco para ver o Arsenal de Guerra com o general Sherman e depois pretendo ir ao fotógrafo, etc. Não de fazer perto do hotel um exercício de bombeiros. Depois do almoço vou ver o edifício suntuoso do Department of State, que terminado compreenderá os da Guerra e Marinha sobretudo para ver Hunter filho do meu conhecido Hunter cuja família, menos esse filho que ficara já empregado nos Estados Unidos, conheci muito no Rio quando ele pai aí esteve de Ministro.

Às 11h saio para a viagem.

11h Chego do State Department. Belo edifício.

Mrs. Brickhead está em New Port e uma irmã de Hunter. Não se parece com o pai. Estava de chinelos.

Depois fui ver o jardim do departamento de agricultura. A estufa é curiosa e tem 74 variedades de vinha com seus nomes. Finalmente voltei dando um giro. Acabo de ir ao teatro que é bonito no interior. A família Vokes, 3 irmãos e 2 irmãs — ingleses e tem corrido o mundo representando peças que eles mesmo arranjam é digna de ver-se. Duas irmãs são excelentes artistas; e uma destas até tem excelente voz e canta que agrada, dançando também, com muita graça.

Esqueci-me de dizer que os presidentes das Câmaras batem martelo, em lugar de tocarem campainha.

Há 9 igrejas católicas e constroem-se mais 2.

O Post-Office é também um belo palácio.

A White-House casa do Presidente não tem arquitetura nem muito grande, porém há seu luxo no interior, e tem jardim bonito.

Esqueci-me dizer que nas salas das comissões e corredores respectivos no Capitólio procuraram imitar as pinturas murais de Pompéia.

O rapaz que no quadro da batalha do lago Erie está com medo de que o Com. Perry morra é seu filho, do mesmo nome e que comandou a expedição ao Japão. Vi hoje outra pintura interessante no muro ao subir uma das escadas. Representa o ataque de um forte de índios.

Tenho tido cartas a valer sobretudo pedindo autógrafa meu.

Vi nos arquivos o borrão da declaração da Independência por letra de Jefferson e assentos de despesas por letra de Washington, assim como despachos e Paris assinados por Franklin. Depois fui ver a estátua eqüestre de Jackson pelo escultor Clark Mills. É uma das boas — poucas — que tenho visto aqui. Está no Lafayette Park. Vou sair para a estação.

4 de junho de 1876 - O sol parece querer dar-nos belos dias para a cascata.

Vou dizer que o tempo não me permitiu referir em Washington.

O Soldier's Home admite 300 segundo me disse Sherman que me informou haver mais 3, sendo o de Ohio o maior.

Plantei junto à escada do Instituto dos Surdos-Mudos uma hera, de que trago uma folha.

No Coast Survey dirigido por Patterson amigo de Agassiz e homem muito inteligente informou-me este de que mesmo a carta dos estudos marítimos não está acabada. Tem medido diversas bases das quais a maior é de 10 milhas, com o instrumento aperfeiçoado por Bache, o qual verei na exposição mediram um arco de meridiano entre os Montes Shasta e Diablo de mais de 200 milhas assim como mediram um arco não menor de paralelo. No alto do Monte Shasta de mais de 14.000 pés de alto colocaram um marco que reflete o sol e torna-se visível assim por telescópio a mais de 200 milhas. Possui oficina de gravura e de eletrotipia, tendo o diretor desta última oficina A. Zumbrock obtido depositar o aço sobre a chapa de cobre eletrotípica. Deu-me uma linda gravura obtida por essa forma. Há um graduador até 5" com o nonnio 1/10". Repararam instrumentos, mas compram-nos na Europa.

Patterson ficou de mandar-me a melhor carta dos Estados Unidos até agora publicada e uma planta excelente do porto de N. York.

No Museu Anatômico vi trabalhos muito curiosos e fotografias de composição do sangue de diversos animais e do homem e o Fontes disse-me que tinham trabalhos histológicos fotografados de muito interesse.

Mount Vernon é um lugar pitoresco. Sobe-se do desembarque até à sepultura de Washington e Marta. Não gostei do monumento vermelho e de péssimo gosto. Pela grade atirei flores sobre as duas sepulturas e plantei perto uma maple

tree por pedido de Mrs. Berghmann Presidente da Sociedade de Sras. que cuida de Mount Vernon (ver as notas do testamento de Washington, cujo impresso me deram lá) — é digno de ser traduzido em todas as línguas e ainda mais me faz venerar a memória do grande cidadão. Pedi ao historiador Bancroft que me acompanhou na digressão que pegasse no galho enquanto eu o plantava. Depois vi na antiga sepultura de Washington um lugar muito bonito olhando para o Potomac. Colhi umas folhas de uma das árvores que o sombreavam como assim trago outra do galho que plantei e um pau de um Hickory de Mt. Vernon que me deu Mrs. Berghmann. Mudaram os ossos de Washington da família para outro lugar por causa da recomendação do testamento, porém só o fizeram em 1837, 38 anos depois da morte dele. Depois vi à casa dele (ver o livro de descrições que trouxe por pedido meu) e houve comida.

Na volta choveu um pouco. O rio é bonito. Muito gostei de conhecer durante este passeio e no soirée da noite a Condessa de Hoyos, da família Eberstein, mulher do Ministro da Áustria cuja fisionomia de turco não me agradou. Conversei também com o Ministro da Venezuela Della Costa. Muito interessante e estimável pessoa. Conheci também então o almirante Porter, o que mais se distinguiu na Marinha de guerra civil depois de Farragut. A Condessa de Hoyos tem expressão de rosto e sobretudo de olhos muito parecido com o da Isabel, mas o talhe do corpo não.

8h 9' da noite, que ainda é dia.

Depois da missa da Igreja de St. Mary, que não é pequena mas feia — um só padre cantou-a e explicou epístola e evangelho; o coro desafinou que foi um gosto.

Fomos ver a cascata. É belíssima — porém a de Paulo Afonso mais sublime, caindo de muito maior altura. Via-a, contemplei-a primeiro do lugar chamado Prospect — lado americano — o parapeito está sobre a queda desse lado e olhara para a majestosa queda de Horse-shoe lado do Canadá. Todos os da comitiva fotografaram-se junto ao Prospect. Depois fui pela suspension-bridge mais abaixo da outra ao lado do Canadá. O passeio é bonito — com bonitos jardins assim como plantações de árvores. Aí há a Clifton-House. Comprei numa casa adiante fotografias, binóculozinhos, onde se olha a vista da cascata. Aí vesti a roupa própria para ir a Table-rock. Parte da cascata de Horse-shoe me caiu por cima. Incomodou-me um pouco a ventania produzida pela queda e o chuveiro na cara. Saindo fui ver bisões vivos; uma pirâmide coberta de ossos de chefes dos índios Chippawa desenterrados de um cemitério deles e noutra casa ursos.

No hotel também os prairie-dogs meus conhecidos da viagem a S. Francisco. Na segunda casa subi até um mirante de onde há excelente vista sobre a cascata. Daí fui até a ilha onde há o chamado observatório. Subi a essa grande altura que domina melhor a cascata. Voltei ao hotel para jantar. Pouco depois das 6 fui ao Goat-Island. Para lá chegar atravessa-se uma ponte sobre os rápidos perto da qual existe a fábrica que faz o papel para Tribune de N. York. A ilha fica sobre a grande queda do lado americano. Apanhei folhas assim como um ramo de cedro, como o do caramanchão perto do meu torreão de S. Cristóvão tinha escolhido na ilha do observatório. Goat-Island é muito pitoresca. Daí fui as Three-Sisters três ilhotas reunidas por pontes. A última fica sobre os grandes rápidos e aí parece sobretudo ao longe um mar de temporal. Em caminho vi a parte do parque que levou à pedra sobre que estava uma torre que caiu e chama-se Terraput Tower. Na volta entrei num anexo de nosso hotel que serve de parlor e que tem vista sobre os rápidos de ambos os lados. Do salão observei o brilhantíssimo pôr do sol. Os espelhos do salão faziam que o rio parecesse nesse ponto correr em sentidos *[sic]*.

São 8 ½ e ainda há bastante crepúsculo. Às [que horas????] será a ceia e às 10 vou admirar o luar de Goat Island que dizem ser o melhor lugar.

11 ½. A lua nunca esteve muito tempo limpa. As águas apresentam outro aspecto diurno. Nas Three Sisters é que a vista mais me agradou. As pequenas nuvens que levantam os rapids parecem fantasmas deslizando-se sobre a água. Não observei nenhum arco-iris. De dia vi alguns que pareciam quase deitados sobre a água. Muitas vezes interrompido, ou parecendo cores, que corriam sobre as águas. Agora de noite é que desci e fui até onde houve a torre. No passeio de dia eu vi uma parte da margem comida pela corrente com a forma de uma abóbada. A pedra junto da qual passei para ir a Table-rock está se desfazendo como madeira podre. Há um bote que atravessa muito bem o rio e aproxima-se de Horse-shoe, vindo da margem inglesa até o elevador que há nessa.

A vista do Prospect-Point com lua bem clara deve ser admirável; contudo agora apresentava aspecto encantador. Estou com muito sono. Adeus.

5 de junho de 1876 - 5 ³/₄. Já tomei banho. Meu guia disse-me ontem que 1 milha acima das Sisters-Islands navega um vaporzinho até Búfalo, 22 m. Esta cidade fica no desaguadouro do lago Erie. A 18 m. abaixo da Catarata de Niágara fica o lago Ontário.

8 ³/₄. Saí às 6. Fui ver os Whirlpools primeiramente os pequenos onde os rapids produzem enormes colchões, tendo descido até perto do rio por elevador e escada, e depois o grande onde um objeto caído redemoinha 3 dias antes de seguir rio abaixo. Este forma aí um lago e depois continua estreito entre altas barrancas. O pequeno vapor que ia até perto da Catarata do Niágara não tendo dado lucro fizeram-no descer os Whirlpools. Eram 3 homens que estavam dentro. 2 quiseram voltar, o outro fingiu que assentia, mas fechando-os deitou-se com o vapor o Maid of Mist pelos redemoinhos abaixo chegando ao lago Ontário. Levo vistas disto. Voltei pela margem do Canadá e defronte de Clifton-House descí a tomar o bote que nos conduziu muito bem — eu, Bom Retiro, o Augusto, o guia do hotel e um remeiro com 2 remos e que dirigiu perfeitamente o bote através da corrente até o elevador a vapor na margem americana. Eleva à altura de 180 pés; o dos Whirlpools é de 192 — por meio de cadeiras em plano inclinado com trilhos. Daí subi pela margem do rio de onde navega um pequeno vapor que aí estava muito longe, para Búfalo. Voltei por um caminho bonito atravessando um bosque de carvalhos. É preciso cuidado para não ser surpreendido pelos trens, onde não tenho visto guardas que dêem sinais aqui na viagem de Washington para cá. São 9 e vou almoçar. Comprei uma bengala num mostrador perto do porto do bote.

Leio no Buffalo Daily Courier de hoje que o express de N. York para S. Francisco chegou ontem (41 a Oakland) às 9h 25' da manhã 26' menos que as prometidas 84 horas e os passageiros apearam-se às 9h 52 ¹/₂' no saguão do Palace Hotel de S. Francisco. Nada sucedeu durante o trajeto. Vejo que hoje de tarde cantam em Buffalo a 20 e tantas milhas daqui o oratório S. Paulo de Mendelssohn — que pena!

Antes de sair de Washington 3 dos 5 postos de bombeiros da cidade velha acudiram prontamente ao sinal gastando minutos apenas, e as bombas a vapor jorravam a altura maior que a das mais altas casas. Vimos também as escadas, mas não fizeram exercício com elas. Antes do almoço fui ao Arsenal de Guerra. Não encontrei ninguém e pareceu-me que nada havia que ver. Dei uma volta de carro e retirei-me.

O caminho até o Arsenal à margem do rio sobre uma ribanceira é bonito.

Perto da estátua de Jackson há peças tomadas aos ingleses na guerra de 1812 creio que pelas tropas de Jackson.

Washington tem as maiores ruas asfaltadas e em tempo de chuva e com as variações de temperatura que aí há ficam lamaçais pegajosos.

Não vi a grande casa para os negros libertados junto ao Soldier's Home porque disseram-me que não valia a pena. Não sei se já falei das espirradeiras (planta Nerium Oleander) vermelhas e cor de rosa como ainda não vi tão belas, quando subi o Mississipi vindo da barra.

12 de junho de 1876 - Fomos ao Burning-Springs que fica na margem do Canadá perto das Street Islands onde há uma ponte que lá vi do caminho onde passei pelo colégio católico que é um bom edifício. O gás sulfídrico sai de um tubo de um reservatório colocado no poço. Inflamam-se ao contato do fogo. Através de um lança que não arde, penetra as noras tapando parte do tubo; no fundo do poço depois de esvaziado um copo dessa água, que não tem mau [*sic*].

Colhi ramos de uma planta rasteira em Burning-Springs.

3 de junho de 1876 - Partida de Washington 11h 50'. As estações de Washington que conheço mas não são feias externamente e são grandes.

12h 4'. Passamos um túnel não pequeno. Caminho de Baltimore que já conheço.

1h ¹/₄. Chegamos a Baltimore

1h 21'. Seguimos

3h 40'. York. Lugar bonito e desafogado à direita, com suas casas. Até Harrisburg. Já eu conheço de quando vim de Pittsburg.

Às 3 ³/₄ Mount-Wolf — Poucas casas, colinas. O movimento não me deixa escrever bem. Ponte coberta. Outra.

4h Já há minutos que margeamos o rio Susquehanna. Bonita vista de colina defronte do outro lado do rio. Passamos defronte de uma casa com lindos carvalhos. Tem feito calor abrasador, mas agora vai refrescando, apesar de ter falhado a trovoadas. O rio alargou e fez linda vista. Ponte coberta, antes desta passou-se. Todas elas curtas. Há muito que se vê

ao longe Harrisburg. Estou em dúvida se não passei por outro caminho de Pittsburg até Washington, pois não vi Harrisburg de longe, mas também vamos atravessar o rio. Paramos para que outro trem passe a ponte. Contudo creio que segui ao lado oposto da minha primeira vinda a Washington, sendo que o caminho perto desta pareceu-me o mesmo. As Montanhas ao longe do lado de Harrisburg formam esta figura.

[Desenho]

Não se vendo a base da abertura entre elas.

4h 32'. Passamos a ponte e estamos em Harrisburg.

5h 13'. Desci, mas pouco andei. Apareceu uma banda de música vestida ao tempo de Washington que tocou o hino americano e outras músicas. Creio que vamos seguir porque chegou o trem que se aguardava.

5 ½ Seguímos. Campos bem plantados. Vales à esquerda. Bela ponte à esquerda sobre o rio que margeamos tendo passado por Rockville.

5 ¾. Um canal ao longo do rio porque este aqui é pedregoso. Barcos puxados a sirga no canal uns para baixo outros para cima. Paramos por causa de um grande trem que ainda está passando.

6h 26'. A trovoada deu muito para cá e a linha ficou interrompida. Tomamos por isto um desvio e vamos seguindo agora. Mas passamos segundo ouvi pelo lugar do esbroamento [*sic*]. Paramos outra vez um pouco e 6h 40' parece que vamos seguindo decididamente. Um grande negrume de nuvens, porém creio que não cairá a grande carga de água sobre nós.

7h A chuva tem caído com trovoada. Continuam o rio e canal a este de comportas — que já se viram duas. Estamos na Lykens Valley e defronte do lugar do embarque do carvão de pedra. Shipping Office for the Liken's Valley Coal.

Paramos minutos e seguimos. À margem oposta 7 ½ está muito bonita bordada de casas que dominam as colinas todas relvasas. Recebeu-se telegrama de que se queimou uma ponte no caminho. Dizem que não atrasa a viagem e apenas queriam se eu preferir aguardar que se reparasse a ponte a seguir outra linha.

7h 23'. Há minutos que não vejo o canal que julgo afasta-se do rio que margeamos sempre. Este vale é lindíssimo.

7h ½. Passamos por casas. Muitas canoas pequenas junto à margem do rio. Vai ficando escuro para ler.

7 ¾. Atravessamos há pouco uma ponte. Por hoje deixo de escrever.

8 ¼. À lua sempre acrescentarei que passamos há minutos Sunberry povoação considerável a 186 m. de Niágara.

4 de junho de 1876 - 5h 20' da manhã. A paisagem é muito bonita. Estamos a mais de 40 milhas de Buffalo de onde começar o Erie-Canal que une os lagos do rio Hudson em Albany e Frog por Rochester, Siracusa e Utica. Custou 45 milhões de dol. Os barcos gastam 11 dias de Buffalo a Albany andando noite e dia. Buffalo tem 117 mil habitantes. Devemos estar perto de Watkins. Há aí um glen com muitas belezas naturais, cascatas etc. Segue-se o Glen-Cathedral calçado de camadas silurianas e com rochas laterais de 300 pés de alto. Aí cai a Central Cascade de 60 pés num estreito poço de grande profundidade. Há muitas outras belezas.

6h ¼. Do lado esquerdo há plano muito bem plantado.

A estrada aproxima-se quase a tocá-las das colinas da direita. (Dizem-me agora que Watkins fica noutra linha que vai a Buffalo).

6h ½. East-Aurora. Bonita estação. Algumas casas com árvores e lindo campo relvoso. O dia tem sido chuvoso mas sem cair muita água.

7h Chegamos a East-Bufferlo, mas por causa da chuvinha quase nada vejo.

7h 40'. Niagara-river à esquerda. É largo.

8h 12'. Perdemos-lo de vista. Por causa da ponte queimada não fomos por Elmira mas por Olean. Creio que antes de chegar a ver o Niágara-river atravessamos o Canal-Erie que não é largo. Estava cheio de madeiras flutuantes.

7h 50'. Vê-se outra vez o rio. Terreno chato, e bem cultivado de ambos os lados do caminho.

8h 5'. Estamos parados porque não houve onde telegrafar para os carros que devem levar-nos ao hotel. Só se pode fazer aqui na estação de Niágara-Falls creio que ouvir a bulha da cascata.

São 9h 10' pelo hotel adiantando eu meu relógio 25'. Cheguei há pouco ao International Hotel do lado americano, onde há passeios. Parece-me bom. A povoação tem bastantes casas. Às 10 ½ é a missa.

5 de junho de 1876 - Às 12 ½ estávamos no trem. O rio Niágara só é navegável francamente abaixo da catarata de Niágara de Lewistons para diante, mas nós vamos por estrada de ferro.

1h 5'. Passamos a segunda suspension-bridge, contando da catarata para baixo. A Tuscaron Reservation está a 3 m. E. de Lewiston, e está de 5 a 7 m. da catarata Lyell diz que 40 mil milhões de pés cúbicos de água passam por hora pela catarata. Quando não há ventos O. no lago Erie sobre o nível do rio e 1 pé na catarata corresponde a 17 ½ abaixo. 2 ½ m. acima da catarata o rio tem 3^m de largo e no Whirlpool só 400 pés. Em 30 anos e queda americana adquiriu uma ligeira curva e o Horse-shoe do lado do Canadá mudou consideravelmente de contorno. Em remotos períodos geológicos as águas do Erie cobriram maior superfície do que agora e eram limitados a E. pelas alturas de Queenstown e Lewiston. A água, a geada e o gelo cortaram profundamente esta barreira e formou-se uma sucessão de quedas de uma altura de 300 pés. Desde então a queda recuou 7m deixando a imensa garganta entre Niágara e Queenstown. Continua vagarosamente o recuo. O peso das águas desagrega a ardósia macia perto do leito do rio até as camadas de calcáreo, que se quebram, não tendo sustentáculo. A queda cai sobre o mesmo leito no Whirlpool há séculos porque as camadas superiores de calcáreo são sustentadas por uma camada resistente de sandstone (pedra arenosa). O recuo é agora menor pois que o rio que só tinha 1000 pés de largura na garganta forma agora uma curva de mais de 4000. Houve receio que o rio abrisse caminho para trás na direção do lago Erie, porém a natureza das camadas acima das quedas e a largura crescente do rio destroem essa suposição.

Na ponte para Groat-Island os rapids correm 30 m. por hora. A primeira ponte suspensa a maior do mundo custou 175.000 dol. sendo o comprimento de terra a terra de 1268 pés. Aqui une Niágara City e Clifton (a que passamos agora custou 500.000 dol. Tem 700 pés de comprido e 230 sobre o rio. 2h 5'. Agora é que seguimos de Clifton. Terreno de colinas. 2h 20'. Planície onde estão como que fazendo um canal à direita.

2h 25'. Passamos Welland Channal que visto abrir o comércio na Sta. Catharina, em Merritton e Junction. É povoação de bastantes casas.

2 ½ St. Catharina. Povoação considerável. Tem águas minerais e por isso chamada Saratoga do Canadá. Campos bem plantados.

2h 40' Atravessamos um rio que ia dar a uma grande massa de água ao longe à direita.

2h vê-se bem o lago Ontário à direita. Era a massa de água. À esquerda linha de colinas altas cobertas de árvores; à direita planície que finda perto no lago Ontário. Vejo colinas como as da esquerda além da parte da massa de água à direita.

3h 25'. Estamos a chegar a Hamilton com 27.000 habitantes. O porto é um dos melhores do lago Ontário. Parados há minutos em Hamilton.

São 3h 36'. 4h 35'. O terreno tem sido plano e cultivado vendo também gado e carneiros; porém em pequena quantidade; o lago Ontário quase sempre à vista e não mui longe do lado direito. Pinheiros do lado do Lago (4h ¾). Creio que nos aproximamos de Toronto (segundo uns quer dizer árvores na água, e segundo outros lugar de ajuntamento). Agora estende-se bem perto à direita o grande lago. Chegamos à 4h 55' (4 ½ no Canadá)

4h 10'. Voltou-se do passeio na cidade. Avenida comprida e bonita de castanheiros. Queen's Park com o monumento dos voluntários mortos pelos Fenianos em 1866 grande e belo edificio da Universidade com linda porta de arquitetura romana que é a de toda a casa. Boas casas para High-School, Normal School, College of Technology, belo novo Post-Office, belas igrejas: católica do custo de 100.000 dol. English Cathedral Anabaptist, Baptist, etc. No Queen's Park vi uma torre de observações meteorológicas; o Osgood Hall de boa arquitetura chamado depois first chief Justice da provincia, o grande edificio de Trinity College (escola de direito). O Hospital de loucos (Lunatic Asylum). Todos vi por fora e entrei no terreno deste hospital, que é o maior que vi depois que saí do Brasil. O terreno tem jardim e espaço muito grande plantado e para plantar. Não gostei das espécies de salas semicirculares comuns de varetas de ferro, que de fora parecem gaiolas. As ruas não são bem calçadas, quando o são, e algumas de difícil trânsito por causa do terreno. A cidade tem mais de 75.000 hab. segundo Appleton. Osgood dá-lhe 60.000. Chamam Toronto de cidade rainha do oeste. 7h 17'. Começamos a mexer-nos mas paramos e seguimos agora

7h 42'. Veio a meu vagão o Mayor Angus Morisy fazer seus cumprimentos. O New York Herald de 3 publica uma representação que o Grande Jury apresentou, ao encerrar-se o termo de maio, ao Juiz Sutterland contra o estado de prostituição da cidade de N. York, dizendo que se o mal é inevitável deve a prostituição ser regulamentada.

São 8h no meu relógio (7 ½) nos do Canadá e o ocidente ainda está rubro. Terreno plano com pouca cultura. Lago que se vê ao longe à direita. Tenho lido um livrinho sobre o Niágara. O que diz sobre geologia confirma o que já escrevi mas acrescenta que o fundo do rio entre as 2 pontes suspensas é de 100 pés. O horizonte no O. parece andar. Vi tudo no Niágara, mas não passei a Cave of the winds. Está-se mais debaixo de uma das quedas americanas que da inglesa no Table-rock. Não haveria tempo, mas lá não desci porque o Augusto que já a visitara disse-me que não valia a pena e eu posso ver outras cousas.

8h 20'. Vamos seguindo por muito perto do lago.

O ocaso ainda está alaranjado. Lenha cortada perto do lago. Ainda braseia [*sic*] a O. Bonita vista do lago. Vê-se um barquinho sobre o lago

9h (8 ½) Ainda há crepúsculo. Há pouco passamos por Whitby. Custa a ver a paisagem e por isso faço ponto por hoje.

9h ¾ (9h ¼). A noite de luar está muito bonita. Vi um farol no lago Ontário sobre o qual se refletiam os raios da lua formando uma faixa luminosa.

6 de junho de 1876 - 6h 25'. Dizem que o trem parou às 2 ½ em Kingston. Acordei às 4. Depois fui ver o vapor em que parto, o Spartan e passei pela cidade. Passei pelo belo edifício do Banco todo de pedra. Tem na frente uma bateria de pedra com 9 pés. Há fortificação na margem do rio mais abaixo. Dizem que o Spartan larga entre 6 e 6 ½. A cidade está na confluência do Cataracqui e S. Lourenço no fim do lago Ontário e acima do principio das Mil-Ilhas. A baía é alongada pelas ilhas Wolfe e Garden. Tem de 13 a 16.000 habitantes. As ilhas que principiam quando acaba o Ontário estendem-se por 40 m. sendo mais de 1.800 ilhas e ilhotas e a largura nalguns lugares de 7 m. Amherst-Island é a mais acidentada.

6h Partimos. O comandante diz que o vapor bota 13 a 14 m. e que estaremos em Montreal às 7h

7h 35'. Já se almoçou e bom almoço e estamos atracados a Gananoque (Canadá) situada na foz do rio deste nome. Tem 5 igrejas e diversas fábricas. Tínhamos passado a ilha do farol e um farolete no meio do rio, e antes o cabo St. Vincent onde se refugiaram os franceses sob a direção do Conde de Real chefe de polícia de Napoleão e neste lugar seria a morada de Napoleão se ele escapasse de Waterloo. Defronte de Gananoque está Clayton onde embarca muita madeira e se tem construído muitos navios. Há muito peixe em suas proximidades.

Passei por um bote e um farolete na ponta da direita do Ivy. À esquerda ponte de madeira que o atravessa.

7h 20'. Chegamos a Lynchburg com bastantes casas e algumas que parecem fábricas, ou oficinas. Desci um pouco. Há um edifício para guarda de locomotivas e vagões e talvez reparos.

7h 36' Estamos mudando para a bitola estreita.

8h 10'. Atravessou-se o rio e seguimos. Atravessamos o rio — James River em ponte de ferro para a margem direita.

8h 9'. Estamos parados sobre outeiros. No fundo do vale vêem-se diversas casas. Atravessamos um grande corte. Vi num jornal, que achei hoje, creio que de ontem, a notícia de um furto provado e confessado no valor de 30 dol. feito por cadetes da Escola Naval de Anápolis.

9h 7'. Continua o terreno muito acidentado e aproximamo-nos das montanhas. As colinas estão bem cultivadas.

9h 12' Passamos por [*ilegível*]. Poucas casas. As montanhas de ambos os lados cobertas de mato não estão longe. Elmingston? Tem suas aspecto interessante dos outeiros formando um tapete esquadrejado como de [*ilegível*] terra avermelhada e os verdes diferentes das plantações.

9h 33'. Vamos subindo os contrafortes das montanhas docemente. Grande corte. Outra [*ilegível*] igual e outro. Como que uma chapada de poucas altas ondulações. O solo não é tão bom, como o de ontem a tarde, para o cultivo.

10h 1'. Passamos por Coperville onde a parada foi de instantes. Bonita vista para a esquerda por onde se alonga a vila. Apertam-se os contrafortes das montanhas, e já se passou um corte. Antes houve 2 estações insignificantes ao que parece, pois não as notei. Corte considerável.

10h 8'. Bonito descampado com colinas mais ou menos altas e a serra muito longe à esquerda. A estrada vai agora por entre colinas apertadas. Corte de grande altura.

10h 20'. Garganta entre colinas mais altas. Corte alto na rocha em parte.

10h ½. Bonito lugar. Charlottesville, o edifício com cúpula que se descobre à esquerda é a Universidade da Virginia. Tem bastantes casas e algumas bonitas. Já lobriguei 2 igrejas.

11h 9'. Vi à direita sobre uma montanha uma casinha que me disseram ser aquela onde trabalhou o célebre Jefferson. A casa de vivenda e a sepultura dele estavam escondidos pelas árvores. O caminho passa depois por um alto viaduto por baixo do qual corre um dos riachos que formam o rio Rivanna cheio de pedras que margeamos pela esquerda.

11h 6'. Lugar bonito em que a vista se alarga e de algumas casas. Já mudou o aspecto e o terreno um tanto árido. Pinheiros sobretudo. Bonita casinha sobre colina relvosa e rodeada de árvores à direita, a vista estende-se para a esquerda até morros que elevam-se ao longe acima das colinas.

11h 23'. Cobham onde a máquina bebe água. Tem algumas casas. Vou acertar o relógio. O do nosso condutor tem 12h 4'. Dizem que a água aqui vinda por uma calha é muito boa. Provei-a, assim é, mas está morna. Vi casas de campo bonitas e a paisagem agrada por causa das colinas e árvores.

12h 10'. Atravessamos bonito mato de pinheiros sobretudo. Chegamos a povoação considerável (Gordonsville) com algumas casas boas.

12h 26'. Seguimos. Passamos o Madison Creek. Daqui a 2 m. estão a casa e sepultura de Madison.

12h 39'. Lugar com casas.

12 ³/₄. As colinas achatam-se e vejo à direita terra avermelhada e boa para cultura como a de ontem, à tarde. Aparecem casas e igreja sobre uma das colinas à esquerda. Casas de ambos os lados e algumas grandes e bonitas com viçosas hortas.

1h 11'. É Orange, povoação grandezinha de onde seguimos. Já tinha passado Madison. Boa terra avermelhada e bem plantada à esquerda. Antes via-se bem a alta serra azulada muito ao longe. Lindo descampado todo verde com algumas casas bonitas e uma sobre outeiro dominando um lago pequeno artificial. Chegamos ao Rapidan-River.

1h Rapidan. Bonita igreja com torre, toda branquinha. Casa à esquerda rodeada de árvores sobre a colina verde. Do lado direito também é bonito o campo pouco ondulado com montanhas ao longe. A serra azulada à esquerda muito longe é Blue-Ridge.

1h 10'. O terreno vai-se tornando planície sobretudo para o lado direito. Chegamos a Mitchells. Poucas casas. Estamos na quase planície muito bem cultivada e com árvores dispersas. Do lado direito termina em uma linha de colinas com mais ou menos mato e da esquerda a vista esbarra mais baixo ou mais alto no Blue-Ridge.

1h 26'. Passamos por Culpeper. Tem bastantes casas, duas igrejas, e à direita um cemitério bem retirado subindo uma colina, onde se enterraram os mortos na Guerra-Civil. Desci e passei um pouco.

1h ³/₄. Partimos. A mesma planície. Casas aqui e acolá, como de herdades.

2h Brandy. Algumas pequenas casas. Grande e bonita plantação à esquerda embora ainda pouco crescida, toda verdejante e ondulante com a aragem.

2h 10'. Atravessamos em curta ponte de ferro o Rappahannock e chegamos à estação deste nome, onde não paramos.

2h 20'. Passamos por Bealeton com poucas casas. Continua a planície mas as árvores tapam a vista sobretudo defronte e da direita. Lindo campo à esquerda todo esmaltado de florzinhas, mas não como os da Califórnia.

2h 35'. Chegamos a Warreton-Junction depois de ter passado Midland e seguimos.

2h ³/₄. Passamos Catletts.

3h 22'. Acabei de jantar. Durante ele passou-se Manassas que tem suas casas.

3h 23'. Passamos Clifton. Poucas casas. Também durante o jantar passou-se pelo pequeno rio Bull-run onde se feriu a grande batalha que o governo central quase perdeu. Vi à esquerda uma igreja sobre a colina e casas.

3h 37'. Terreno acidentado.

3h 42'. Chegamos a Burke com poucas casas depois de ter passado Fairfax.

4h Terreno mais apertado, porém plano. Colinas de um e outro lado com casas e cobertas de mato.

4h 5'. Alex & Fred Cros'g. Há uma linha que segue à esquerda. Já se tinha passado Springfield. Terreno mais largo, porém ondulado. Casas à esquerda e uma sobre colina desse lado sempre com árvores ao pé como tenho reparado.

4h 10'. Mais casas do lado esquerdo. À direita um cemitério pequeno e casas.

4h 12'. Chegamos a Alexandria povoação considerável.

4h 20'. Seguimos. Viu-se à esquerda um cavalo puxando uma casa de um lugar para o outro. Atravessa-se um campo grande de relva com algumas casas. Vê-se o Potomac e ao longo dele um canal. Ao longe Washington com o seu Capitólio.

4h 34'. Começamos a passar o Potomac em ponte de ferro e madeira. Agora o rio é raso e os trilhos quase assentam no fundo. Toma a ponta 3ms. passagem. 4h 40'. Paramos um instante.

4 $\frac{3}{4}$. Chegamos à estação de uma das ilhas que apresentam um aspecto muito pitoresco e estendem-se até Wells Island. A primeira passagem pelo "Long Sault" (rapids) foi cerca de 1840 sob a direção do índio Teronhiahéré creio que da tribo dos Caughnawaga, que dá agora os pilotos para a passagem dos rapids perto de Montreal, segundo me disse o comandante que parece-me amável e dá ares do Dr. José Antônio de Oliveira e Silva. Esqueci-me dizer que vi muitos vapores e outros navios em Kingston.

9h $\frac{3}{4}$. Muito longe à direita vê-se uma torre do hotel de Alexandria; defronte e perto está a ilha onde o Pullman dos carros tem uma vila. Abaixo de Brackville acabam as Thousand-Island, algumas com seus faroletes e entramos propriamente [*própria não existe*] agora no rio S. Lourenço com 2m de largo. Daqui a 17' minutos chegamos a Brockville com mais de 5.000 hab., 7 igrejas e 2 diários. Nas ilhas refugiaram-se os insurgentes canadenses de 1837. Um deles foi salvo pela filha que sabia governar muito bem uma canoa no labirinto de ilhas. Antes das cem Clayton estão as Manitoulin Island. Os índios creem que o Manitou (o Great Spirit) proibiu os seus filhos de procurar ouro e dizem que o lugar onde há ouro nunca foi visitado pelos índios sem as canoas se virarem com a tempestade.

10h 12'. Chegamos a Brockville. Andamos 57 m.

10h 21'. Desatracamos. A cidade é bonita e tem uma City-Town [*sic*] de pedra de belo aspecto. A cidade é assim chamada em honra do general Brock morto como um em Queenston onde está seu monumento em 1812. Esqueci-me de dizer que numa praça de Toronto em Queen's Garden há uma bonita fonte de mármore com peças tomadas aos americanos; desforra das do monumento de Jackson no Lafayette-Park em Washington. Ogdensburg está do lado da América oposta a Prescott no Canadá. Aqui o rio tem 1 m. de largo.

11 $\frac{1}{4}$. Chegamos a Prescott no Canadá; do outro lado está Ogdensburg onde missionou em 1748 l'abbé François Piquet chamado depois o Apóstolo dos Iroquois. Prescott tem 3000 hab. 4 igrejas e 2 diários. O rio tem 1 m. de largura. Ogdensb. está na confluência. Oswegatchie. Suas ruas são arborizadas e por isso chama-se Maple-City. 10 milhões de bushels de cereais de Oeste passam por aí anualmente, para Nova Inglaterra. Há também grandes depósitos de farinha de trigo e madeira. Mas de 12.000 hab.

2h 4'. Passou-se o Long-Sault. Belo espetáculo. Rio encarpelado. Às vezes só há 1 pé de água debaixo da quilha do vapor que demanda 8. À tarde tem estado lindíssima. Pouco depois de 1 $\frac{1}{2}$ houve uma corredeira pequena, embora maior que outras antes. A de Long-Sault é a maior. Se recebem índios em Lachine como pilotos è provavelmente para honrar a memória daquele cujo nome já escrevi. O vapor inclina-se agora bastante nas voltas, como sucedeu nas corredeiras últimas, sobretudo a penúltima. O rio é bastante povoado em ambas as margens e cultivado, sendo até mais baixo a margem do Canadá, melhor para a cultura. Há bastantes canais marginais longos e com muitas comportas onde há pequenos vapores. Os vapores não podem subir corredeiras como a última onde a velocidade é de 20 m. por hora.

3h 5'. As margens continuam do mesmo modo à exceção das altas montanhas que se descobrem muito ao longe do lado direito. Os faroletes repetem-se. Vi patos antes de passar o Long-Sault. Não há alligators no rio segundo me disse o comandante. Os rapides do Long-Sault tem 9 m. com a queda de mais de 48 pés, e são divididas por ilhas em S. Channel por onde passamos e N. Chan. chamadas prim^{te}. Lost Channel porque julgavam que conduzia a perda infalível. Os navios sobem pelo Cornwall Canal (lado do Canadá) de 11 m. de compr. Cornwall tem 2.500 hab. e 5 igrejas. Há muitas fábricas de algodão. 3 linhas de vapor tocam nesse porto. Abaixo de St. Regis o rio forma o lago St. Francis de 5 $\frac{1}{2}$ m. de largo e 25 m. de comp. em cuja saída está a aldeia Coteau du Lac, na extremidade de 11 m. de rapids, em 83 pés de queda chamados Cedar-rapids e Cascades. Depois de Cornwall Canal o curso do S. Lourenço está todo dentro do domínio inglês. Há pouco ouvi que os rapids de Lachine são mais perigosos e assim parece pela descrição. Do lago St. Louis vê-se a montanha de Montreal a quase 30 m. Em Lachine a corrente é tão rápida que para evitá-la cortou-se um canal nos rapids, obre estupenda, diz um dos guias impressos. Do lado oposto a Lachine está a aldeia dos Caughnawaga que quer dizer "Índios rezando". Depois de Lachine passou-se a antiga aldeia de Laprairie na costa americana; lugar célebre por ter-se aí constituído o primeiro de ferro da América do Norte britânica daí até St. Johns em 1836. O trem foi primeiramente puxado por cavalos.

Os canais à borda do S. Lourenço são 41 com comportas e 234 ½ pés de nível e de Prescott vai-se de estrada de ferro a Ottawa capital do Dominion por acabar com mais de 27.000 habitantes.

4h 40'. Atracamos um instante em Cote du Lac que tem bastantes e cuja torre resplandecia desde longe com os raios solares. Defronte fica Beauharnais, mas ainda não vi.

O comandante tem me agradado. É inglês. Também procura-me o escocês de Glasgow de 65 anos homem vivo e jovial, Mr. Alworth inglês que parece-me inteligente e anda com uma filha e outros 2, um dos quais é o perfil e expressão de fisionomia de Gobineau, que anda com uma senhora que se parece com ele ambos inteligentes. Outro também me tem falado e a todos tenho falado das maravilhas de minha terra e progressos que realmente tem feito e fará. Eles espantam-se às vezes do que eu lhes digo, mas parecem-me simpatizar com o Brasil.

Agora que passou o lago St. Francis o rio estreita-se.

Os passageiros são pelo menos 150 e o vapor é grande mas sem nada de notável.

5h Passamos os Cedar-rapids. Não são como o Long-Sault porém mais consideráveis do que os outros. O velho escocês chama-se Rbt. Robertson de Port Robinson.

Ontário. As montanhas muito longe de que falei, são as Adirondack-Mountais. Ainda não pude descobrir no horizonte a montanha de Montreal.

5h 25'. Passamos as Cascade: rapids menos iguais aos de Long-Sault; a água fervia em caixões à direita.

6 ¾. Passamos por outros rapids mas não tão ferventes como os anteriores chamados (Behaconie)? Descobre-se bem porém muito ao longe a montanha de Montreal e adiante o farol-barco numa ponte que se dobra para chegar à cidade.

Disseram-me que Albert-Brigde está ainda em projeto etc. Depois dos rapids entramos no St. Louis Lake. Não podem tardar os pilotos índios para atravessarmos os rapids de Lachine. Dois pequenos faróis-barcos.

7h 6'. Passados os rapids de Lachine. Nesta povoação à direita recebemos o piloto índio (chamado Batista) que nada tem de característico. Houve 4 balanços maiores de estibordo e bombordo, e outros em sentido contrário. Passamos perto de um rochedo quase coberto de água à esquerda. Estes rapids são mais perigosos, mas não tão pitorescos e de aparência amedrontadora como os de Long-Sault. Aproximamo-nos de Montreal de que já vi bastantes casas e uma igreja defronte de Lachine.

A cidade dominada pela montanha atrás da qual se punha o sol que também corava de rosa a imensa ponte produzia uma vista belíssima. Perto de 8 entrou o vapor para uma pequena doca perto de outra com comporta depois de se terem passado os passageiros, para Quebec do Spartan para o Montreal também grande.

Receberam-me no cais com hurrahs.

O compartimento da Victoria Bridge é de 9.194 ou quase 2 milhões inglêsas. Descansa sobre 24 pegões e duas cabeças de sólido trabalho de pedreiro. O vão central tem 330 pés de comprido. O tudo por cujo interior passa o caminho de ferro tem 22 pés de altura e 16 de largo. O custo foi de 6 milhões e 300.000 dol. Tem 250.000 toneladas de pedra e 8.000 de ferro. Chegamos ao Hotel St. Lawrence Hall depois das 8 ½. Vesti-me e fui ao teatro — Academy of Music — Bonita sala e representaram bem a peça cujo programa trouxe. Tocaram o hino inglês quando eu cheguei e retirei-me e aplaudiram quando eu passava.

Comi um pouco e vou dormir que é mais de meia noite. A água de S. Lourenço é muito clara.

7 de junho de 1876 - 9h 40'. Das 6 às 9 Market de Bon-secours. Grande edifício de pedra. No terceiro andar está a Câmara Municipal. Tem zimbório e cúpula. Não vi objetos curiosos. Quase todos os vendilhões falam francês. Havia peixes de rio — sobretudo um muito grande esturgeon e de mar, de Portland. Igreja de Notre-Dame do Bon-Secours muito perto. É de 2 séculos fundada pela Bonne-Soeur Bourgeois, que morreu em 1700. É curiosa pela sua forma antiga. St. Patrick. dos irlandeses. É bela externamente e no interior de colunas parece-se com a de St. Peter de Pittsburg, que muito me agradou. Christ Church episcopal. De estilo gótico e com uma flecha de grande estatura. É muito bela externamente; internamente é bonita; mas não gosto dos arcos de madeira no teto de pedra. Retrato do Deão Bethune que morreu em 1872 de 91 anos e monumento no terreno fora da igreja de bispo Fulford, cujo busto se acha na sacristia perto do retrato do Deão durante 24 e pároco durante 40 e tantos anos.

Instituto de surdos-mudos. 50 meninas. Uma respondeu bem vocalmente a perguntas da diretora de rotundas dimensões pertencente a uma congregação que se diz de irmãs de caridade. Tem 10 mestres nesta ordem. O edifício é

grande e cercado com bastante terreno para plantarem. O governo do Canadá só concedeu 5.000 dol. por ano. A superiora queixou-se de pouco dinheiro, tendo reparos e obras que fazer como eu observei.

Catedral católica de Notre-Dame. Grande igreja. O interior pintado e dourado à moda britânica. O teto é baixo demais. O cura chama-se Martineau e queria por força que eu visse os ornamentos da igreja. A cidade tem belas casas e aqui perto um belo correio. Antes de voltar ao hotel entrei numa loja de livreiro. Não tenho achado em nenhuma parte as obras de Siman sobre os Estados Unidos. Há muita pedra ao pé e por isso as casas são de pedra, e muitas de cantaria e quase todas as ruas calçadas de paralelepípedos. A cidade do lado do rio tem bons cais de pedra.

2h 20. Fui ao Museu mineralógico e geológico. Belo estabelecimento. Tudo muito bem classificado. Também há aí um gabinete para análises de minerais. O químico deu-me um lindo cristal de silicato de alumínio e ferro (garnet) (creio que é que chamamos granada da British Columbia). Depois ainda falei deste Museu.

Casa de ensinar a cegos dirigida por irmãs de caridade. São 13. 50 cegas e cegos (Estes 13). Aceiada [*sic*]. Sistema de Braille. Os cegos aprendem a fazer vassouras e a afinar pianos. Primeiras letras, geografia, e história; a tocar todos os instrumentos e as meninas costura, bordados, etc. eis o ensino.

Mc Gill-College. É uma universidade fundada por este homem, e socorrida grandemente pelo banqueiro Malsson (há um banco na cidade com este nome). Deram-me uma brochura sobre este estabelecimento. A escola de medicina anexa; muitos porém estão em férias desde 3 de maio até 13 de setembro e nada tinha que ver.

Passeio ao morro. Belíssima vista da cidade. Ao longe montanhas de Belisle e outras. Voltei por junto do reservatório das águas, que as recebeu por canal vindo do rio de ponto superior aos rapids de Lachine (creio eu) e depois são levados por bomba às alturas precisas. Vi de cima do morro o Hotel Dieu, que é um grande edifício para doentes e órfãos. Agora vou para estação de onde parto para Lowell.

A livraria de Mac Gill-College é bonita e tem 12 mil volumes, alguns curiosos. No Museu vi um lindo bustozinho de Bache, e outro busto de Sir William Logan, o célebre geólogo, de que um amigo seu deu-me uma biografia.

3 de junho de 1876 - Partimos. O seminário de S. Sulpice de Montreal manda-me de presente ao vagão a Histoire de la Colonie Francaise aux Canada — Villemarie Biblioteque. Paroissiale 1865.

Deram-me hurrahs na estação ao partir. Passamos um canal. Atravessamos a ponte em 6' 25". Tem muitos pequenos postigos do lado e superiormente, e alguns rasgões como que janelas. Pareceram-me todos como vidros.

4h ¼. Terreno plano e bem cultivado.

Às 4h 5' poucos minutos em St. Johns. Tem suas casas e uma igreja. Acabamos de passar em pontes de ferro e madeira o Richelieu-River, que é um tanto largo. Esta estrada passa por New-Port (Vermont) na extremidade do lago Memphremagog de 35 m. de com. e 2 a 5 de largo. É muito pitoresco por suas belas enseadas com pontas cobertas de mato tendo atrás linhas de montanhas e por suas numerosas e lindas ilhas.

5h 25'. Depois de passarmos uma estação (West Farnham) e um rio pequeno (Wamarka) chegamos agora a uma estação (Brigham) lugar de algumas casas e uma igreja e seguimos. A paisagem é muito bonita, com colinas um pouco elevadas ao longe do lado esquerdo. 6h creio que o último ponto que passamos foi St. Albany e antes Burlington.

6h 17'. Chegamos e partimos de Stanstead-Junction. Vi à direita nesta estação grande quantidade de casca de árvores amontoada que pareceu-me cortiça. A estação vem depois de outras posteriores às que citei erradamente. Outra porção de casca alguns minutos de caminho distante.

6h 35'. Vejo na estação escrito Sul-ton-Flat.

6h ¾. Terreno de colinas e uma montanha à direita ao longe.

Chegamos a Abercorn. Devemos chegar breve ao lago de Memphremagog, que segundo o superintendente do trem quer dizem Bela-Água. Os montes Owl's Herd e Oxford Mountains, que dominam o lago tem 3.000 pés de alto.

7h 7'. Chegamos a Rickford. Bonito lugar com bastantes e uma igreja que sol ilumina ao longe.

7h 4'. Atravessamos o pequeno rio Mansisko. O terreno é muito dobrado e talvez sejam as montanhas de Memphremagog as que se descubrem ao longe.

7h 10'. As altas montanhas se aproximam. Lugar muito pitoresco. Seguimos há tempo a margem esquerda de um rio pequeno que às vezes parece canal pelo paralelismo das margens. Corremos bem ficando à esquerda a bela vista do vale. Erie.

7h 25'. A vista alonga-se por verde vale até altas montanhas ao longe. Poucas casas junto a colinas à direita.

7 ½. Chegamos a Marsonville 17 milhas de Newport e 48 de West-Farnham. Passamos por um alto corte.
7h 40'. North-Troy. Vê-se ao longe uma montanha pontuda assim.

[Desenho]

Cemitério e pequena povoação à esquerda.

7h ¾. Atravessamos lugar de mata com queimada.

8h menos 7. Newport Centre. Algumas casas de ambos os lados e 2 igrejas à esquerda.

8h Passamos um alto corte e dentro em pouco avistamos o lago Memphremagog.

8h 10'. Vamos chegando a Newport.

9h Vimos o hotel que tem bela vista para o lago, onde andei um pouco dentro de uma casca de noz em companhia do Lamare e o remador. Era preciso estar quieto para não virar o escalerzinho. Parece que o do Bom Retiro e o Kelly meteu-lhes bastante receio de virar e tinha água no fundo. Vamos seguindo. Faço ponto por hoje.

7 de junho de 1876 - 5 ½ da manhã. Ontem antes de me deitar ainda vi o lago junto ao qual passamos e ao longe as White Mountains que me pareceram bastantes altas. Deixamos há poucos minutos Concord (capital de New Hampshire) e margeamos o Merrimack.

Esteve há pouco comigo o barítono Guelmete. Foi cantor na Capela do Rio e mostrou-me um atestado de Francisco Manoel da Silva de 1853. Lembro-me dele no Rio.

Paisagem de colinas relvasas com cultivo e casas de vez em quando. Bonita cocheira do rio perto de uma ponte. Seguimos sempre a margem direita do Merrimack.

5 ¾, passamos Hooksett e logo depois atravessamos o rio em ponte de madeira coberta não pequena.

6h 4'. Cachoeira do rio e uma ponte. Chegamos a uma povoação considerável, com longas ruas arborizadas. É Manchester cidade manufatureira e a mais popular de N. Hampshire com 23.509 hab. Elm-Street sua principal rua tem 100 pés de largo e mais de 1 m. de comp. Estação grande. Seguimos. 6h 19'. Goff's Falls. Atravessamos o rio em ponte coberta. Passamos

6h 34' outra vez o rio em ponte coberta.

7h 6'. Outra vez. Chegamos a Nashua.

7h 9'. O Merrimack alargou, contudo apresenta pequenas corredeiras.

7 ½. Há tempo que vejo no rio uma grande linha de madeiras flutuantes ligadas em continuação, dizem que para evitar que as que boiam no rio deixem de seguir o mesmo caminho.

Chegamos a Lowell.

8h 10'. Já estou no Hotel Merrimack House para onde fui a pé por ser muito perto da estação. A entrada da cidade é muito por causa da muita água que julgo ser de Pawtucket-Canal que não tendo dado lucro para a navegação, estendendo-se desde as cachoeiras até o Concord-River abaixo da cidade, foi aproveitado para uma fábrica. Começou em 1846 um canal desde a saída do lago Winnepesaukee para obviar as baixas do Merrimack River.

Em 1871 havia em Lowell 69 fábricas com 9404 mulheres e 5413 homens. 570.586 fusos e 13.466 teares. Tem 42.000 habitantes. Frederika Brener fala "Glorious vieux from Drewcroft's Hall on a cold winter evening of the manufactories of Lowell lying in a half-circle, glittering with a thousand lights like a magic castle on a snow-covered earth".

A estátua do monumento que se vê na praça ao pé do hotel é do célebre Bauch Esqueci-me de dizer que vi no Museu de Montreal a medalha que obtive a coleção na Exposição Universal de Paris. Os serolitos foram com outros objetos para a Exposição de Filadélfia.

Vi aí diversos exemplares de rocha do Eozoon assim como pedras com impressões das patas do batráquio antediluviano Sauropus Unguifer.

É preciso formar no Rio uma coleção semelhante das riquezas do Brasil e em cada capital de Província outras das respectivas.

Vi enxofre em pó, que se condensou sobre a rocha de cujas fendas saía o gás ácido sulfuroso. Que belos mármore e serpentina como a do pedestal sobre que está o lindo bustozinho de Bache! Tudo está perfeitamente classificado e senti não parar por aí todo o dia. A casa muito bonita embora as salas não sejam grandes tem três andares.

Está caindo boa pancada de chuva. Adiantei ¼ meu relógio pelo do hotel.

Disseram-me que foi o Dr. Ayer da salsaparrilha quem doou à cidade o monumento ereto à memória de Ladde Whitney do 6. reg. Milícia de Massachussets *[sic]* morto no ataque daquela comp. pelos (roughs) turbulentos de Baltimore em 19 de abril de 1861.

5h 10'. A cidade é bem situada. Ruas arborizadas de Maple-Tree e quase todas bem calçadas.

O passeio por cima de uma colina e belo Belvedere onde mora o general Butter em linda casa de campo é bonito. Fica perto a entrada do Northern Canal que por meio de um açude conduz água de cima dos rapids do Merrimack. Também vi o canal Pawtucket. Visitei as fábricas. Merrimack — a maior — de tecido de algodão pintado — calicot — que faz por ano chita que medida em sua extensão iguala 12 m. Tem mais de 2000 trabalhadores. Pagam por yard e cada trabalhador ganha até 36 dol. por mês; o Carpet-Mill. A casa dos teares em número considerável ocupa um acre de superfície. A Usa cores de 600 nuanças — só de verde 60 — mais de 2000 trabalhadores; muito importantes; não menor que a de Handerson de Durham; a Machine-shop com igual número de trabalhadores para todas as máquinas relativas à manufatura de algodão fabricando 4.000 teares por ano. A Lawrence-Mill de meias propriamente dita assim como camisa de meia, com máquinas engenhosíssimas.

Casa do Dr. Ayer. Corri-a toda. Publica disse-me o que lá estava Cooks ou Crooks 10 milhões de almanacks por ano imprimindo 80.000 por dia. Vi as máquinas de dobrar as folhas. Tem 150 trabalhadores dos quais 100 mulheres. Reinava muita atividade. Quase todos tem turbinas de 250 cavalos cada uma e 300, e Machine-Shop também uma máquina de vapor de 1000 cavalos. Há um folheto que dá informações sobre as fábricas de Lowell. Levo-o. O salário é por empreitada nas fábricas de tecidos e regula em todas de 20 a 33 e 36 dol. por mês.

6 ¾. Partimos. No passeio de antes do jantar vi por fora dois bons edificios. High-School e Primary-School — e uma bela e grande igreja católica de pedra em construção. A 1ª fábrica que vi foi de panos com 2000 e tantos trabalhadores. Faz panos de todas as qualidades; excelentes chalês de todas as cores e cobertores. É tão boa, segundo me pareceu, que uma que visitei em Aix-la-Chapelle.

Esta tarde dei um passeio do outro lado da cidade de Lowell, vendo a boca do Pawtucket-Canal. Bela avenida de maple-trees com lindas casas de campo quase todas como as desta manhã de madeira: uma se estava construindo perto da parte mais povoada. O passeio de subida esta manhã foi, parece, o de que fala Frederika Brener.

7h 4'. Já passamos por duas estações e ao chegar à última vi à direita um grande edificio de feio aspecto que disseram ser a casa de caridade do condado.

7h 13'. Nada de notável no aspecto do terreno, passamos um corte baixo e curto. Terreno alagadiço à esquerda colinas à direita junto à estrada. Povoação por detrás das árvores, à esquerda, casa grande e igreja. O sol vai-se pondo rubro do lado que deixamos. O céu desta banda está nublado. Depois do jantar deu uma boa pancada mas o tempo ficou bom para o passeio perto das 6. Esqueci-me dizer que o governo do Canadá dá 400 piastras disse a irmã de caridade; mas julgo que são dol. por ano ao colégio dos cegos.

7 ½. Outro corte como o que já mencionei. Água estagnada à esquerda.

7h 34. Uma junção. Atravessamos matto.

7h 40'. Água é que vou vendo, à esquerda terreno bem cultivado. Passaram-se algumas casas desse lado.

7h 43'. À direita povoação Peabody. Também há casas à esquerda. Não é pequena. O célebre Peabody gostou deste sítio. 2 igrejas. Tem um largo bonito e estação feita com gosto. Bonito edificio do Peabody-Institute. Muitas peles cosidas penduradas ao sair da povoação. Aqui existe ainda a casa onde nasceu. No Instituto há livreria e coleções dignas de visita e o retrato da rainha Vitória dado a Peabody.

8h 6. Chegamos a Salem. Num cemitério está enterrado Peabody. É a cidade-mãe da colônia do Massachussets. 8h Atravessamos um túnel. Estamos em Salem, onde ainda se mostra a Old Witch House em que alguns feiticeiros foram julgados.

8h 11'. Chegamos a um lugar bastante povoado. Antes só casas de campo que me pareceram bonitas. É Lynn de 20 e tantos mil como Salem. Possui um dos mais belos City Hall de Nova Inglaterra.

8h 12' se vê à esquerda a baía de Boston e de outro lado as luzes de Mahant a 12 m. por água de Boston, que parecem as de Niterói, e perto da qual julgo ter lido que Longfellow arrendara ou alugara uma casa. Não percebi quando passamos o rio Lynn. Já se vêem as luzes de Boston. São 8 ½ e chegamos a Chelsea.

9 de junho de 1876 — Antes do almoço Bunker-hill. Pequeno outeiro muito perto do hotel, no meio da cidade. Vi a estátua do General Warren morto na batalha e o antigo pequeno monumento antes de subir o grande obelisco, cujo terreno foi doado por uma loja maçônica. Na cada da guarda há vistas e outras coisas de que comprei algumas como aquelas e um retrato de Lincoln feito pelas letras de mão da cópia da declaração de emancipação dos escravos. O obelisco é todo de pedra e a escada interior tem 299 degraus. A vista de cima é tanto bela. Depois de Bunker-hill vi o monumento aos mortos defendendo a União na guerra de secessão de 1861. Foi o artista Mellmore. O marinheiro é a estátua que me agrada à primeira vista. South-Old-Church onde se batizou Franklin e pregou Whitely. Tudo em desarranjo no interior. Serviu de Correio antes de ficar pronto, ha 2 anos, o novo que é monumental e de muito belo aspecto externo.

Antes estive em Faneuil-Hall. Construíram uma bela casa sobre o lugar da histórica. Belo salão com galerias e retratos e um quadro de mérito, representando o que consta do papel que me deram. Vi na casa outras memórias do tempo da Independência. Perto há um mercado digno de ver-se, mas ficou para outra vez.

Estava almoçando quando chegou Agassiz filho com quem muito simpatizei. Ficou combinada a ida a Cambridge — amanhã. Passo lá todo o dia. Almoço com os Agassiz e janto com Longfellow.

Tornei a sair às 10. Public Garden. Muito bonito. A fonte é bela. New State House, foi visto antes. Belo aspecto. Na entrada há estátuas entre as quais uma muito bela pedestre de Washington. Infelizmente puseram por detrás da vidraça cujo reflexo contraria a vista. Mostraram-me toda a casa. Notei na Câmara o peixe (ad-fish) pendurado, que é o brasão da cidade. No Senado há retratos dos governadores antes da Independência. Gostei de ver os dos célebres Winthrop e Ellicot. Mostraram porque eu pedi um interrogatório feito a uma feiticeira negra em Salem, onde ouvi que foram enforcadas umas 11. Deram-me publicações do Senado. Mostraram-me um cofre forte que abre somente à hora que se quer por meio de um relógio. Estava aí uma rica medalha dada pelo governo de Haiti a Ch Sunner. Depois estive no Common (jardim). Há aí uma bela estátua de Everett — só acho o braço direito esticado demais — por Story — a fonte monumento comemorando o emprego do éter [*sic*]como anestésico pela 1ª vez no hospital geral de Boston. O grupo superior é belo e também me agradou um baixo-relevo. Alex Agassiz disse-me ser obra de escultor italiano. Também há a bela estátua eqüestre de Washington. O cavalo está magnífico e também me agrada muitíssimo a posição do cavaleiro menos o acanhado do braço esquerdo e a posição da lâmina da espada na mão direita descansando sobre a esquerda.

Estive depois na Public-library. Sala elegante com diversas galerias sobrepostas. Quase todas as estantes abertas de ambos os lados, mas de madeira. Quem a fundou foi um Bates, cujo busto foi oferecido pela filha Mme. Van de Weyer. Ha outro de Ticknor muito belo feito por Millmore. A biblioteca possui nesta casa 200.000 volumes e em outras partes mais 100.000. Muitos livros caros; letra de Shakeaspeare; de Luther, copiando uma nota de Gerson que diz In floreno littis nullus est obulus charitatis. O floreno deu-me que fazer, mas por fim na mesma livraria achei um dicionário que trás florenus como moeda florim. Já também outras preciosidades literárias como a 1ª edição de D. Quijote, etc. Vi lá o 1º volume da nova história popular com estampas dos Estados Unidos pelo Bryant. Comprei-a já. Aí me encontrou Agassiz e fomos ao colégio de Tecnologia.

É um começo de um Conservatório de Artes etc. Tem bons professores e vi bons instrumentos, mas não completos de física e melhor laboratório de química e mesa para análise com água, gás e aparelho para obter vácuo. Há o que é preciso para a prática da metalurgia; modelos de arquitetura e escultura e apenas uma máquina de vapor. A casa do custo de 200.000 dólares foi feita por subscrição. Gostei em geral do que vi. Trouxe publicações a tal respeito.

Pouco depois das 3 veio visitar-me Mme. Agassiz que achei bem disposta e nutrida. Escrevi antes um pouco.

Às 5 ½ dei um longo passeio pela cidade, que tem belas avenidas com caminho central arborizado para os pedestres; belos edificios como a Catedral católica; hotéis, City-Hall, Casa Maçônica etc. e hotéis pelo lado do mar, onde docas estão cheias de navios e voltei por Buncker- Hill ao pé do qual está a grande State-Prison.

Antes vi sobre umas colinas ao longe a casa dos loucos, que parece-me grande. A principio segui na direção da nova casa para galerias artísticas. De noite fui ao Globe-Theatre. Bonito interior, talvez mais do que qualquer dos outros que vi. Representaram pantomima, e dançou maravilhosamente sobre o arame bambo Miss Beshell. Nunca vi cousa assim. O irmão do Hermann, o menino que o acompanhava ao Rio fez peloticas tão perfeitas como as do irmão, que dizem ser agora banqueiro em Viena.

Chegando a casa recebi cartas da Europa.

10 de junho de 1876 - Antes do almoço fui ver o novo edifício, que é bonito e num belo lado da cidade, destinado a museu de belas artes. Já aí há quadros — e alguns bons — e gessos, de que verei se obtenho na Itália os que faltam à Academia de Belas Artes do Rio. É bom princípio do South Kensington Museum.

Às 8 ½ fui a Cambridge. Chega-se por uma rua de cottages à casa de Agassiz.

Almocei aí com Longfellow que logo conheci pela fotografia; Lowell ⁰⁰⁹ fundador do Instituto desse nome; Pourtales das coraleiras — Laman do Museu Agassiz; Lawrence, Dr. Holmes e o Presidente de Harvard-College além dos Agassiz. Lowell é um velho todo vivacidade e muito me agradou. De Longfellow não é preciso falar. Vi em casa de Agassiz um retrato gravado de Humboldt quando chegou da América. Tem ar carregado, mas o Dr. Holmes disse com espírito que era de quem deslembra ainda o sol da Nova Espanha.

Retratos de Agassiz moço e um bellissimo busto dele pelo filho do escultor Powell, que disse Al. Agassiz ter muito talento. Conversou-se bastante.

Às 11h saí. Belo edifício para os exames — faziam-no de grego de classe atrasada — todos os exames são só por escrito — e festas de Harvard-College. Gabinetes de física — excelente com as máquinas mais modernas e muito hábil professor — e de química inorgânica e orgânica muito bem provido de mesas para ensaios tendo até fornecimento de hidrogênio sulfuroso retido. O professor de química inorgânica disse-me vendo eu um aparelho para as experiências de luz e calóricos como o motor no vácuo feitas por Crooks disse-me que este se tinha enganado e que ele encontrou dentro de cada parcela um corpo de peso de 1/10 de centígrama que pela dilatação produzia a rotação do corpúsculo suspenso.

O de história natural é bom e pode-se estudar cada classe em uma sala separada.

O horto botânico está muito bem classificado e tem plantas muito bem escolhidas como a estufa. O herbário é rico. Tem salas para trabalhos microscópicos. O professor é conhecido Gray e o diretor do jardim pareceu-me muito inteligente.

O observatório é muito bom. O círculo meridiano é perfeito em todo o sentido. Há aparelho fotográfico mas não heliostático para copiar a face do sol. Vi magníficas fotografias do cometa Donati e outras etc. É estabelecimento digno de ver-se depois de Washington. O lugar para a ginástica de 1200 rapazes é acanhado; assim o reconheceu o Presidente, que é muito inteligente assim como a pouca duração do curso de Medicina que está em Boston.

Passei pelas casas das escolas de engenharia e dos teólogos. Visitei um alojamento de estudantes — 2 a 2 que me agradou; vi a livraria de 200.000 volumes, e com bustos dos quais me agradaram sobre tudo pela expressão e boa obra artística os de Channing e de Emerson de quem falarei depois.

Fui a um dos clubes de estudantes com sua biblioteca. Aí me deram champagne. Entrei na capela que é boa. Finalmente, visitei o Museu Agassiz riquíssimo de objetos em vasto edifício — tendo-se já gasto um milhão de dólares nesse estabelecimento e achando-se a parte entomológica de Hagen muito bem arranjada por ele — cada espécie de inseto em sua gaveta mostrando todas as fases de sua vida e até parasitas, que os atacam. Há uma sala que é destinada a uma espécie de curso resumido de história natural pela escolha dos objetos.

Enganei-me quando falei das salas separadas para as classes, tratando de Harvard-College. É neste museu que estão e serve também para a Harvard-College creio eu. O ensino é instrumento livre no College somente no último ano dos cursos e no Museu e Agassiz sem limitação. Agassiz, Pourtales e Liman são os três homens principais do Museu. Agassiz tem em Newport casa de verão com gabinete para trabalhos microscópicos. Hei de visitá-lo.

Finalmente fui ao cemitério de Mount-Auburn que é muito pitoresco pelo acidentado terreno plantado de grama e de árvores. Procurei o monumento do célebre Channing. É modesto mas bonito e de um maple-tree que cresce ao pé tirei algumas folhas assim como copiei o epitáfio.

Visitei a sepultura de Agassiz. Colocaram sobre o lugar um bloco do glacier de Aar que ele tanto estudou. Sobre o bloco está o epitáfio. Colhi flores de perto dele, de que mandei uma a Mrs. Agassiz.

Jantei com Longfellow. Casa mais bonita externa e internamente que de Agassiz. Belos quadros, estátuas e bustos, sobretudo de uma italiana, cujo nome pareceu não querer dizer-me. Tem um retrato a óleo pequeno de Litz [*sic*] trajando de padre e com uma tocha na mão. Que fisionomia apaixonada. Longfellow ouviu-o e era muito dele. Não quis dizer quem preferiu entre Litz e Thalberg. A conversa na mesa foi muito espirituosa falando sobretudo Dr. Holmes professor de anatomia da Medical-School e poeta de merecimento. Fez-nos muito rir com o que ele disse do olhar de porco de Charles Dickens, de quem é aliás entusiasta, que ouvira aqui em conferências. Ralph Emerson era um dos convidados. Falou

pouco, porém sua fisionomia e seu olhar falavam mais que todos. Longfellow estava também docemente espirituoso e gostei das 3 filhas que também jantaram, não estando Mme. Agassiz, nem Lowell, Liman, Lawrence presidente do Harvard-College, Elliot e Pourtalés. Mas julgo-os todos amigos.

Longfellow deu-me dois livros de sua livraria e depois do jantar passeamos bastante na varanda do lado da casa fazendo-me ele bastantes perguntas sobre o Brasil. Deixei esse filho de um dos maiores contribuintes para o Museu Agassiz excelente amigo em todo o sentido perto das 8 da tarde.

À noite fui ao Boston-Theatre para a Imperatriz ver a família Vokes, de que já falei em Washington.

11 de junho de 1876 - Antes do almoço fui a Chestnut; lindo lugar onde se acha o reservatório de águas quase tão grande como o de N. York, perto do Central Park – para ver o professor de zoologia no Harvard College, Mr. Slade. Tem 10 filhos muito interessantes. Trataram-me muito bem no seu bonito cottage.

Às 10, missa na catedral católica, bela igreja no gosto interno de S. Pedro em Pittsburg.

Depois estive na State-Prison. Sistema de trabalho em comum. Muitos defeitos de construção. É antiga. Só vi de curioso algumas máquina para fazer sapatos podendo 12 pessoas aprontar 24 pares em um dia. Finalmente, vi o Navy-Yard. Excelente cordoaria, como só vira em Toulon, para cabos de linho. Aqui fazem-nos de fio metálico perfeitos. Este arsenal é que fornece cabos à Marinha dos Estados Unidos. Tem máquinas inventadas há 4 meses para fiar o cânhamo que economizam 2/3 de tempo e tornam o fio muito mais macio. As máquinas para aplainar, brocar, etc. são as maiores que tenho visto. Poderia chama-las monstruosas. O Comodore e outro oficial muito inteligente e falando muito francês foram muito amáveis também outros. O Comodore deu-me champagne, doces e café em companhia da filha e mãe dele e mostrou-me bela pasta de live-oak, a melhor madeira de construção. Há armazéns para tudo e portanto — muito grandes — para madeira.

Acabamos de dar (8 ¼) um passeio com Mme. Agassiz e filho por Brooklin voltando por Chestnut. Os arrabaldes de Boston são muito bonitos. Mme. Agassiz disse-me ter conhecido muito Channing e que quando o irmão dela tocava Channing descansava o rosto nas mãos e caía numa espécie de êxtase; tanto gostava de música.

Acabo de falar ao cego rebequista, Heine, cuja mulher que tocava piano com ele no Rio, o acompanhou. Está paralítico do braço direito, a que parece. Coitado!

O epitáfio de Channing, de lado do maple-tree, árvore que dá açúcar e para simbolizar a doçura da doutrina de Channing, diz: "In memory of William Ellery Channing honored throughout Christendom for his eloquence and courage and maintaining and advancing the great cause of truth religion and human freedom this monument is gratefully and reverently erected by the christian society of which during nearly forty years he was the Pastor. Do lado oposto: Here rest the remains of William Ellery Channing born on 1806 7 April at Newport Rhode-Island. Ordained 1st of June 1833 as a Minister of Jesus Christ to the society worshipping God in Federal-Street, Boston. Died 2^d October 1842 while on a journey at Bermington, Vermont".

No passeio desta costa vi o jardim do pai do jardineiro do horto botânico de Harvard College. Que rododendros belíssimos! Nunca vi tufos semelhantes. A casinha de fazer manteiga é lindíssima; estufa com plantas escolhidas e uvas que comi excelentes e casa de vivenda com belos retratos de Copley, e bustos de mármore, de Power. Também passei sem entrar pelo cottage de Liman muito bonito. Na ida passei por perto de um lindo lago chamado Jameca-pond se bem escrevi o nome.

A máquina de cardoaria de que falei é a Good's Patent. Silesby and Cheney. Broadway - Bridge So. Boston.

12 de junho de 1876 - Antes do almoço fui ver a Perkins-Insitution para cegos. Casa grande e bem situada. Tem cento e tantos cegos. Laura Bridgeman estava doente e fora com os parentes. Outro também cego-surdo-mudo chamado Caskwell, acha-se em Newport e o diretor, o grego Agnanos genro do Dr. Howe, que educou a Laura e a Caskwell ficou de prevenir a este que me procurasse em casa de Bancroft, em Newport. Os cegos aprendem a consertar e afinar pianos de que havia 50 no estabelecimento e a fazer vassouras, colchões, capachos e palhinhas de cadeiras. Lêem nossas letras em relevo e escrevem pelo sistema de pontos de Braille ou letras como as nossas formadas de traços a lápis nos vão retilíneos de uma papelão — deram-no — para suas relações com os videntes; trouxe bilhetes destes de Laura assim como sua fotografia – e contam por um sistema que me pareceu diferente e melhor que o adotado no Rio para onde levo ou mandarei a explicação. O curso é de 8, e aprendem pouco ou mais ou menos o que se ensina no Rio. O Diretor foi

redator de um periódico grego. Enviou-me a pedido meu jornais recentes da Grécia e prometeu-me escrever para lá a respeito de minha viagem pela Grécia.

Depois do almoço, Museu de história natural, Bouvet amigo de Agassiz mostrou-me. A melhor coleção é a de pássaros. Vi um belo modelo de Megatherium. Impressões de patas – uma muito grande de hidrarchos (?) — e de gotas de chuva em rochas. Imagem pequena de um ponto dos Black-Hills – creio eu – em que os rochedos vistos de lado e ao longe figuram o perfil de um velho.

Primary School – Ensino excelente por meio da leitura de figuras da leitura, numeração e música em seus rudimentos para crianças desde a idade de 5 anos. 3 de ensino primário; 6 anos grammar schools que não pude ver hoje. – 3 nas high schools de que vi as melhores de meninas e de meninos. Aquela é excelente – a melhor que tenho visto aqui – excelente laboratório de química – a professora muito hábil chama-se Whites – gabinetes suficientes de física – aula de botânica onde descreviam em cadernos com os nomes das partes do vegetal que se lhes dava a professora. Sala de desenho com bons modelos; gabinete fotográfico – deram-me duas fotografias – e até querem fazer um pequeno observatório. O superintendente Mr. Elliot é primo do presidente do Harvard College e muito inteligente. As 600 discipulas de que saem — o curso é de 3 anos – 100 prontas cada ano indo de 40 a 50 ser mestras, reuniram no hall que é belo, apesar de algum tanto baixo, e cantaram o hino da escola de que me deram cópia. Percorri somente a dos rapazes que vi depois no drill – grande salão sobre um açougue – fazendo exercício de recruta. É costume estabelecido para estas escolas desde a guerra de secessão.

Medical School – Hospital Geral e Museu Warren. Falarei depois disto.

À tarde tipografia e fábrica de piano de Chickering.

À noite no hotel vistas fotográficas do Yellow-Stone.

13 de junho de 1876 - No instituto dos cegos ensinam aos cegos e cegas para criados a lavar, etc. e coser. Cada cego maior vive em seu quarto e os outros a 2. Na Medical School há muito bom gabinete de fisiologia experimental de que é professor o neto do célebre matemático Bowditch do mesmo nome que estuda em Leipsig com Ludwig. Lá conheci os professores de patologia Jackson que muito tem trabalhado; o de anatomia o Dr. Holmes já meu conhecido e o célebre operador, lente de operações Bigelow. Este asseverou-me como exato o fato de um canteiro cuja alavanca arremessada por explosão de broca lhe entrara por detrás do olho direito e saiu pelo alto do crânio, que lá está com os buracos assim como a pesada alavanca. O homem só foi visto pelo Dr. 2 meses depois do sucesso. Ficou somente com afasia e foi para casa da pedreira quase por seu pé. O olho perdeu-o por inflamação. Barnum especulou com esse homem e custa-me a acreditar em tudo o que contam. A escola sofrível Museu e o Laboratório químico. Para a física serve o de Harvard College de que é professor o Dr. Labouring (assim soa). O hospital é muito grande. A parte nova de pequenos corpos separados feitos de madeira é excelentemente ventilado e aquecido no inverno agradou-me muito. cadeira de operações também cama, inventada e aperfeiçoada pelo Dr. Bigelow e cujos movimentos ele mostrou assentando nela um guarda pareceu-me engenhosa. A sala das autópsias tem uma mesa de invenção de Bigelow que recebe uma contínua corrente de ar de baixo para cima e cuja forma dá evasão a todos os líquidos. Também gira. O Fontes achou-a excelente. Também o lugar onde se põem as vísceras estabelece corrente semelhante de ar pelo aquecimento produzido por luzes de gás.

Finalmente fui ao museu do Dr. Warren substituto de Bigelow onde está um mastodonte quase sem ser restaurado. As presas são artificiais porque as naturais tem-se desfeito. A casa do museu é só de pedra e ferro.

De tarde estive na imprensa de Rand & Avery. Pode imprimir 60.00 folhas por hora. Tem oficinas de heliotipia, eletrotipia e de passar traços com tinta de escrever para gelatina em que pegam e recebem depois com o rolo a tinta de imprimir. Deram-me um retrato de Washington assim feito, que é muito bonito.

Depois visitei a fábrica de pianos de Chickering. Faz 2.000 pianos por ano mandando de 40 a 50 para o Brasil. Vi todo o processo. Empregam o sapin (?) para a tábua harmônica. Vem de fora, sobretudo da Alemanha. Empregam para as caixas dos pianos nas obras de marcenaria a madeira do Brasil serrada em folhas finíssimas.

As vistas do Yellow Stone sobretudo as dos abismos dos géiseres agradaram-me. O congresso votou uma lei criando aí em grande superfície de terreno um parque nacional.

13 de junho de 1876 - Antes do almoço exercício de incêndio. Espantosa rapidez, como em Nova York. Em cada estação são 40 em Boston e arrabaldes há um reservatório de vapor com 5 libras de pressão que enche quando se quer a

caldeira da bomba de vapor. Também vi trabalhar a que lança ácido carbônico misturado com água, sendo aquele produzido pela mistura de ácido sulfúrico e carbonato de sódio. A escada que se eleva e serve para alturas de muitos andares é boa. Não aprovam a manga para descer por ela homem e objetos. Os bombeiros estão sempre vestidos e para não haver demora só os querem trajando a roupa ordinária. Fui ver o fire-boat para incêndios no mar — pode jorrar água, até 250 pés — um só jorro — e até 8 jorros de uma vez. Dei um passeio pelo porto. Gostei muito desse serviço todo e levo os regulamentos. Muito me agradou o diretor Mr. Sawyer.

Depois do almoço. Parto para Wellesley às 10. Bonito caminho todo bordado de casas mais ou menos bonitas e com jardins. Gastei uma hora em caminho de ferro.

O colégio de Wellesley, que só em 8bro [outubro] foi ano passado ficou como está, acha-se em uma colina suspensa ao lindo lago de Waban. É um palácio e tudo o mais arranjado possível. Ali tem indicador do grau de umidade no ar do edifício bem ventilado e aquecido no inverno. Tem lindos quartos para as raparigas — salãozinho e quarto com 2 leitos. Os aposentos dos mestres maiores. Excelentes lavanderia e cozinha, e até há umas poucas companhias de bombeiros cada uma com sua capitoa [sic] e tendo uma bomba muito bem colocada. Excelente laboratório de química. A professora foi à Europa buscar instrumentos. Aula de botânica. A de física não está pronta. Ouvi uma lição de grego da Anabasis. Uma das moças traduziu bem. A professora estudou no Vassar College. Achei-as no exame de matemática que vão até seções cônicas, na capela do colégio por ser a sala grande com uma bela janela de vidro pintado com figuras. É um colégio modelo onde só entram raparigas de 15 anos com estudos preliminares. Há quase 300 lã. Terreno de bastantes acres foi comprado por Mr. Durand que também fez a sua custa o edifício e o mantém quando chegam as contribuições das discípulas. Dizem que já gastou 2 milhões de dol. Foi advogado e também ganhou muito com manufaturas de objetos de goma elástica. Deram-me fotografias do colégio. Há também linda livraria de 10.000

volumes com retratos e bustos curiosos acompanhados de autógrafos das pessoas dos retratos como Longfellow, Agassiz, Whittier⁰¹⁰ que visitaram o colégio.

Fechada a porta de ferro fica a livraria preservada de incêndio. Atravessando o lago que é pequeno em escaleres tripulados pelas raparigas do colégio e que remam e governam muito bem — o meu escaler chamava-se Evangeline em honra de Longfellow e uma das remeiras tirou do peito para dar-me uma fita azul escuro com o nome do escaler em letras douradas — chegamos à propriedade fronteira de Mr. Anwell, primo de Mrs. Durant. É um dos mais belos jardins que tenho visto. Rododendros e azaléas admiráveis e formando tufo; uma pelouse lindíssima, sabugueiros, chorões, etc. O dono é que plantou tudo isso há 25 anos. Tem uma casa muito bonita que olha para o lago e o Colégio. Aí se launchou [sic].

Na volta Agassiz disse-me ao chegar a Boston que havia um bom matadouro para o serviço, vindo o gado de Oeste pela estrada de ferro que vai a Chicago.

Esqueci-me de dizer creio eu que na sala de ginástica de Harvard College há um aparelho que faz dar ao corpo movimentos de quem rema e serve para o inverno quando as águas estão geladas.

Poucos minutos depois das 3, veio despedir-se Mme. Agassiz. Disse-me que o poeta Whittier chegava hoje e me avisariam da casa onde ficaria aqui, mas não recebi o aviso até agora. Agassiz filho ficou de escrever a Mr. Tumbull muito conhecedor das línguas dos índios para se encontrar comigo em Newhaven. À tarde vi um quadro do pintor David Neal, de Munich, que anunciaram como grande cousa, Maria Stuart e Rizzo. Não é feio, mas superabunda a cor branca.

Depois atravessei em ferry-boat o Charles River para East-Boston e fui ver um grande Elevator que pode esvaziar 100.000 bushels por dia num navio, podendo conter 1 milhão. Vi botar milho. Quando ele caía no vagão no lugar de onde é elevado parecia uma cachoeira. O elevador tem 120 pés de altura. Que bela vista do porto de Boston se goza de cima!

À noite, fui ao teatro Boston-Museum. Ficamos todos de platéia. Representaram uma peça cujo assunto é a traição de Arnold.

Bonita vista de Washington atravessando o Delaware sob uma chuva de neve e no fim uma apoteose de heróis, que pouco valeu pelo lado do gosto artístico.

Hoje tenho muito que fazer e saio às 9 da noite de Boston.

Boston. 14 — Experiência dos Sinais de Robinson, estrada de ferro Lowell. City Hall sinais para incêndios.

Esqueci-me de dizer que no caminho para Harvard College vi o Elm debaixo do qual estava Washington quando tomou conta do comando do exército.

Vi ontem uma boa estátua de Franklin, com baixo relevo de sua vida defronte do City Hall, feita por Greenhough em 1855.

Na Commonwealth Avenue há as estátuas de Hamilton, Ministro de Washington — feita de granito e mediocre e outra de bronze do general Glover amigo de Washington, muito boa e feita por ()⁰¹¹.

14 de junho de 1876 - Depois do almoço fui ao Instituto das Surdos-Mudos da City (Municipalidade). O mais interessante é o grande número dos que falam (processo Bell cujo filho é mestre no Instituto). Traços que imitam as formas dos lábios etc. e forma o sinal cujo som devem articular. Gostei muito deste Instituto. Grammar School (intermediária). Nada notei de novo, a ser a recitação de discursos no hall. Tinha 600 rapazes.

Sessão dos médicos na sala do Lowell Institute. Introduziu-me um dos Drs. Ouvi o discurso do secretário. O Presidente Dr. Cotting deu-me o diploma de sócio honorário. Eu disse que só podia ser social physician and not medical. Daí passei ao salão da sociedade musical e onde estava armada a grande mesa para o banquete dos 800 médicos e ouvi o belo órgão do que já falei e tem 300 tubos.

A estátua de Beethoven é a última obra de Crawford.

À 1h fui à oficina ótica de Alvar Clark em Cambridge etc. Vi o pai, amigo de Agassiz e os filhos dos quais Jones obteve em 1866 da Academia das Ciências o prêmio Lalande, por ter achado a estrela companheira de Sirius com o telescópio que lá vi armado fora de casa. Está fazendo instrumentos para o governo do Japão, um telescópio para Viena. Foi ele que preparou a grande objetiva do observatório de Washington. Seus processos são simples e até parecem pueris. Agassiz zombou deles por brincadeira. Ele apresentou-me toda a família até a única filha casada e parálitica. Gostei muito deles e depois soube pelo professor Slade que Clark velho fizera dele um bom retrato e é bom pintor.

Vim ao Athenum onde fui recebido pelos trustees, dos quais é o velho Lowell, filho do fundador do Instituto do mesmo nome. Quase todas as obras de arte foram para a nova galeria de que já falei, contudo aí está o belo Colombo criança, de Montecarlo. A naturalidade sobretudo das pernas cruzadas, é admirável.

Vi bons bustos feitos pelo Crawford e na sala anexa da Academia de Ciências o retrato a óleo de Crawford. Continuarei amanhã. Partimos às 9h em ponto.

15 de junho de 1876 - 5 ¼ da manhã. Ontem depois do Atheneum fui ao City Hall ver o Mayor e pedir-lhe uma coleção do que a City tivesse publicado a respeito de instrução pública.

O nome do dono do belo jardim defronte ao Wellesley College é Humewell.

Depois do jantar fui ontem despedir-me de Mme. Agassiz e de Longfellow. Entre 3 e 4 tive a visita do professor Slade e da mulher dando-me aquela uma bela obra com estampas sobre Harvard College e fui à casa de John T. Sargent ver Whittier cuja fisionomia, embora algum tanto severa, muito me agradou. Falei-lhe de Barbara Freach e do hino do Centennial e ele agradeceu-me a tradução de The cry of a Lost Soul. Pouco discorreu sobre literatura.

O célebre orador Phillipps e outros chamaram logo, a propósito da doença de Blaine, a conversa para o terreno da eleição presidencial.

Ofereceram sorvete de creme e café com leite, sendo Mrs. Sargent muito amável com todos e retirei-me abraçando eu Whittier que se mostrou muito comovido.

Vou a caminho de Albany. O terreno é de colinas e vêem-se plantações.

5 ½ vejo à esquerda o Hudson River bordado de colinas deste e do lado oposto dele. Vão aparecendo casas e até vejo o grande vapor atracado.

5h 35'. Chegamos a Albany. Vi 10 vapores no Hudson, que atravessamos em bela ponte de ferro. Depois de chegar à estação passeamos de carro duas horas. Belo novo Capitólio que se construiu todo de cantaria e tijolo, internamente. Belas catedrais episcopal – vi no fundo grande janela de vidros pintados muito bonitos quando pude julgar de fora – e católica.

Penitenciária. Pelo que vi, passando, parece fazer-se ainda – porque está aumentando com os defeitos da de Boston.

Bonito jardim público, onde passei um pouco a pé com lago e barcos – um era remado por duas senhoras. Belo Hotel. A cidade é sobre colinas.

Partida às 8h 10. O caminho é lindo.

8 ½ . Que bela cascata — como a grande da Tijuca pela massa de água — e à esquerda! Canal Erie tão cheio de barcos que parecem uma só linha. As ruas de Albany são quase todas plantadas de árvores. Calçadas más de pedras arredondadas.

9h 3'. Chegamos a uma estação. Estamos em Mechanic-ville.

O New York Herald de hoje já publica o que fiz em Boston ontem e só foi sabido depois das 8h Já passamos Troy. Foi uma grande povoação que eu vi pouco depois de Albany e tem 50.000 — Albany 70.000 aqui também passei pela casa do Governador, não muito grande mas bonita e quase coberta de folhagem das trepadeiras. É cidade manufatureira (ferro, aço Bessemer, algodão, lã, etc.). Vejo agora no guia que a cascata chama-se Cohoes-Falls no Mohawk que afluente no Hudson.

9h 40'. Muito bonito caminho quase todo com lindas casas e jardins — também vi plantações. Chegamos a Ballston com bastantes casas e algumas bonitas. Tem diversas boas fontes de águas minerais A melhor é Lithia.

9h ¾ Atravessamos uma ponte. Outra. Lugar de bastantes casas com árvores e cortado de águas.

9h 49'. A vista alonga-se à direita por cima de lindos campos e colinas com árvores e plantações. Para a esquerda também a vista é bonita. Já se vêem casinhas com bandeira americana e letreiro Geyser-Spring etc.

10h 5' Descampado bonito com árvores e casas espalhadas.

10h Chegamos a Saratoga.

10 ¼ da noite. Estamos no Grand Union, que parece não ser tão grande como o outro desse nome, que ardeu. Todavia é um dos maiores; mais comprido, porém não tão alto nem tão largo como Palace Hotel de S. Francisco; contudo tem seis varandas superiores umas às outras que deitam para o saguão pequeno comparativamente ao do Palace Hotel. A rua do Hotel Broadway é bonita. O lugar em geral não é bonito.

Fui à igreja católica pequena, mas que não é feia no interior de gosto romano. Dei depois um giro vendo primeiramente Geyser-Spring assim chamado porque repuxa dentro de um tanque circular onde também há um globo de vidro onde a água entrando e saindo por uma pequena abertura produz efeito curioso. Acharam esta fonte abrindo uma artesia até 183 pés. A camada a 9 pés do nível atual é do carbonífero. O jorro vem de água que passa por fendas de terreno Fleinty de bird-eyes. É alcalina e ligeiramente férrea; fria. Vi outras que não descrevo porque são muito conhecidas pelos guias; mas ainda que a água do Excelsior é muito fresca e gasosa, sabendo-se muito bem, apesar de ligeiramente férrea e sulfurosa. Perto da Geyser-Spring, no jardim e correndo para as águas que formam um bonito lençol de água por cima de um açude acima do qual está um lago, há uma fonte fria porém muito sulfurosa e alcalina.

Junto à Excelsior há um bosque onde encontrei mais de pic-nics [*sic*] e muitos passeantes. Voltando daí vi ao lado esquerdo um edifício vistoso onde está a bomba por vapor que distribue a água de beber pela vila. A água é boa. Perto do hotel está o Congress-Spring que estão arranjando melhor, assim como o jardim que é bonito e tem veados num cercado pequeno. As árvores do jardim são olmos, que abundam neste lugar. O guia de Osgood dá muitas informações das fontes, etc. Vi o modo porque se enchem em Excelsior os barris e levo explicação assim como mapa da povoação de Saratoga, que não é grande; tem 8.000 residentes – e confesso que neste lugar só reparei nos hotéis que são notáveis.

Depois do jantar fui ao lago de Saratoga à distância de 6 milhas. Há restaurantes; dois tanques ao pé, tendo um trutas e daí goza-se de belíssima vista, havendo diversos caminhos na falda relvosa da colina para descer até à margem do lago. Aí avança uma ponte de madeira que dá embarque para um vapor, o Silvermoon que navega o lago agora às 11 e às 4.

Perto do embarque há casa de jogar a bola. Vendo outro vapor perto do cottage de Frank Leslie, que é editor de diversos jornais – alguns ilustrados em N. York – Fui até lá e ele, de muito bom grado, fez o vapor andar e vim no vaporzinho com ele e a mulher – meus conhecidos do soirée em Filadélfia, de Mr. Child, até onde estava minha e os companheiros de viagem [*sic*], menos Macedo e O'Kelly que tinham ido comigo até o vapor de Leslie, e deu-se um passeio até o fim do lago que os índios chamavam Kayaderoga.

Saratoga significa em língua iroquesa place of herrings, nome aplicado ao que se chama agora Fisch-Creek. Tem 9 m. de comp. e muito perto de 3 de largo. Além de Snake-Hill estando entre mato para cá dessa ponte a casa que serve aos estudantes da Universidade de Cornwell, onde há bastantes brasileiros, para as regatas em julho e agosto – aparece o edifício que não é pequeno dos Sulphur-Springs junto do qual repuxava uma fonte. O lago é muito bonito, e desse lado há diversas vilas. Vi duas marrecas voando por sobre o lago.

A casa dos Leslie – sendo a mulher muito espirituosa, falando castelhano, italiano e francês – é de N. Orleães, da família Foline. – Além da língua da terra e tendo aprendido latim, veio conosco o Coronel Willoghby, sogro de Pierrepont, nomeado Ministro para Paris. Tem 86 anos, mas espírito juvenil cheio de vivacidade. Também é vigoroso e manobrou o leme revezando com Leslie que me agradou, e a quem prometi um exemplar da última Breve-notícia, em inglês. A senhora muito me perguntou a meu respeito e admirou-se de que a tradução da Breve-Notícia fosse em tantas línguas inglês, francês e alemão. Foi um bom passeio. O caminho até o lago tem lugares que não são feios e bonitas plantações e arado. Passa-se pelo campo das corridas de cavalo. Chegamos ainda com restos de crepúsculo porém minutos depois das 9.

Vi esta manhã um acampamento ou antes casas de madeira que são ocupadas em tempo próprio por índios do Canadá. Frank Leslie falou-me dele como gente muito suspeita. Do lago vêem-se ao longe as Green-Mountais que parecem-me ligar-se aos Adirontek que vi ao longe descendo o S. Lourenço.

Sigo amanhã às 6 ½ para Pougkeepsie. Se alguma coisa me lembrar acrescentarei de manhã.

O que escrevo são rápidos apontamentos e portanto desconexos. Levo fotografias.

16 de junho de 1876 - 6h 40'. Acordei às 5. Estou no vagão à espera da partida. Ontem fez muito calor. Partimos. O Dr. Fontes foi ontem ver a casa de banhos do Dr. Strong. Achou-a boa. Tem banhos russos, turcos, elétricos e aplica o vácuo por meio de recipientes e máquina pneumática a diversas partes do corpo.

A sala comum de comida no Grand-Union tem 259 pés de comp. 56 de largo e admite 1400 hóspedes. Não tem apoio nenhum para o teto sobre o qual repousam contudo as divisões de andares superiores, mas consta-me que o madeiramento está todo travado com as paredes da sala. O salão de conversa tem 140 p. de comp. e 62 de larg. O hotel pode receber 1800 hóspedes.

Seguimos o mesmo caminho para Albany e depois vamos a Poughkeepsie, do nome índio Apokeepsing (safe harbor). Dizem que a High-nek-spring surge de um pequeno rochedo formado por depósito de água, mas que creio que aí foi posto de propósito para tornar a fonte mais procurada.

7h 13' linha de barcos no canal à direita perto de colinas. Esqueci-me de dizer que a State-library que vi por fora, em meu passeio de ontem em Albany é um edifício grande. Custa a reter tudo e agora lembro-me de que o quartel general de Washington durante o cerco de Boston foi no lugar da casa e Longfellow, em Cambridge.

7 ¾. Chegamos a Albany. Ontem quando chegávamos do lago encontramos diversas pessoas que corriam puxando uma bomba para exercício. Vejo aqui um sleep-car, de Wagner, quase que tombado de todo de um aterro. Este Wagner, por ser rival de Pullman, põe dúvidas em admitir o nosso carro em sua linha, mas espero que se vença aqui esse embaraço, que o é mais pelo incômodo de passar a bagagem para outro carro.

9 ¾ Enfim partimos no outro trem (Wagner car). Vanderbilt não quis, parece, responder ao telegrama.

Margeamos o Hudson (10h 7'). Ao longe à direita e por detrás montanhas muito distantes. Vejo desse lado e além do rio uma povoação com casas derramadas por colinas altas.

10 ¼. Passamos por edificios num porto onde estava um vapor grande. A margem, toda semeada de casas. Ponte deste lado do rio. Segundo edificio que vejo do lado oposto com calhas descendo de janelas. Parecem elevadores. O rio alarga bastante. Vê-se por detrás das colinas da margem oposta uma serra muito elevada e muito longe.

10h 20'. Passamos ponte coberta em algum pequeno rio, ou entrada do Hudson deste lado. A vista do lado oposto do rio é muito bela. O caminho segue um aterro nas águas do rio. Ambos os lados lindos e muito habitados.

10h 25'. Addison. Na margem que seguíamos. Tem bastantes casas e chaminés das fábricas.

10h 32'. Temos andado 50 m. por hora. Vejo no cimo da colina na margem oposta uma grande casa com bandeira americana flutuando num mastro. Parece-me hotel. A estrada roça quase as colinas baixas deste lado e as águas do rio. Tenho visto barcos pequenos a vela. Os carneirinhos no rio parecem indicar pedras, ou fundo baixo. Mais três elevadores na margem oposta e um grande vapor atracado a um deles.

11h 12'. Outro aterro no rio e talvez maior que o primeiro. Vejo outro elevador na margem oposta com barcos ao pé. Avistam-se mais do mesmo lado. Outro aterro – menor – dentro do rio. Povoações sofríveis na margem oposta. Navios de vela e vapor de rebocar madeira. Vapores um pequeno – os outros três rebocadores dos quais um o Niágara, muitos barcos, creio que de lenha. Tenho visto faroletes dentro do rio.

11h Chegamos agora a uma ponte deste lado. Atravessamo-la. Tem casas e arvoredo. Campo pequeno a arar com um cavalo à direita. Volta o rio.

11h 3'. Ilha de rocha lamelar não muito grande. Elevador na outra margem. Casas espalhadas nesta. O rio estreita. Colinas bastante altas na margem oposta. Pequeno aterradão no rio. Esta margem também é de pedra mais ou menos lamelar.

11 ¼. Pequeno túnel. Chegamos a Poughkeepsie. Partimos de Poughkeepsie perto das 2h

Às 11h 35'. Fui a Vassar College a 2 m. O caminho não é feio. As ruas da cidade são arborizadas. O lugar do colégio nada tem de saliente. Grande edifício de 4 andares, com sótão. Gostei em geral mais de Wellesby College. Parece-se com este sobrepujando-o no gabinete de física que é muito bom para o fim; no museu, que ainda não está organizado, dada por Giraud, companheiro de Audubon e no observatório que aquele ainda não tem. Este é melhor que o de Harvard College.

Telescópio de objetiva de 16 pol. feita por Clark. Cronógrafo elétrico bom círculo meridiano com colimadores. Observam o disco com heliostato fotográfico que não existe em Cambridge. A diretora é Maria Mitchell que teve em 1864, creio eu, um prêmio na Dinamarca pela descoberta de um planeta. Tem no observatório um bom busto de Sommerville, de quem ela dá alguns ares. Traz canudos grisalhos e tem cara larga e expressiva, sobretudo os olhos que são reflexivos. Anexo está com o Museu, na mesma casa, a galeria de belas artes de que falarei depois.

Ouvi uma rapariga tocar a marcha de Korsti ao piano sofrivelmente, na capela onde há órgão e é também o lugar dos atos.

Assisti à tradução dos Captios de Plauto que os rapazes tinham representado e de uma passagem da sátira de Juvenal e gostei. Entram com 16 anos e o curso é de 4. Vi lá o professor Houghton, que escreveu sobre o Brasil e ficou de mandar-me a nova edição de sua obra.

Pouco depois de Poughkeepsie, túnel em rocha, pequeno; outro também pequeno.

2h ½. Altas colinas com mato em ambas as margens e antes vi à direita uma montanha cônica coberta de mato. Saímos (2h 34') de 3º túnel, pouco maior que os outros. Margens com casas e povoações; uma grande na margem oposta.

2h 35' Chegamos a West Point. 6h ¼. Atravessei o rio em pequeno ferry-boat. Subi a ladeira de carro e fui à porta da livraria onde encontrei quem disse ao Comandante da Escola General Rogers? Examinei os retratos que há na livraria, um dos quais é muito parecido com o Barão de Laguna. Creio que é o general de engenheiros. A livraria tem 10.000 volumes, porém nada de curioso. A capela de colunas e bonita, Tem lápides nas paredes com os nomes e datas da vida dos generais que guerrearam pela Independência, à direita; e à esquerda no México; a do Major-General Arnold tem o lugar deste nome em branco. Nas paredes desse lado estão as bandeiras tomadas aos ingleses e mexicanos. Vi os gabinetes de química e de física – neste há um magneto bobina, o maior conhecido, que atrai o peso de 3.000 libras e um aparelho de Rumkerf cuja centelha mata um homem. Vi também amostra do asbesto, que serve para cobrir casas e vem de pouco distante de West-Point.

O professor Kenrick é conhecido. O professor de certa parte da física – luz, acústica e mecânica – levou-me ao observatório de que não gostei. O telescópio é de pequena objetiva, feita na casa Ertel, de Munich O círculo meridiano tem movimentos perros e a cúpula dificilmente gira e por manivela de vai-e-vem. O próprio professor confessa que esta parte do observatório não prestava. O gabinete para a física que ele ensina possui excelentes instrumentos. Assisti a exames de matemáticas elementares onde vi Church, matemático distinto que ensina todo o curso matemático; outro de engenharia; o professor Weare de desenho e outro colombiano, creio que Dejamon, de família de origem francesa, muito amiga de Bolívar que também estava na mesa dos exames.

Visitei quarto dos cadetes – três em cada quarto – e num com uma meia divisão separando duas camas de uma. Vi a sala dos desenhos onde está um bem feito do General Sherman representando Teseu derrubando com a malha o minotauro e o lugar onde desenham; o lugar da comida e depois de ir ao cemitério para ver o túmulo do General Scots, bonito e simples ereto pelas filhas (e) e o monumento de Kosciusko sobre um teto que descobre o Hudson até longe e foi ereto em 1828 pelos cadetes; vim assistir defronte da casa do comandante que me apresentou à mulher à vista de 280 cadetes que, apesar de não estar aí a classe mais antiga, que acabou o curso, trabalharam bem marchando perfeitamente bem. Vi no alto de um morro que olha para o rio as ruínas do forte Putman que figurou na guerra da Independência. A fuga de Arnold para a corveta inglesa Future foi milhas abaixo.

Washington indicou o lugar de West-Point, assim chamado por estar em ponte dirigida a oeste para a Escola. Partimos às 6h ½ para N. York.

O rio é belo em ambas as margens bordadas de colinas elevadas e de montanhas.

6h ¾. O rio alarga bastante. Atravessamos por entre casas. Muitos escaleres no rio. Agora atravessamos uma ponte, sempre do mesmo lado. Custa a rabiscar com tamanha velocidade. Pequeno túnel.

7h Torna-se a ver o rio. Outro túnel, pouco maior; corte pequeno e rio que se alarga muito. Ao longe estreita entre uma montanha à direita e a ponta de uma larga colina à esquerda que vamos seguindo margeando o rio à direita. Fecharam-se as duas pontas pela perspectiva, parecendo o rio um grande lago. Grande corte em terreno arenoso. Alargou o rio de novo. Passamo-lo numa ponta em aterrado com uma ponte. Belíssima vista ao longe, rio abaixo. Nas montanhas da margem oposta empoleiram-se *[ilegível]*. Pequeno túnel. Passamos junto à prisão de Sing-Sing.

7h ¾ Outro pequeno túnel e passamos uma povoação com suas casas. Vêem-se bastantes barcos a vela e há pouco vi um vapor. Pequeníssimo túnel. Rio muito largo. O sol vai-se escondendo (7h 20') por detrás das montanhas do lado e dá às árvores deste lado um verde bellissimo. Lindas casas de campo sobre as colinas deste lado. Vamos rente com a superfície de água do rio. Vapor grande atracado deste lado e algumas casas. Montanhas de pedra que parecem paliçadas do lado oposto. São as Palisades (7h ½).

[Desenho]

Vem subindo 2 vapores que não são pequenos quase emparelhados; mais atrás outro. Mais 2 emparelhados; mais um. Deste lado molhe de madeira e bastantes; *[sic]* algumas com bonitos e jardins. Grande aterro deste lado sobre o rio, cercado de seus paus fincados e pedras soltas. O centro ainda tem água. Outro lugar deste que se aterra sobre o rio. Pequeníssimo e curto corte em rochedo. Bonita povoaçãozinha do lado direito. Grande corte com pequeníssimo túnel na rocha. Lindo castelinho em colina verde do outro lado de água à direita. Um vapor atracado. A terra do lado direito de rochedo e árvores é o começo do aqueduto de Croton que passa aí o rio sobre altos arcos de tijolo com uma torre do outro lado. Ponte que também deixamos à direita (7h 48'). Já se avista N. York creio eu. Com efeito vamos chegando a N. York. Rochedo à direita, todo cheio de letras brancas de anúncios. Paramos 8h 8'. Segui logo depois de ter largado vapor. Atravessamos ponte de ferro e madeira não muito longa. Túnel e muito longe passagem coberta com pequenos intervalos. Em parte era a passagem coberta com pontes superiores. Chegamos à estação 8h 6'.

17 de junho de 1876 - De noite fui ver Pique no teatro Fifth Avenue. Representaram muito bem. Fiquei no Windsor Hotel, que não me parece tão cômodo como o outro. Parti às 8h 12'. A passagem quase toda coberta de pontes levou a passar perto de 8'.

Em Vassar College vi na galeria de belas artes uma bellissima cópia da Virgem de Foligno, feita por Mrs. Emma Church Um esbôço de paisagem – bosque no outono, de Church; uma aquarela de Turner, onde Ladsen desenho a lápis dois cães de fila um em pé e outro deitado que deixam a perder de vistas outros da aquarela. Sothard desenhou levemente à esquerda da aquarela uma mulher morta.

Anápolis agradou-me mais em tudo que West Point. Aqui ainda vi que os professores moram junto à escola – que tem 2.000 acres de terreno – em casas muito bonitas e algumas com jardins, do Estado.

Todos os discípulos do Vassar College pagam 400 dol. por ano, além de estudos especiais como o de desenho, etc.

Trago os regulamentos das escolas que visito. 9h 5'. O caminho tem percorrido bonitos lugares, mas ou menos cultivados e bastante habitado. Passamos o rio em lugar muito bonito. À direita o rio como que desemboca numa baía. À esquerda fica a povoação pequena de Cos-Cob, um pouco distante da estação.

9h 14'. Paramos em Stanford. Vejo uma grande casa com o título – Billiard - Table - Factory. A povoação não parece pequena, porém não vejo habitações dignas de nota.

9h 33'. South-Norwalk. Parece ter alguma importância. Até aqui passaram-se algumas bonitas casas de campo. Seguimos logo depois. Plantações bonitas de ambos os lados. Campos muito verdes; também vejo neles bastante água.

10h — 9'. Vejo o mar à direita ao longe.

10h Chegamos a Bridge-Port. Bonito lugar. Planície verde com casas semeadas e árvores. Tem grandes serrarias. Estamos à beira-mar. É povoação importante. Vejo os edifícios das serrarias de Howe, que são muito grandes. Muito pequena demora e seguimos. Também reparei numa fábrica de pano de lã à direita, quando seguia da estação.

10h 20'. Atravessamos em ponte de ferro o Housatonic. Tem sua largura e margens bonitas com colinas verdes e árvores.

10h 37'. Já vejo New Haven. Campo muito verde, mas alagado, creio que do mar, que descubro ao longe à direita. Pequena passagem coberta, creio que ponte; outra 10h 40'. Chegamos a New Haven.

3 ½. Saímos. Da estação descobre-se o mar.

3h 50'. O caminho é bonito, mas não se vê o mar. À noite, em Newport, escreverei em lugar firme sobre Yale College. Vi um pequeno campo que parecia nevado de margaridas; nunca observei outro assim.

4h 4'. Vê-se o mar à direita, por uma enseada com ilha de pedras. As montanhas da costa azulam muito longe. Outras duas abertas por onde se vê o mar. Planície esquartelada de plantações pequenas até perto do mar que se descobre muito bem.

Chegamos a Guilford. Parece pequena povoação. Vai-se descobrindo o mar e uma ilha com torre ao longe. Navios a vela quase que no horizonte.

4h ¼. Vejo por uma aberta um grande edifício ao longe perto do mar.

4h 27'. Depois de minutos de demora em Saybrook-Junction seguimos. Ao longe à direita ponta com habitações formando uma enseada. Agora não se vê de novo o mar. Campo todo verde e chega-se a um braço de mar em cuja extremidade para o lado daquele está a povoação e um farol. Mais longe montanhas da costa. Vêm dois escaleres à vela. Atravessamos o braço de a maior parte em ponte coberta e o resto de ferro e aterro.

5h 7'. Agira passamos rente ao mar e atravessamos uma ponte de pedras – enseada estreita de pedras com um vaporzinho e pequenos barcos. Deixamos o mar. Abre-se o mar. Muitos barcos à vela, ao longe. Vamos por um aterrado no mar e ponte de ferro para passar uma ponte de terra com árvores que me encobriu o mar até agora, o mar entra pela terra como se fosse um rio. Casas à direita, e tornamos de vista a água. Colina com casas à esquerda. Vamos subindo-a e descobrimos um braço de mar coalhado de pequenos navios à vela que saem. O lugar tem muitas casas à roda da enseada e chegamos (5h 9') a New London.

Vi 2 vapores pequenos numa ponte de embarque e ao longe, na ponta de cada enseada, há uma fortificação com muralhas e gramados. Paramos perto de 2 vaporzinhos, um chama-se Cecile e uma taboleta diz Pecquot and Edgecomb house. O trem entrou numa barca ferry onde havia mesa para comida e camas em camarotes e passaremos para o outro lado. Às 5 ½ tínhamos passado e seguíamos. Ouvi que o rio Thames lança-se na enseada de New London, onde o vi do lado esquerdo. N. London foi fundada em 1645 por Winthrop. É a terceira vila baleeira dos Estados Unidos.

5h ¾ – Bonita vista do mar com enseada à direita. Chegamos à povoação com vapores. Escaleres à vela. Atravessamos o mar em aterrado e ponte de madeira e ferro. Vamos agora atravessar uma ponta de terra. Seguimos agora quase que pela costa e perto do mar.

6h 6' vamos chegando a uma povoação com bonitas casas e vapores de 2 casas e grandes. Não paramos. Ao longe sobre uma colina numa ponta de terra um grande edifício branco. Passamos com rapidez incrível por uma povoação considerável com bonito edifício, que pareceu-me colégio. Vamos por colinas e arvoredos sem ver o mar. Passou-se um corte considerável na rocha e uma pequena povoação.

6h 25'. Grande planície onde está a estação de Kingston. Há colinas afastadas. Tem algumas casas.

6h 35'. Vamos subindo colinas com arbustos. Não se tem visto o mar. Vemos casas à direita.

6h 40'. Wickford-Junction. Tem algumas casas e arvoredos. Vamos chegar a Wickford com manufaturas de lã e algodão. Esta cidade produz um efeito pitoresco, por causa das águas próximas do Narraganselt. Em Wickford embarcamos para Newport, na Rhode-Island. Na Junction seguimos direção oposta. Passamos por uma pequena estação somente para largar passageiros (7h 6') e seguimos ao longo, creio que de um braço de mar onde vejo vapor e outros navios (7h 5'). Chegamos.

18 de junho de 1876 - Apareceu-me logo ontem o filho do Bancroft e também o Mayor de Newport, para onde foram comigo, no pequeno vapor, onde o primeiro apresentou a neta do General Cole, cuja conversa muito me agradou. Fui vendo as ilhas das quais a Canonicut tem uma forma curiosa. Mostraram-me ao longe as Prudence – outras e o lugar chamado Bishop's frock, que é uma pedra. Goat-Island, muito perto da cidade de Newport, na ilha de Rhode-Island (concepção das palavras que significam Ilha encarnada). Iluminou muito de longe com luz elétrica. É aí que existe a

oficina de torpedos. Havia muita gente no desembarque e o velho Bancroft levou-nos em seu carro até o hotel Aquidneck. Esta palavra índia era o nome da ilha, e quer dizer ilha da paz.

Ceei às 9, tendo chegado às 8h 10' ao desembarque perto do Hotel, e deitei-me às 11. Encontrei no vapor um empregado do Signal-Office a quem perguntei notícias do General Meyer e ficou de pedir os sinais do tempo amanhã. Yale College. Na estação, encontrei logo o Presidente Noah Penter e o professor Dana com cartas de Bancroft. Aquele é muito conhecido como entendedor da língua inglesa. Fui logo com eles para a Universidade e minha mulher correr a cidade. Entrei no Hall onde fazia exame escrito de inglês – trago o pondo dado – e vi os retratos do governador de Yale fundados na Universidade e de muitos professores, entre os quais reparei nos de Homestead, Gooduch e outros. Havia 2 de Shermans parentes do general, creio que benfeitores do Yale College. Museu de mineralogia e de geologia onde muito folguei de conhecer o professor de geologia Marsh que tanto estudou as Rocky-Mountais. Mostrou os ossos de Pterodactilo dentado e do elefante diferente de primígenos que aí achou. Trago os trabalhos que ele publicou a tal respeito. Na coleção mineralógica há uma amostra rara pela qualidade do mineral e perfeição e grandeza dos cristais de Franklinite. É dos Estados Unidos de onde vi também antimônio puro e mercúrio também puro.

A capela é muito bonita, sobretudo externamente – internamente prefiro a de West Point – que se consagra hoje.

A livraria tem 100.000 volumes, uma coleção de livros orientais muito curiosa. Vi lá um exemplar do Cosmos com citação e extratos de autores escritos nas páginas por Humboldt. Também há aí a grande obra de Bonpland que estava na livraria de Humboldt. Tem bustos de professores. Aí encontrei o astrônomo Newton e falei-lhe sobre os seus trabalhos a respeito dos cometas. Tem ar muito modesto e fisionomia muito inteligente.

Visitei o Instituto Politécnico onde está a coleção mineralógica de que já falei em parte; olhei também um pouco para a sala de ginástica, onde vi outro aparelho para remar em seco, mas não tão bom como o de Harvard College, e enfim por uma linda rua com casas e todas bordada elms New Haven chama-se a cidade dos Elms.

Fui ver a casa do Presidente onde conversei com Trimbull, sobre as línguas índias de que o Algonquin é como o nosso tupi ou guarani, na generalidade e construção gramatical. Conhece os autores alemães que se tem ocupado de filologia e prometeu-me suas publicações. Pouco antes de sair, chegou o professor Loomis que ensina astronomia matemática e disse-me que tinha observado os fenômenos elétricos que já confirmara Agassiz a que a eletricidade origem das auroras boreais provém do sol e liga-se às manchas dele.

18 de junho de 1876 - Antes do almoço fui ver as praias dos banhistas. A terceira beach não é freqüentada. Na 2ª, reparei para os Harpin-rocks que rindo parecem a boca aberta de um monstro. Era este o lugar de predileção do célebre Bispo Berkeley, autor de Alciphron (diálogos sobre a doutrina cristã e como vi nas suas obras que existem na Redwood Library de um trabalho sobre as vantagens da água com pez ou alcatrão. (Tar-water). A volta apresenta uma perspectiva muito bela e passei entrando na cidade por lindas casa de campo.

Casa onde nasceu Channing de aparência mais antiga do que aquela onde Washington encontrou-se em Rochambeau, chegado na frota francesa. Aquela veio do lado do atual. Tour Park onde manhã vi a bonita estátua do Comodore Perry que foi ao Japão. Tem bonitos baixos relevos também de bronze no pedestal. O que representa um desembarque no México é o melhor. Há as datas de seus serviços no Japão – África e México. Na mesma praça, está a round tower que é visivelmente um moinho do tempo dos ingleses e não dos irlandeses ante-columbianos. Esta família Tours era de judeus ricos. O mesmo deu dinheiro para a Sinagoga, feita por um arquiteto português – segundo me disse quem me guiava, um literato de New Porto apresentado por Bancroft filho – e outro, Judah, o terreno para o cemitério dos judeus, que também vi, passando.

Fui depois a Redwood Library onde há a coleção artística de King, e seu retrato feito por ele mesmo aos 20 anos. Há boas cópias em mármore de estátuas antigas. Vi aí um quadro a óleo de Newport, em 1776. Não vi o sobrescrito de uma carta de Londres para N. York, onde se acrescentava para não haver dúvida – perto de Newport – o que indica a mudança que pouco tempo fizera na importância das duas cidades.

Fui ver Mrs. Birckead, filha do velho Hunter, que esteve no Brasil. Só achei lá a filha casada do oficial da marinha, que me disse que a outra estava na igreja e ela já tinha um filho de 6 meses. É uma linda rapariga. O marido também se achava presente. Habita Mr. B. uma casinha com seu jardim na cidade, não longe do mar, que não se vê.

Voltei ao hotel e de lá fui a Goat-Island ver a fábrica de torpedos. Tem um diretor, 5 oficiais ajudantes e 20 aprendendo. Está muito bem montada. Aí aprontavam um caixão flutuante com peça de atirar por baixo d'água, mas

ninguém confiava como eu não confio no bom resultado a respeito do projétil de movimento retilíneo pela incompressibilidade da água. Vi ainda o barco torpedo que tem a velocidade de 20 m. por hora; caldeira de tubo interno em espiral que em um momento produz vapor, e consumindo 400 ££ de carvão por hora. Assisti ao manejo do torpedo spar, e vi os que servem de defesa de portos. Muito me agradaram os gabinetes elétrico dirigido pelo inteligente Farmer que melhorou a máquina eletro-magnética, tendo visto também uma eletro-motora e a poderosa faísca produzida pela eletro-magnética e o de química, dirigido pelo inteligente Eads, discípulo de Harvard College, onde se preparam a nitro-glicerina e a dinamite misturada àquela com uma espécie de gesso vindo de New Hampshire, no estado de pureza que as torna inocentes só explodindo com fulminato ou faísca elétrica. Vi também um aparelho – o maior que conheço – para liqüidificar o gás ácido carbônico.

O diretor falou-me do emprego deste gás como motor, mas os ensaios só tem dado velocidade até 10 m. por hora. Pretendem regular da ilha a hora na cidade por meio da eletricidade. Muito me agradou esta visita.

Às 2 ½ fui para casa do Bancroft para o launch e acabado este demos um lindo passeio pelos jardins, casa do Agassiz e costa com lindas pequenas enseadas nos rochedos e por fim soirée em casa do Mayor Bedlow.

Falarei depois de tudo isto com minuciosidade.

A casa de Bancroft olha para o oceano. Ele gosta desta vista, porém não de viajar nele. Lembrei-lhe os versos de Lucrecio. Lindo jardim.

Mme. Bancroft é muito amável, porém um pouco alemã de opiniões, como o marido, embora reconheça que prolongaram demais a guerra e lhe repugne a anexação.

Vi as filhas de Ticknor e a do Comodore Perry, do Japão, ambas muito bem conservadas. O publicista Lawrence, Russel, os generais Warren e Bodges que passa por bom matemático; o pintor Lafarge e outros, todos mais ou menos interessantes. Conversei também bastante com Mrs. Bedlow mulher do Mayor. No passeio, atravessei as chácaras de Rutherford, das fotografias da lua, viúva Breuver, da fonte do Common de Boston; passei pela casa de Appleton, cunhado de Longfellow, em cuja porta deixei um bilhete a lápis e entrei na casa de Alex. Agassiz situada numa colina de rochedo no bairro, como um pontozinho entre rochedos. Vi alguns peixinhos quase microscópicos que cria e desenhos de peixes.

Esqueci-me dizer que em Yale College vi um polvo com braços de 27 pés de comprimento.

No passeio os pontos de vistas do lado do pôrto são lindíssimos, porém os da volta pela costa ainda são mais pitorescos, talvez por causa das pequenas enseadas de rochedos, em alguns dos quais Agassiz mostrou-me o polimento das galerias.

Parei na casa de Russell, com jardim lindíssimo, onde vi belas árvores agradando-me sobretudo os purple-beechs e a árvore do Japão, Gando, com folhas pequenas, de forma de leque japonês ou chinês. Russel não parece ter os 80 anos. As filhas são muito amáveis e a mais moça parece muito querida de Bancroft. Deram-me uma espécie de merenda. Bancroft e Agassiz também acompanharam-me no mesmo carro. A Imperatriz foi com outros dois homens e a Josefina, deixando de ir, creio que com Mrs. Brunn, indicada por Bancroft como falando muito bem francês. Também atravessamos o lindo jardim dessa senhora que talvez fale demais. Em casa do Mayor, soube que ela era amiga de Begman (rainha de Mount Vernon, como se intitula) que danada.

A casa de Mayor do lado oposto por onde passeamos é muito bonita e a soirée foi muito agradável. Mrs. Bedlow é muito amável e a filha Alice cheia de graça e de espírito. Também conversei bastante com o general Bodges, que muito me agradou e uma senhora que esteve 12 anos em Florença e tem muita graça conversando. Também encontrei um homem que muito me falou do Fayal e Madeira, perguntando-me pela família Dabney que é a da mãe do juiz de direito de Itu, filho do Brotero, o que lhe disse. Infelizmente, por ser domingo só tocou a música de Fort Adams que também cantou. A senhora dos 12 anos de Florença é amiga de Litz que tocou piano para ela cantar e discípula de um pianista, cujo nome não me lembro agora, cunhado de Litz.

Retirei-me antes das 10 ½. Depois de chegar ao hotel veio como prometera o Sr. Meyer, de Viena, com quem falara também bastante em italiano, na casa de Bedlow e trouxe-me os Figaro de maio e junho.

Ontem e hoje, bem cedo, pela manhã, recebi telegrama do general Meyer, do Signal-Office, dando-me os sinais do tempo provável. Ontem, antes de ir à casa do Bedlow, estiveram no hotel a filha de Mrs. Birckead, nascida em Botafogo, com o tio Thomas e um filho deste. A mãe antes se lembrou de uma visita que fez a São Cristóvão quando eu estava na

lição, que interrompi para falar-lhe, assim como a outros americanos. Ela esteve de manhã com a Imperatriz; de noite não pôde voltar. O vapor partiu às 7 em ponto.

Arreventaram muitos torpedos ao passarem por Goat-Island, mas o fog espesso só permitiu-me ouvir o som de quase todos e somente 2 foram bem observados quando fizeram explosão, mas eu supor acabadas as explosões só vi o círculo de água revolta deixado pelas explosões.

Esqueci-me dizer que em New London só três vagões e a locomotiva passaram na barca de trilhos, creio que por não permitirem mais as dimensões da barca.

No passeio de ontem depois do almoço e missa em uma igreja não muito grande mas cujo interior no gosto da de Boston agradou-me, vi, passando a casa com jardim da célebre atriz Cushman, que só deixou parentes longínquos.

Em casa de Bancroft também conheci o literato Calvert.

O diretor do estabelecimento de torpedos é o Captain Breese.

O nome do professor de New Haven que também muito me agradou é Brush

Em casa de Agassiz vi as 2 filhas mais velhas – o Rodolfo não apareceu – parecem sérias, o que em crianças não é ordinariamente bom sinal – e a sogra gorda e de cabelos quase brancos.

9h 20'. Almoçamos a bordo do vapor, parado mais de hora e segue agora o trem.

1 $\frac{3}{4}$. Caminho o mesmo, porém passada a estação de Fair Haven vi bem sua grande montanha de pedra à direita, que já havia descoberto ao longe chamada Hiss-rock.

Creio que me disse que em Bridgesport havia grande serraria, enganei-me, são de máquinas de costura. Ontem apareceu-me o cego educado como Laura Bridgeman com os pais, que tem mais 5 filhos fortes e sem defeito. Enfiou um agulha. Mostrou-me que conhecia o fim de um relógio pegando neste e apresentando-me o seu. Comprei objetos de missangue muito bem feitos por ele e escreveu seu nome e idade 46 anos. Levo o papel. Disse-me a mãe que ficou cego, surdo e mudo de escarlatina aos 4 anos, e aos 8 foi para o Instituto Perkins, dirigido pelo Dr. Howe onde ficou muitos anos. Corresponde-se por escrito com Laura.

Saimos de New Haven às 2h 27'. O caminho é meu conhecido até New Rochelle.

Versos do Bispo de Berkeley:

Westard the course of empire takes its way,

The four first acts already past.

A fifth shall end the dram with the day

Time's noblest off spring is the last.

4h 27'. O caminho atravessa água sobre trilhos descansando em pontaléticas baixas de madeira. À direita descobre-se o mar e ao longe Long-Island.

4 $\frac{3}{4}$. Passamos pela estação de West Farms.

5h 8. Chegamos a New-Rochelle.

Entraram os vagões e a locomotiva na barca onde jantamos. Vimos pelo East-River vendo as ilhas, sobretudo a de Ward onde há edificio públicos dos quais a Poor-House – também vi à esquerda a prisão – grande casa e os presos em grande número marchando – e os rapids, onde se vão arreventar as grandes minas no dia 4 de julho, no lugar Hells-Gate – e agora (6 $\frac{3}{4}$) dobramos a ponta de N. York, onde há Castle-Garden – entramos no Hudson-River e 7h 10' Chegamos a Jersey.

7h 5'. Saimos da barca e seguimos para pararmos. East-River é muito bonito e povoado. Depois de Jersey atravessamos uma verde campina com bastante água à esquerda. É o rio Hockindock e agora creio que seguiremos sem pronta interrupção. São 7h 25'. Passamos o rio em ponte de ferro.

7h $\frac{1}{2}$ Deixamos a estação de Newark, povoação considerável. Terrenos bem cultivados de ambos os lados em pequenas extensões. Bonitas casas de madeira, de ambos os lados.

7h 40'. Atravessa a vila considerável, de nome Elisabeth Linda casa de campo à direita afastada do caminho. Atravessou-se um lindo pequeno bosque. Já vi duas casas de madeira abertas com letreiro Gasgling-oil.

8h 5'. N. Brunswick. Vamos atravessando a povoação que não é pequena depois de passar em ponte de ferro o rio. Já custa a escrever. Amanhã completarei. O rio chama-se Raritan. Não é muito largo.

20 de junho de 1876 – Cheguei ontem perto das 10 a Filadélfia, e até ir dormir perto da meia noite só fiz dispor tudo para o que tenho de visitar.

Esta manhã antes do almoço fui ver as obras das águas. Represaram o rio que passa por Taismount Park (o Schuykill), o que forma uma bela cascata em extensão, e água corre para onde 7 turbinas a fazem subir para um reservatório e o alto de uma torre donde vai também para outro reservatório mais alto. Para estes reservatórios são elevados por hora 1.869.100 galões e por dia 44.858.400. Fizeram um jardim perto da casa das turbinas, e tudo está muito bonito. Deram-me o último relatório. Antes das 9 estava no Inter-Continental Hotel para almoçar e as 10 comecei com o professor Archer o meu exame pela exposição inglesa. O que for relativo a esse exame irá num caderno a parte.

Sai de lá às 2 e às 3 estive com Lopes Neto e Sir M. Tennan e Hawkshaw e Archer – Levasseur ⁰¹² não está cá – e Brugsh foi para a Europa – a conversar sobre as palestras e métodos de minhas visitas à Exposição que pareceu ser o melhor – por nações em todos os buildings.

Depois do jantar dei um passeio pelo Roismocurt-Park de carro e de um lugar vi muito bem todos os buildings e a cidade – linda vista. No jardim há duas torres de madeira com elevadores e um diz – 35 milhas de vista por 25 cent.

À noite fui ver a peça Our American Cousin, onde o ator principal inglês representa há 20 e tantos anos o tipo desta nação — todo cheio de formalidades e outro o yankee — sendo o 1º muito estimado, jantando em casa de Thornton e tendo já ganho com essa peça uma fortuna. Só assisti a parte da peça, que foi muito bem representada, e de lá fui à casa do Child, onde conheci grande número de pessoas entre as quais o filho do Dr. Martius; os franceses Rochambeau; Kalmer — químico que estudou na Escola Central — Barthold, da Estátua da Liberdade para o porto de N. York, etc.

O irmão do Brughs disse-me que se retirara porque não eram pagos os empregados. Houve comida e refrescos e depois Child pediu-me que subisse ao andar de cima onde vi Mrs. Child, nos netos do general Patterson que tem 80 e tantos e está muito fraco e uma inglesa muito bem conservada e falando muito bem francês e também alemão segundo me disse ela com a idade de 26 anos e 10 de casada. Às 11 ½ estava no hotel, e fui descansar.

21 de junho de 1876 - Antes do almoço fui ao Colégio Girard – o corpo principal é um belo templo grego de colunas de mármore assim como o resto do edifício. Ai logo depois de subir os degraus externos encontra-se no peristilo uma bela estátua de mármore de Girard – fisionomia de bondade algum tanto maliciosa – um sepulcro creio que com seus restos. No edifício estão as aulas e gabinetes, assim como uma sala com os objetos pertencentes a Girard entre os quais vi o retrato da mulher que morreu doida, e que ele esposou por se admirar da perfeição com que ela limpava as vidraças de uma casa como criada. O colégio começou a fazer-se por deiza de Girard dois anos depois de sua morte. Começou a servir em 1848 se bem me lembro, e tem de renda anual de 600.000 dol!. É destinado somente aos estudos preparatórios para as carreiras industriais e os meninos aí só entram com a idade de 6 anos. Há 550. Não se admite nenhum ministro de religião, segundo exigência do testamento de Girard; mas o diretor que é Mr. Altenagora, fã-los rezar e ensina-lhes moral. Entre no colégio meninos de todas as religiões, e contudo ensina-se aos judeus a venerar Jesus Cristo! Não compreendo o que quis Girard. Em boas casas próximas estão salas com 21 camas cada uma e os refeitórios, mais baixos que o solo em frente, e úmidos como confessaram acrescentando que estão cuidando de construir um bom para todos os meninos juntos. Tem 4 professores homens para o ensino mais elevado e 14 a 18 senhoras professoras. Deram-lhe publicações relativas ao colégio. Assisti à oração antes de entrarem às 8h para as aulas. O diretor leu na Bíblia, e depois todos os meninos conservaram as cabeças baixas apoiadas nas mãos por alguns instantes.

Das 10 às 2 acabei com o Archer o exame da exposição inglesa. Às 5 ½ fui ao jardim zoológico; o mais completo da América. Tem animais muito curiosos até da Austrália; rinoceronte; 2 elefantes, 4 girafas; ursos em cavas; antas, etc. Tudo muito bem arranjado em uma parte bem ajardinada do Fair Mount Park. Hei de voltar.

À noite fui à Academia de Música, belo teatro internamente de 4 ordens de camarotes. Ouvi a Kellog no brindisi da Traviata; excelente cantora – assim tivesse a voz mais volumosa; a Cary bom contralto na Pieta do Profeta; Brignoli tenor que já teve excelente voz e ainda agrada bastante por seu estilo; e a Esmeralda Cervantes que tocou as variações de Moisés por Thalberg. Retirei-me no fim da 1ª parte para ir à reunião do Carvalho Borges no Club Union-bague. Tudo muito bem arranjado, e a música de Niteroy tocou bem. Foram convidados só o pessoal das comissões e júris da Exposição. Enfim vi Mrs. Levasseur e Simonin, cuja fisionomia um pouco turca não me agradou. Além disto a língua

parecia pegar-lhe um pouco. Também falei ao coronel Périer. Como tinha muito que escrever safei-me da barafunda antes das 11.

22 de junho de 1876 - Antes do almoço fui à Universidade. Belo edifício. Gostei muito de ver o gabinete de física de que é professor Barker nome conhecido. Na livraria achei um livro raro de cartas impressas de Franklin com duas passagens muito notáveis, que eu pedi para mandar copiar. As cópias vão anexas. Tem boas coleções de história natural. A escola de Medicina anexa é digna também de visita. Um dos professores é casado com uma neta de Bache neto de Franklin. Junto à Universidade estão abarracados os estudantes de Harvard College (Universidade de Boston) convidados para visitarem a exposição, e assistirem às festas de 4 de julho.

Depois do almoço no Transcontinental Hotel perto da exposição lá estava às 10 e visitei toda a exposição francesa até 2. Depois de jantar fomos à Academia das Belas Artes, lindo edifício que custou mais de 400.000 dol. de subscrições, e tem uma muito notável coleção de estátuas e quadros, sendo destes os mais notáveis o do rendimento de Leyden a Filipe 2º por Withkamp e o colóquio entre César Bórgia e Maquiavel – a expressão de qualquer deles é inteiramente no caráter do personagem, e o colorido excelente – de Paruffini. O diretor da Academia é um homem de muito bom gosto e de caráter jovial e simpático. Chama-se Claghorn. Quis que eu fosse ver sua galeria particular que possui Rosa Bonheur; Bouguereau; Alma-Tadema, Zamacois, Vibert, etc. e está arranjado com muito gosto. A nora toca muito bem piano e recreou-me os ouvidos com músicas de Mozart e Mendelssohn. Mande-lhe já uma cópia do hino de Carlos Gomes ⁰¹³ para a festa de 4 de julho. À noite recebi no meu salão membros escolhidos das comissões para conversarmos sobre a exposição e finalmente fui descansar à meia-noite.

23 de junho de 1876 - Antes do almoço Academia de Ciências Naturais. Ricas coleções sobretudo de conchas. Também vi fósseis interessantes como a imensa coluna vertebral de Emalssaouros platyurus achada nos Estados Unidos e o crânio do Bisen cayifrone com uma profunda depressão na testa. Lá está a coleção de crânios de diversas nações de Mortons que eu desejei comprar quando li sua menção nas cartas de Ampère e não adquiri por informar-me de cá, julgo que o Araguaia, não valer ela a pena. Vi a sala onde está a biblioteca só de obras de ciências naturais – onde não se compreendem química e física – e se reúne a Academia a cuja sessão de 3ª fª eu assistirei às 8h Vão estabelecer cursos. Tem um gabinete micrográfico onde pode trabalhar quem trazer seu microscópio. Creio que o presidente da Academia é o professor Konig da Universidade e muito conhecido como físico.

Das 10 às 2 examinei a bela exposição do governo dos Estados Unidos primeiramente com o diretor da instrução pública o inteligente, ativo e simpático general Heaton (ou Saton), e depois com o professor Baird que tarde compareceu e eu convidara assim como ao professor Henry que deixou de aparecer por cansado. Baird é do Smithsonian Institute.

Depois do jantar jardim zoológico de que trouxe guia explicativo e último relatório e vi muito bem devendo ficar logo que esteja tudo pronto um lindíssimo e instrutivo passeio. À noite ouvir ou antes ver Offenbach reger orquestra. Parece-se de longe com Mr. Noel de cabelos pretos, onde os tem. De perto segundo me disse C. Borges está avelhantado e chupado. A orquestra tocou bem num jardim coberto de vidro iluminado no teto com linhas curvas de copos de diversas cores havendo no fundo um arremedo do Niágara com passagem por detrás da queda d'água sem a gente se molhar. Ficamos numa espécie de púlpito rústico perto do Niagarazinho (*sic*). Não gostei da Offenbachiana (vid. programa) e notei melhor como o Offenbach furta árias mesmo na peça intitulada Geneviève de Brabant. Havia bastante gente entre ela Cervantes e sua mãe, que encontrei e disse-me o que pensava da música de Offenbach no sentido de minha opinião, indo depois a Esmeralda oferecer uma imensa corôa de flores ao Offenbach

Esqueci-me de dizer ontem que na Universidade fundada por Franklin há na sala dos atos uma bela vidraça pintada relativa à vida de Franklin.

O belo edifício da Academia de Ciências N. foi construído por doações, mas só tem de renda anual de 4 a 8 mil dol.

25 de junho de 1876 — Antes do almoço fui ver uma fábrica de forjas portáteis. Trouxe um folheto com os desenhos etc. delas. Das 10 às 2 vi o resto da exposição do governo e quase toda a americana do Mainbuilding.

Às 3 estava cá o filho do Rei da Suécia. Terá 16 anos. É guarda-marinha, e sua fragata chegou há poucos dias ao Delaware diretamente da Suécia. Apenas entende e troca palavras de francês. Não parece inteligente. Viaja como oficial.

Às 5 ½ fui ver um imenso bazar onde se faz e vende roupa. Uma sobrecasaca como a minha custa 16 dol. e faz-se num dia. Cortam e cosem por máquinas movidas por vapor. Tomei medida e encomendei calças; colete, e sobrecasaca. Trabalham no bazar 400 pessoas, as mulheres são que cosem. Também dão costuras a 1.200 pessoas de fora. Vi o edifício somente todo de cantaria — do templo maçônico. O interior é belo; mas não chega ao exterior. De noite assisti um

pouco ao benefício de Cervantes na Academia de Música onde a pianista tocou muito bem a pedido meu a 2ª rapsódia de Litz e depois tive palestra dos comissários da exposição.

25 de junho de 1876 — Às 6 ½ parti para a exposição onde dei por terminada a visita à exposição americana no Main-Building.

Fui à missa em catedral católica, que é a mais bela igreja que tenho visto nos Estados Unidos – com colunas e bela arquitetura – todas de pedra – e depois de almoçar no Transcontinental fui a experiências dirigidas por Sir W. Tompson no main-building. O telefone de ()⁰¹⁴ não deu perfeito resultado, mas assim mesmo duas pessoas leram – uma quase nada – dois telegramas que mandei ao mesmo tempo – Verity one single. All the sciences conduct to variety – aplicando o ouvido a um dos tubos acústicos. Em todo o caso ficou demonstrado o belo princípio achado por Konig e que o professor Baker explicou assim como sua aplicação ao telefone, bem como sua praticabilidade. Depois examinei com Sir W. Tompson o aparelho⁰¹⁵ elétrico automático e quadrupler, creio eu e finalmente a aplicação que Bell, o mesmo do Instituto dos Surdos-mudos de Boston, fez do princípio de Konig à transmissão dos sons pelo fio elétrico. Seu aparelho é mais simples que o outro porém não é como este aplicável à telegrafia. Não é parecer somente meu; mas que Sir W. Tompson achou exato.

Às 3 estive com o Dr. Mé Figueira que conheço de Lisboa e veio estudar o serviço sanitário aqui – é médico de minha sobrinha a rainha, e disse-me que já está quase acabando a farmacopéia portuguesa de que ele foi encarregado com outros. Depois estive com Draper pai, que já vira de manhã depois do almoço no Transcontinental. Conversamos sobre a sua obra Conflict between the Bible etc. e ele pareceu-me pensar como eu que o antagonismo entre a Bíblia e as ciências naturais só pode provir de má interpretação daquela. Disse-me que um dos filhos tinha o maior telescópio refrator dos Estados Unidos. Fiquei de ir onde Eles moram em Hastings a 40 m. por estrada de ferro de N. York. Depois de jantar dei um passeio de barquinho de vapor Skuykill acima partindo do açúde para as águas da cidade, em Fair-mount Park.

Percorreram-se somente 6 milhas até a confluência de Cate-fish creek. Depois há pedras e corredeiras. Sulcavam o rio outros barquinhos a vapor e escaleres remados até por mulheres. Perto do parque e da exposição à margem direita mostraram uma casa onde o poeta Morre passou 3 verões e dizem que compôs o poema Lalah-Rooke – hei de verificar. Do lado oposto do rio; porém mais para o lado do açúde, há uma casa sobre uma colina onde morou Washington. Agora me lembro que esta manhã indo para a fábrica de forjas passei por uma casa com uma tabuleta dizendo que aí habitara Washington no período presidencial de 179 a 97 [*sic*] – a rua da fábrica é uma espécie de beco sujo e mal calçado – e mais para diante está o lugar de recreio habitado principalmente por alemães chamado Winnasikon e a alturas do cemitério onde estão enterrados o general Mead que tanto brilhou na batalha de Gettsburb e o Dr. Kane da viagem em busca de Sir J. Franklin.

De volta dei ainda um passeio de carro pela margem esquerda acima do açúde do rio, e fui a um concerto perto do hotel Trans-Continental. A casa arranjada quase no mesmo gênero da do concerto Offenbach Regeu a orquestra Opperti que dirigia a orquestra do teatro Booth de N. York quando lá fui. Os músicos aqui nestes concertos traziam uniforme como se fossem de banda militar. Ainda esquecendo outro uso americano e curioso. Por causa do sol os cavalos trazem uma espécie de chapelinho [*sic*] entre as orelhas, e a um vi com esponja no mesmo lugar sobre a qual um homem botava água antes de arrear-lo.

26 de junho de 1876 — Antes do almoço fui ver as exposições – da instrução do estado da Pensilvânia, e de Kansas e Colorado – em edificios separados.

Às 9 ½ Fui até Bethlehem à Lehigh University onde há estudantes brasileiros. O caminho é bonito e o terreno todo bem cultivado. Acompanharam-me o Child e o que chamam Judge Pacquard ricoço do lugar e a quem se deve essa Universidade. O que mais me agradou lá foi o laboratório de química dividido para análise qualificativa, e para quantitativa, como todos os arranjos precisos. O professor Chandler pareceu-me muito hábil, e deu-me diversos objetos

como a notícia de uma análise por ele feita dos líquidos de uma envenenada por arsênico chamada Amanda etc. e um pedaço de vidro Labastie que deixei cair de bastante altura e mesmo atirei com alguma força e não se quebrou. Também me deram do gabinete mineralógico um pedaço de antracite com impressões de fóssil. Chandler mimoseou-me igualmente com o último número de sua revista de química. O gabinete de física é bastante incompleto em relação a outros que tenho visto e o observatório é apenas para engenheiros e não propriamente de astronomia. Guiaram-me nesta visita o Presidente da Universidade Levitt e o estudante brasileiro Queirós Teles neto do barão de Jundiá. Aí se graduou este ano o estudante Malcher do Pará. Vi também o estudante Jordão filho de Severo Jordão, e o estudante Albuquerque.

Depois fui às fábricas — de óxido de zinco, e chapas deste metal — de aço pelo processo Bessemer — e de extrair ferro do minério em grandes fornalhas cuja ventilação é produzir por duas grandes máquinas de vapor — uma sobretudo de mil e tantos cavalos. A última pertence a Mr. Thomas pai de Gertrude Thomas; uma das 16 raparigas dos Estados Unidos que encontrei chegando eu ao alto da Grande pirâmide do Egito. Mostrou-me o bilhete de visita que aí assinei para ela com o Bom Retiro. Dei-lhe agora o meu nome e data assim como ela num bilhete de visita. As fábricas são todas em ponto grande, e interessantes; mas o desejo que Pacquard e Child tinham de mostrá-las fez que eu não fosse a Lafayette College pouco distante de Bethleem, em Easton, onde há brasileiros e faziam-se exames graduando-se hoje um deles.

Na volta passei por um bairro da cidade que não conhecia habitado por gente mais remediada e onde enxameiam as crianças. De muito estive na Academy of Music onde se distribuíam prêmios ao colégio Lasalle dirigido por padres e os estudantes fizeram discursos e recitaram versos. Um padre gordo de Montreal e que fala bem francês, e que queria por força tomar-me o chapéu e desfez-se em amabilidades fez uma falazinha em francês revirando os olhos, e tudo nele revelava o jesuíta.

Às 9 sai e fui à reunião na Academia das Belas Artes que estive brilhante e onde achei pessoas conhecidas, e outras fiquei conhecendo.

27 de junho de 1876 — Fábrica de Baldwin. Faz 400 e tantas locomotivas por ano e agora 12 para o Brasil. Uma tem o nome de Príncipe do Grão Pará para a estrada de ferro Pedro 2º: 2000 trabalhadores. Vi também um carro com rodas forradas de borracha para andar por vapor nas ruas da cidade. Ainda não está pronto.

Indo para o Trans-Continental passei pelo panorama do Siege de Paris. O expectador sobe por uma estrada que representa as alturas de Chatillon. Está rodeado de cestões; de bonecos representando caçadores deitados atirando e mais longe desenrola-se a vista de Paris no fundo; estando pintado no 1º plano o ataque dos franceses, e a um lado a casa onde se vêem o Imperador da Alemanha e Moltke ao pé dele lendo um papel. Está bem feito. Ao entrar da casa há outro figurando a morte do arcebispo Darboy durante a comuna; porém não chega ao outro; no corredor antes de subir a Chatillon vêem-se fotografias referentes ao cerco de Paris.

Desde as 10 até as 2 vi as exposições de Alemanha e da Áustria. Antes de jantar trovada forte; também houve calor de 84º Fahr. às 5 da manhã à janela e de 89º ontem de noite no corredor deste hotel. Depois das 5 Machinery-Hall exposições: americana, alemã e austríaca.

Às 8 sessão da Academia das Ciências Naturais; onde ouvi a exposição sobre os rizópodes; pelo Dr. Leidy; outra sobre os mastodontes, pelo professor Cope, e a 3ª pelo professor Frazer a respeito de amostras de minerais que lhe deu o Coutinho e ele mostrou pelo polariscópio projetando as imagens sobre um pano branco assim como as de minerais dos Estados Unidos que as formações de certos terrenos desses países eram iguais. Esta parte foi muito interessante. Finalmente fui ao teatro Alhambra — muito bonito e com jardim ao lado — encontrar minha mulher. Aí vi o resto de Trip of the Moon. Os cenários não foram maus; porém a dançarina principal era meio gorducha e parecia-se na expressão do rosto sobretudo com a baronesa de Maracaju.

28 de junho de 1876 — Antes do almoço vi a exposição agrícola da Áustria, e a plantação de groselha e outra fruta parecida com as uvas de Corinto feito por um austríaco que perto de Viena já obteve 3000 variedades da groselha e 2000 da outra planta. De caminho vi a boa coleção de vidros pintados na fábrica Lomain de Chartres, que são destinados à catedral católica de N. York. Estive na padaria pelo sistema de Viena e daí trouxe excelente pão. Das 10 ao meio-dia exposição da Rússia, e depois Machinery-Hall em movimento de 1 às 2. Depois das 5 — antes choveu um pouco — a

exposição da Suécia e grande passeio a pé por junto da maior parte dos pavilhões e acampamentos dos cadetes de West-Point. Pouco depois das 9 tive neste hotel a reunião do Comissário russo Bielski. Conheci mais algumas pessoas; mas o calor tem sido insuportável. O Dr. Me Figueira disse-me ter observado 35° cent. e que ontem de noite a água nos vasos estava a 30° cent.

29 de junho de 1876 — Antes do almoço fui ao Mint – É inferior como edificio ao de S. Francisco. Gosto do sistema de dar tempero ao punção sobretudo por meio da água que esguicha debaixo para cima dando de encontro ao centro dela que foi antes aquecido e ainda o é depois. Às 10 estava na exposição e vi Bélgica, Holanda; Luxemburgo; Suíça; China; Túnis e México. Depois das 5 Agricultura – Rússia e Holanda. Dei um giro de carro pelos anexos, e às 9 horas minha reunião a que assistiram Petermann e Nordenskiold, que parte amanhã para nova viagem. Estivemos vendo por onde ele andou até a boca do Genissey num mapa que ele trouxe. Sir W. Tompson disse-me que conversando com Newcomb se convocou de que a precessão dos equinócios não é prova da rigidez da terra, apesar de que crê por outros argumentos como o das marés.

Falei com o professor Hilgard sobre o barômetro de Bache que disse-me ter provado bem em todas as temperaturas, não havendo inconvenientes em ser de contato. Ele esteve na comissão do metro e deu-me um pequeno modelo metro padrão em liga, como este de platina e iridium.

Antes de Mint vi um cemitério, dentro da cidade as sepulturas pedras só com os nomes de Benjamin Franklin e Deborah e de Bach e Sara (creio que a filha de Franklin), também havia outra perto da de Franklin que pareceu-me do filho dele (não me recordo do nome que li).

30 de junho de 1876 — Antes do almoço vi exposições Argentina; do Chile; Peru, e coletiva de Bolívia e Estado Livre de Orange. Depois das 10 até perto de 3 as de Noruega; Dinamarca (com Groenlândia); Espanha; México, Japão e Itália, correndo o anexo das fotografias. Depois das 5 máquinas de Bélgica e Holanda. Passeio de carro vindo as casas dos Stoves (poeles *[sic]etc.*) e a da Imprensa; enfim reunião do Comissário japonês na casa dos Jurados. Vesti-me no Trans-Continental.

1 de julho de 1876— Antes do almoço Portugal no Main-Building e Agricultura. Depois do almoço, das 10 até perto de 4, coleção das Belas Artes no Memorial Hall e anexo. Depois das 5 Agricultura do Japão, Venezuela, Argentina e da Espanha.

Ontem antes de ir ao Main-Building visitei a exposição do governo espanhol no anexo. Voltando dei um passeio pelo parque. Vi os anexos, para cortar pedra – mas é grés – por máquina – e fazer tijolos por diversas máquinas e para fazer vidro. Havendo delicados trabalhos, principalmente brinquedos.

Assisti ao principio do concerto de Mr. Tomas. Infelizmente tocara a marcha de Wagner para o centenário no fim da 1ª parte e tinha minha reunião.

Antes de voltar para a casa depois da 2ª visita entrei na Escola Sueca muito arranjada, e onde vi um meteorógrafo automático, estando os instrumentos numa barraquinha ao pé. O comissário Neerlandez Baumhauer – químico – ficou de mostrar-me outro meteorógrafo que ele inventou. Conversei muito com ele de noite, e também com um engenheiro de Paris da Comissão austríaca, o qual é partidário das construções de madeira americanas; de bitola estreita, e do modo como aqui se constróem pontes rapidamente pelo ajuste de grandes pedaços, que se formam. Pareceu-me muito inteligente.

2 de julho de 1876— O calor tem sido insuportável. Hoje de madrugada já 86° Fahr. Nunca senti tanto como a noite passada; também as camas são as que servem para o inverno.

Fui antes do almoço ver um sistema de caminho de ferro de um só trilho central elevado; os carros tendo rodas horizontais que correm lateralmente a outros trilhos muito pouco distantes um do outro. Andei a vapor por este caminho perto do Horticultural Hall. A inclinação é de 100 pés em milha. Quem me mostrou esse caminho foi o empresário General Stone. O carro oscila bastante e o trilho central pareceu-me já bastante curvado pelo peso da locomotiva, que é muito simples, e vagão o mais leve possível.

Missa às 9 em St. John.

Das 11 até 1 ½ experiências acústicas de Konig, no Main-Building e de aparelhos telefônicos; autômato e sem eletro-imam na casa do telégrafo (anexo). Vi lá ontem um sistema de pilha. Há diafragmas e só com espiras de cobre onde se deposita o cobre. Depois visitei ao Nitherói no Delaware.

No rio havia fresco por causa do vento. O José da Costa deu-nos um pequeno launch A corveta está muito limpa e bem arranjada. Tem sido muito visitada; e quando eu comia recebi o Comandante da fragata francesa Minerve que vinha visitar José da Costa. O Comandante esteve no Rio a bordo da Belle-Poule.

Depois de voltar ao hotel dei um passeio na direção e até perto do Navy-Yard. A cidade tem larga planície por onde estender-se. A paisagem lembrou-me a campagna-romana.

De noite nada houve por ser domingo. Por falta de vapor que se tinha ajustado não dei o passeio pelo rio Delaware, que parece bonito, e defronte do embarque onde esperei bastante o vapor tem ilhas e uma com estabelecimento de banhos.

3 de julho de 1876— Antes do almoço exposição brasileira no Main-Building. Às 10h passeio na estrada de ferro da exposição com os membros da comissão brasileira que eu convidei, e a quem dei bilhetes. Depois Machinery-Hall com o Luiz Filipe Saldanha e Agricultura. Às 12 ½ fui ver o ensaio do Hino de Carlos Gomes. Não chegara o Gilmore e fui à livraria pública de mais de 100.000 volumes fundada por Franklin, onde vi mapas curiosos – mesmo antes de chegar Penn – da cidade de Filadélfia. O bibliotecário é filho do antecessor. Enfim voltei ao lugar onde devia-se estar ensaiando o hino e aí se achava Gilmore. Muito me agradaram as rabecas e as harpas. Havia muita gente na sala do ensaio e aplaudiram com furor.

Jantei mais cedo e às 4h sai. Vi o anexo ainda não pronto inteiramente onde estão modelos muito bem feitos de máquinas empregadas na mineração no Chile; outro que vende tintas e vernizes (Acerite etc.) a pequena casinha de Marrocos que é mui linda internamente e onde se vendem tapetes e outros objetos; tomei 2 xícaras de café – no chamado Brasileiro estabelecido pelo Resende com proveito para ele – a renda tem sido de 50 dol. por dia vendendo a xícara a 5 cent. e para conhecimento do gênero do Brasil – e o Pavilhão do Brasileiro que é elegante de fora e bem arranjado internamente. Tem terraço superior que é preciso cobrir para não andar sobre tábuas estreitas de pinho não contíguas e que oscilam quando se anda. Às fui à festa do Lopes Neto neste hotel. Havia bastante gente e bonita mesa. Às 10 ¼ sai com o general Newton meu guia para a procissão. Acompanharam-me no mesmo carro o Carvalho Borges e o Archer. O carro tinha a bandeira brasileira hasteada por um moço perto do cocheiro. Reuni-me à procissão. No lugar indicado, tendo se oferecido para minha escolta os operários de uma grande fábrica de serras, servindo-lhes de armas aquelas. A procissão vai até o fim de uma rua bastante larga e de 2 ½ milhas de comprido. Depois seguiu pela rua do meu hotel até o City Hall. Deixei-a antes de eu chegar a esta última rua – era mais de 1 hora e vi do hotel passar a procissão. Levava 16.000 pessoas e representações de fábricas e associações. Alguns dísticos eram chistosos e um carro representava 1776 por uma velha e 1876 por uma bonita moça. Os comissários da exposição; autoridades e outras pessoas foram de carro como eu.

4 de julho de 1876— Às 7 sai para assistir à inauguração da estátua de Humboldt no Fairmount Park. Chegando antes das 8 dei ainda um passeio de carro no parque. Às 8 ainda não tinha chegado na comissão diretora. Falei com o comissário alemão na exposição. Apresentou-me o cônsul Schumacher e enfim vendo que tardava a cerimônia – eram 9 retirei-me.

O vento descobriu a estátua – é de Drake – e pareceu-me a fisionomia não está muito parecida. Está de pé com uma folha na mão esquerda onde se lê Cosmos. No pedestal de granito lêem-se datas de nascimento e morte – Os cidadãos alemães da cidade de Filadélfia – o cônsul disse-me andarem por 100.000 - e estas palavras tiradas do Cosmos – Nature is the Empire of freedom – As outras inscrições também são em inglês. Na volta custou-me a romper o povo para chegar ao hotel, sobretudo porque a tropa vinha marchando; mas com algumas cotoveladas consegui entrar no hotel. Almocei e fui para a festa. Que calor! O hino de Carlos Gomes não se ouvia quase pela distância e bulha do povo. A poesia de Bayard foi bem recitada pelo autor. Evarts proferiu como orador amestrado o seu discurso escrito e interminável; mas a sua voz não é forte e creio que o respeitável público aplaudia quando ele acionava com mais energia. A praça ao pé do City Hall estava apinhada. Antes de entrar no hotel visitei a imprensa do Ledger dirigido pelo Child. É uma casa muito grande de 4 andares. O Ledger é diário de 85 mil folhas de tiragem. Também imprimem-se aí anúncios com figuras

coloridas. Depois do jantar fui à penitenciária. Sistema de reclusão absoluta. Acompanhou-me Lopes Neto. Achamos as celas pouco arejadas e o Lopes Neto notou outros defeitos concernentes à vigilância dos presos, como haver porta no muro que fecha o lugar de passeio ao ar livre no fundo de cada cela etc. Estava limpa e cumpre dizer que foi construída há 40 anos. Segui para o parque. Estava um fogo armado que dizem importava em 20.000 dol.

Muita gente assentada ou deitada pelas pedras das colinas. Dei um giro, e na volta já vi balões de diversas cores subindo aos pares. A chuva creio que pelo menos destruíram um pouco o efeito do fogo de artifício. Antes de 9 ½ estava em casa do negociante Drexel. Não é tão bonita como a do Child. Muita gente toda do sexo masculino. Calor de abafar.

5 de julho de 1876— Às 6 ¾ fui para a exposição. Antes do almoço vi o anexo dos couros. Bonito edifício onde há que aproveitar no sentido de aperfeiçoarem indústria nossa. Tudo aí que se acha em relação a ela. O anexo das Obras Públicas de França. Pequeno mas feito com gosto. Disseram-me que se armaram aqui as peças vindas de França. Interessante coleção de mapas e modelos das obras mais notáveis feitas em França sobretudo nestes últimos anos. Perto dele na casa onde vi os vidros pintados de Lomain também há 2 retratos de Isabel e do Gastão pintados em vidros na mesma oficina. O da Isabel não está parecido e tem olhos pardos. São bons, como vidros pintados. Presente da Lomain a meus filhos.

Agricultural Hall com quase todos os comissários brasileiros.

Das 10 até 11 ¾ Machinery-Hall – Bélgica instrumentos para furar minas, picaretas que se armam e desarmam facilmente e de excelente aço da casa Hardy, recomendada pelo Briggs de Good-Hope e outros objetos. O comissário da Rússia Bielski mostrou-me lindíssimas obras de galvanoplastia feitas na Rússia. Igualam quase em méritos artísticos às da casa Elkington.

Exposição do governo para ver um descaroçador de algodão. Agricultural Hall que está agora muito bonita internamente para ver o órgão que toca por eletricidade – o fole é contudo movido a mão – das músicas que se notam numa tira de cartão furando-o, sistema do telégrafo automático.

Às 8 tinha-me fotografado no anexo de fotografias. Antes de entrar em casa fotografei-me junto ao hotel. Assistiram à minha partida além dos comissários brasileiros o Archer que se tem sempre mostrado muito amigo meu; o Bielski, o Fabro – com parte dos comissários espanhóis – também se mostraram ambos muito meus afeiçoados. O Ach secretário da comissão diretora da exposição, desculpando o Gaschorn de não comparecer, por indisposto.

O calor muito me incomodou Estes últimos dias, e compreendo que as comissões estejam morrendo para deixar a Filadélfia durante esta maior calma. Minhas notas sobre a exposição ainda me hão de dar muito trabalho e todavia nunca me satisfarão por isso que só posso dizer meu juízo quase unicamente sobre o que vi, muitas vezes apenas através de uma vidraça.

5 de julho de 1876— Estive na exposição desde às 7 até 11h 40' com o intervalo do almoço no Trans-Continental e às 8 fotógrafo no anexo.

12h 20' Fotógrafo perto do Continental. Partida para a estação à 1h ¼. O trem esperou de Washington e largou à 1h 40'.

3h 21'. Passamos por Trenton e N. Brunswick; povoações importantes. O terreno é cultivado e vi máquinas agrícolas puxadas por cavalos. Já atravessei o Hudson em boa ponte de ferro. Tem feito um calor insuportável, como ontem que só houve de noite pequena trovoadas com pouca chuva.

3h ¾. Seguimos da estação da povoação de Newark depois de termos passados por Elisabeth São consideráveis.

3h 50'. Atravessamos uma bela ponte de ferro. Bonita planície e atravessamos outra grande ponte de ferro e madeira.

4h Passamos um longo e estreito corte, e entramos em grande população (Jersey). O Hotel está muito bem arranjado; mas Windsor parecia-me mais cômodo. Depois do jantar fui dar um passeio de carro pelo parque e depois assisti ao concerto Gilmore excelente como sempre tocando cornet-à-piston e Levy, exímio artista. Encontrei lá o Tomasen; Frank Leslie e a mulher meus conhecidos da casa do Child e do lago de Saratoga, e enfim Alvim que chegou hoje na Rússia. É preciso para começar amanhã a lida que não será pequena.

6 de julho de 1876 - Fui à battery pelo elevated-rail-road. Pareceu-me seguro. Há freqüência de trens. O lugar da battery é bonito com seus cais de pedra junto ao rio ou antes mar. Vi casas de banhos, mas não entrei.

Depois das 10 fui a Blackwell-Island tendo primeiro obtido licença no office onde ficaram surpreendidos quando eu disse o meu nome. O Dr. Fontes acompanhou-me. Vi aí o hospital de loucas onde ainda liga as furiosas às cadeira por correias. Contudo não é mau e tem sala para 600 a 700 pessoas com teatrinho onde há representações de pessoas de fora para divertimento dos loucos. Só tem banheiro para lavagem. Casa de trabalho para mais de mil pessoas; bem arranjada. Asilo de pobres, também me agradou, porém a penitenciária para 800 a 900 presos tem os mesmos defeitos das de Boston e Albany. O hospital de Caridade para 700 a 800 pessoas é bom, e tem anexos separados para os bexigentos que são às vezes em grande número sobretudo entre os imigrantes alemães, e para febre amarela e tifoide. Estão construindo na penitenciária por meio dos presos que já fizeram um edificio para oficinas. No hospital vi uma mulher que teve a noite passada três filhos dos quais um morreu horas depois. A ida em barco de vapor até à ilha é muito bonita.

Depois das 5 ½ fui ao parque e apeando-me fiz melhor idéia do lago, que é mui lindo e onde andavam botes a remos. À noite assisti em Wallack's Theatre que não é muito a comédia Mighty-Dollar, que foi bem representada e tem bastante graça. Aí falei pela primeira vez de meu camarote perto da platéia com Mr. e Mrs. Tribault (creio eu) que visitaram minha mulher quando eu fui a S. Francisco. A mulher tem muita vivacidade de espirito e parece francesa até no nome. Devia ter sido muito bonita. O marido também tem graça, mas não é tão pronto como ela nos repentes. Offenbach estava defronte num camarote. Estudei-lhe bem a fisionomia, que não me agrada, apesar de inteligente e espirituoso.

7 de julho de 1876 - Antes do almoço estive no magnífico edificio do Western Union Telegraph – Aí convergem 40 linhas. As proximidades parecem uma meada de fios que se cruzam no ar. Tem tubos pneumáticos para os telegramas do serviço das principais estações da cidade, e a 5 de agosto começa a trabalhar em grande parte da cidade o telégrafo por meio de fios dentro de tubos de ferro enterrados 3 pés. Mandeí um telegrama para a minha filha. Subi quase até o cimo do edificio. Que bela vista! Pode-se estudar daí a topografia da cidade. Vi a ilha de Bedlos onde será assente a Estátua da Liberdade feita em Paris.

Depois das 10 Academia de Belas Artes – acompanhou-me Roosevelt. Tem bastantes quadros dos melhores autores modernos. Não possui estátuas. Há aulas de desenho sobretudo d'après la bosse o modelo vivo. Creio que os artistas também aí podem pintar. Cooper Institute. É uma espécie de conservatório de artes e ofícios. O octogenário Cooper seu fundador e grande amigo de Agassiz acompanhou-me por todo o edificio que tem muitos andares e é muito grande querendo até que eu visse tirar dentes depois da anestesia pelo gás hilariente. Assim mesmo o pobre homem contorceu-se bastante quando arrancaram-lhe 2 dentes. Também vi fazer dentaduras. Há estabelecimento de gravura sobre madeira e chapa metálica. Do telhado da casa onde me levou Cooper apesar de seus 86 anos, goza-se de bela vista.

Astonian Library com pouco mais de 10.000 volumes fundada pelo célebre negociante Astor, cujo retrato lá vi com sua fisionomia muito característica de homem de ganhar dinheiro. O superintendente, Carson Brevoort é muito instruído; fala o francês correntemente e foi secretário de Washington – Irving quando ele esteve Ministro na Espanha. Contou-me que este jamais se casara por causa da delicadeza de seus sentimentos; tendo deixado de freqüentar uma mulher que amava por lhe ter ofendido expressões menos delicadas. Astor fez sua fortuna no comércio de peles e contou-me Mr. Brevoort que visitando aquele uma coleção de quadros só reparara no bem pintado de uns coelhos peludos. Disse-me que adquirira na Holanda documentos curiosos do tempo dos Holandeses no Brasil e que me enviaria uma indicação escrita a tal respeito. Talvez seja bom comprar para o Instituto Histórico.

Esqueci-me de falar de uma bela sala que acomoda de 2000 a 3000 pessoas no Cooper Institute; muito acústica e bem arejada e aquecida por meio de tubos. Também aí sofríveis laboratórios de química e gabinete de física. Há conferências. Aí se reúne a sociedade de geografia. A oficina de gravura trabalha para diversas nações, fazendo seus bilhetes de emissão. Penso que esta oficina é dependência do Instituto. Cooper pouco me explicava e impedia por eu não querer deixá-lo que eu me informasse cabalmente. Já tinha visto Columbia College, Universidade desta cidade onde há 1300 estudantes, que não moram nela. Acompanhou-me o professor de química Chandler e lá achei a mulher do presidente do colégio Mr. Bernard, irmão do general que mandou-me há anos uma memória matemática sobre o giroscópio. Tem boas coleções e o laboratório de química está muito bem montado. Chandler mostrou-me diversas

projeções. Observatório muito pequeno – o indispensável. O estado nada deu para esse estabelecimento de que a parte antiga de tempo da colônia e a nova de 15 anos a esta parte.

Ainda vi outra coleção de quadros, e de estátuas – entre elas o Napoleão 1º de vela, que é obra de grande mérito; a latona de Rimehart etc. Também há um busto colossal de Bryant ⁰¹⁶, feito de bronze. Agradou-me. Pretenderam colocá-lo no Central Park. Nesta casa existe a tão falada coleção Cesnola de objetos fenícios achados na ilha de Chipre, e onde se encontram tantas formas gregas e egípcias. Gostei muito de vê-la e parece que não houve fraude da parte de Cesnola.

Depois das 5 ½ entrei na Appleton Library cujos livros são tão conhecidos no Brasil e fui ver a casa dos imigrante – Castle-Garden. Foi um antigo forte. Os imigrantes podem, quando pobres estar aí até 6 semanas, depois são obrigados a trabalhar no estabelecimento municipal em Ward-Island. Dormem por cima de uma espécie de galeria circular elevada, e no chão. Tem os anexos das casas onde tomam emprego, e se tratam enquanto não vão para o hospital de caridade. Esta casa nada tem de notável, e até achei-a pouco asseada.

Finalmente fui à casa de Tomsen onde houve soirée cantante. Uma senhora Henne é muito bom contrato. Também tocou violoncelo o Werner. Havia gente com quem conversar. O velho Peter Cooper retirou-se cedo.

8 de julho de 1876 — Antes do almoço vi a Young men's Christian Association. Ocupa-se da instrução popular. A casa é grande e presta-se a lições e conferências. Com 5 dol. por mês podem-se seguir as classes. Também tem 24 quartos para studio de artistas que pagam 400 dol. por ano. Lá vi quadros de Hart e outro. A associação está ramificada pelos Estados Unidos e Inglaterra, e naqueles possui 700 e tantas casas para os fins da instituição.

Depois fui à American Bible Society que imprime bíblias para todo o mundo e em mais de 130 línguas. Tem 24 prensas. Casa muito vista. Imprime com chapas de eletrotipia e manda vir tipos também de fora dos Estados Unidos. Não os faz.

Às 10 fui pela estrada de ferro de Hudson River até Hastings à casa do professor I. Draper. Lá vi o observatório muito interessante de seu filho Henry onde ele tem sua pequena oficina sendo ele o operário. Tirou na minha presença a imagem do sol pela fotografia e fez-me observar os raios por um espectroscópio que ele modificou e é mais claro que os outros. Não pude distinguir, apesar de olhar com todo o cuidado a raia que ele me apontava de uma nova substância que ele descobriu e chamou Helium.

Houve launch muito me diverti a conversa com duas pessoas já idosas que ele convidara – a senhora francesa e o marido médico alemão; mas que já estão nos Estados Unidos há mais de 20 anos. Versou sobre a guerra da Alemanha com a França. O Dr. parece que foi amigo do Duque de Saxe anterior ao Duque Ernesto. As filhas do Draper são morenas, a mulher do Draper nasceu no Brasil, em Vila Rica e pertencia – morreu há 6 anos – à família Paiva Pereira. Uma delas casada com um Ministro protestante, dá muitos ares da filha do V. de Barbacena. Voltamos todos – eu, o Borges e a família Draper – a mulher de Henry é muito estimável – os outros filhos, dos quais um creio que não me acompanhou, são professores como ele. É família muito interessante e estimada aqui.

Depois das 5 ½ vi a casa do Stuart toda de mármore e com bela escada para os dois andares. Há quadros de mérito; porém poucos e creio que todos Eles foram vítimas de cópias. As estátuas à exceção de uma são mediócras. Não achei o nome do autor da melhor nem sei que figura representa. O modelado das costas é perfeito; mas um dos pés parece inchado.

Estive no novo correio e casa dos tribunais. Magnífico edifício não acabado ainda todo de pedra e com mármore. Lembrou-me a secretaria de Estrangeiros de Washington. Vi todo o processo das cartas, e outros papéis. Há por dia um movimento de 50 a 60 toneladas tanto de umas, como dos outros.

Enfim assisti na Academia e Música à representação de Romeu e Julieta de Shakespeare, pelo Regnold, e uma atriz que também me agradou. O calor é que tem sido insuportável.

9 de julho de 1876 - Antes do almoço fui ver a ponte de Haarlen que gira na parte central sobre um peão para deixar passar os barcos. O serviço da passagem não está bem organizado; um barco por falta de espias ou reboque demorou mais de meia hora no princípio da ponte. A ponte central roda sobre três rodets que giram em cima de um pegão de forma cilíndrica. O lugar de Haarlen não é bonito.

Das 10 ¾ até 3 ¼ fui ao cemitério de Greenwood em Brooklin. É um dos mais bonitos que tenho visto por sua posição, plantação de árvore e gramado, lagos com repuxos e número de monumentos. Há alguns belos, distinguindo-se

o material que cidade de N. York levantou em honra dos soldados que morreram na Guerra Civil, tendo mandado 148.000. As estátuas de bronze representando soldados das diferentes armas que cercam a coluna são de mérito. Um monumento muito bonito é o que tem esta inscrição: Charlotte Canda died suddenly by falling from a carriage on the night of the 3d of February 1845 being the seventeenth anniversary of her birthdat. Em baixo lêem-se estes versos:

So sinks from sight Eve's golden star

Lost in the watery depths, afar:

Yet still does the fair planet burn:

Not hopeless is our Charlotte's urn

In God's own morn her orb will rise

Once more – a star of Paradise

Os cavalos arrastando o carro a despedaçaram. O pai empregou o dote dela na construção do monumento feito na Itália. De Greenwood andei no Prospect-Park, que é tão belo – e com melhor vista – era mais belo que Central Park da cidade de N. York. Brooklyn tem boas ruas e casas e uma linda fonte rodeada de globos de vidro, em parte cavados e ligados entre pelo conduto de gás.

Acha-se num alto de onde descem diversas ruas. Lembrou-me para muito menos é verdade – o lugar do arco da Estrela em Paris. De tarde fui ao Central Park, e andei todo o lago em escaler. À noite fui ao Concerto Gilmore – benefício de Esmeralda Cervantes.

Rompi o povo para ouvir duas vezes o hino de Carlos Gomes que muito me agradou; mas parece não ser bastante barulhento para este povo.

10 de julho de 1876— Antes do almoço Instituto dos Surdos-Mudos. Para o lado de Fort- Washington; à margem do Hudson River. Bela posição. Grandes edificios tendo custado tudo 800.000 dol. Fundação particular. O Estado de N. York paga por cada surdo-mudo 300 dol. pelo ensino e 40 pelo vestuário. Há uma especial para as crianças, e outra para os atacados de moléstia contagiosa. Há 500; 300 homens e 200 mulheres. Assisti a alguns exercícios; mas não me agradaram como em Boston e sobretudo em Washington. Um articulou; porém pouco. Cumpre advertir que só havia 40, estão em férias.

Depois do almoço fui com o Dr. Waynes que se ocupa da reforma das prisões e tem assistido a todos os congressos a tal respeito à prisão de Sing-Sing; Hudson River, acima de Hastings. Grande prisão. A dos homens acomoda 1300 e a das mulheres 100 e tantas. Tem os mesmos defeitos das outras, como Wayne reconhece. Medical-School anexa à Columbia College. Nada de importante e menos que o de St. Louis, contudo possui seu museu pequeno anatômico, e laboratório de química pequeno, com alguns instrumentos de física.

À tarde, casas de Tiffany e de Stuart. A primeira de muitos andares cheios de lindíssimas jóias e objetos de metal, aquelas e Estes de prata feitos pela maior parte na casa. Também tem rica coleção de objetos de porcelana; de bronze, etc. A de Stuart serve para lojas. 5 andares. Toda de mármore e ferro. O saguão interno é lindíssimo olhado de baixo para cima ou vice-versa. Custou 16 milhões de dol. Tem outro em outra parte da cidade, que custou 14 milhões. Rendem 10% ao ano.

À noite American Geographical Society. Muita gente no Salão Chickering. Lá meu pequeno speech de agradecimento. Houve discursos e leitura de um trabalho. Depois ofereceram sorvetes e outras coisas de uma mesa que estava armada noutra sala próxima. Aí conversei com os professores Whitney (o Sanscritista de Yale College). Hayes do Polaris e Hayden que descobriu as cidades antigas das Índias. Este prometeu cópias das fotografias e modelos que vi na exposição de Filadélfia. Foi uma festa interessante. Quem se mostrou mais obsequioso foi o Coronel Bahley Myers, cujo filho oficial de marinha foi há anos condecorado com o hábito da Rosa por um ato humanitário.

11 de julho de 1876 - Antes do almoço cortei o cabelo e fui ao Instituto dos cegos. Casa grande e onde estão 100 e tantos podendo admitir muito mais Todos se acham fora. Curso completo para os superiores. Parece pouco cuidarem de artes que exijam mais perícia manual que inteligência. Tem 13 pianos e aprendem música e a afiná-los. Vi um processo de escrita por pontos mais rápidos e demandando menos espaço. Trouxe um livro explicativo. Também há um cilindro, que por seu movimento circular e carreiras verticais de bilhetes indica facilmente ao cedo seu número para saída quando o merece por sua aplicação e bom procedimento em geral. É particular. O Estado paga por cada cego por ano 300 dol.

para ensino e 50 para vestuário. A casa custou 100 mil dol. Fábrica de Tiffany onde se fazem todas as obras de prata, ouro, cobre, bronze, esmalte – há oficina galvanoplástica para os três metais e platina, e de desenho. É muito interessante.

Depois do almoço no Delmônico – 5th Avenue n° 14 com o Bom Retiro e o Fontes – tardou o almoço; porém não desconceituou a casa afamada – fui ao New York Times. Vi lá um modelo de máquina de secar café por meio de vapor de água na razão de 10.000 ££ por dia em 40 tabuleiros de 63 *[sic]* cada um, consumindo a caldeira uma corde de madeira como combustível. Ao mesmo tempo não se evapora toda a lavagem do café que serve para produzir o vapor, e trabalhando 2 caldeiras; ora uma ora outra de 40 litros de xarope de lavagem extraem-se 3 de aguardente. O inventor Tarière deu-me também aço feito diretamente do magnetito de Long-Branch Vi também fotografias feitas com negativos de gelatina em que a pena traça o desenho. Assim se fazem os desenhos do Novo-Mundo. O Rodrigues estava presente. A imprensa do Times está bem montada porém tira 6.000 folhas por dia.

Depois fui à Tribuna. Casa magnífica, de cujo cimo se goza excelente vista. Bayard Taylor (o poeta) acompanhou-me. Muito bem montada essa prensa. Tira 25.000 por dia.

Diário Alemão. Casa magnífica toda de mármore. Imprensa muito bem montada. Tira 55.000 por dia. O dono alemão que está aqui há 27 anos, embora sofrendo um pouco de paralisia nas pernas acompanhou-me sempre. Goza também de bela vista e bom fresco. É fácil ir a todos esses andares por causa dos elevadores.

Continental Bank Note e American Bank Note. Ao primeiro fui por engano supondo ir ao outro onde se fazem bilhetes para o Brasil. Trabalham bem em ambos sobretudo no segundo, cujo diretor pareceu-me muito inteligente.

Estive no Consulado perto de Castle-Garden e finalmente vi as ruínas deste que ardeu no domingo de tarde. Os colonos lucraram com o fogo. Terão breve boa casa.

Às 5 ¼ fui ver uma fábrica de querosene onde o processo de despejá-lo nas caixas é curioso; mas o mesmo dos barris em City-Oil. Antes de lá chegar num vaporzinho – East-river – quis ver se abordava a um vapor onde uma sociedade de Sras. estabeleceram um hospital para 200 crianças. Só as vi de perto. A água estava muito agitada. Tinha havido boa trovoadas. Ontem o calor chegou a 100 e 101 e houve mais de 40 casos de insolação, dos quais alguns fatais. O calor tem sido hoje também respeitável. Da fábrica fui ver as escavações em Hell's gate debaixo de East-River, para fazer saltar o fundo por meio da explosão, e poderem os navios da Europa passar por dentro de Long-Island o que abreviará o caminho de 8 horas. Estive a 40 pés debaixo d'água. Tem 10 entradas e com todas as galerias 40 tendo de extensão todas unidas mais de 7 milhas e há uma nota impressa; que não encontrei: agora já vi a obra depois de terem gasto 1000 contos. Esperam auxílio do Congresso.

Segui até perto de High-bridge pelo rio de Harlen. Além da ponta deste nome há outras duas onde passam os trens e que também tem a parte central girante para dar passagem aos barcos. Perto de High-Bridge, donde vem o aqueduto de Croton há casas de escaleres de regatas. Como o vaporzinho levou bandeira brasileira vitoriam-me.

A bordo conversei com Bayard Taylor que é um viajante universal e fala italiano; espanhol e o árabe de suas viagens pelo Oriente. Esteve um ano Ministro em S. Petersburgo. Tem-se mostrado muito meu afeiçoado.

Há pouco houve aqui no meu salão um concerto organizado pelo violoncelista Werner. A Thrusby, que eu ouvira em S. Francisco cantou muito bem a balata C'est une volta un príncipe – A Henna (contralto) cantou muito bem. Franz Remmert's tem excelente voz de barítono. Mills é excelente pianista. De Werner já falei. Gostei bastante. Vou descansar para a partida de amanhã. Durante o concerto houve tremenda trovoadas e sempre quente a não ter as janelas abertas ao vento. Não conheço tempo como o do verão aqui. Estava todo brotoejado *[sic]*; porém em Filadélfia tive momentos de ficar desesperado do prurido.

EXPOSIÇÃO DE FILADÉLFIA

Inglaterra e Colônias

20 e 21 de junho – das 10h às 2h

Acompanhou-me o professor Archer.

Main-building

Exposição na fábrica de galvanoplastia de Elkington de Birmingham.

Lindos objetos sobretudo um prato que representa em baixo relevo a toilette de uma pompeiana. Foram-se os olhos nele porém custa 8.000 dol. Nas porcelanas e diversas espécies de ladrilhos revela-se grande progresso no desenho. Há tapetes belíssimos. Instrumentos científicos aperfeiçoados onde reparei sobretudo para um barômetro de receptáculo de mercúrio feito no vidro chato e tão flexível que é sobre ele que se opera a pressão do ar. Não tem como os aneróides o inconveniente de se enferrujar o fio metálico.

Relógios, onde se pode fazer parar qualquer dos ponteiros independentemente dos outros; o que é de grande vantagem para a observação precisa de um tempo.

Nas colônias notei sobretudo a parte relativa ao ensino do Canadá, onde há modelos em ponto pequeno; mas bem feitos das casas das escolas, e as da Austrália principalmente a de Queensland. Foi muito bem organizado por Daintree, agente dessa colônia em Londres. Está dividida por grandes indústrias com tábuas indicando os diferentes produtos, sua importância no ano de 1874, e outros os diferentes terrenos geológicos, acompanhado os diversos objetos, e pinturas das localidades características, e mapas geográficos e geológicos.

A de New South Wales também está muito bem organizada, e apresenta um belo troféu de pedaços de carvão de pedra. As colônias donde se extrai ouro em abundância mandaram sólidos dourados representando o volume do metal até 1874 extraído, e como dele em dol. e ££.

As coleções mineralógicas da Austrália são riquíssimas, assim como completas as de lã de carneiro. Também apresentam muitos grãos; porém nada vi de notável neste gênero.

A coleção de fotografias de paisagens e monumentos de New South Wales é interessante. Vi uma curiosa coleção de extratos de eucalipto de que há um grandíssimo número de variedades asseverando-se-me que as moléstias, onde cresce o eucalipto, não se tornam endêmicas atribuindo esse efeito à umidade que essa planta absorve.

Na exposição do Cabo vi diamantes que não são tão belos como os nossos, e uma Miricica de que pouca porção das sementes dá 16 ££ de cera, que vi e tem um ligeiro cheiro de sebo.

Na da Jamaica vi café tão bom como o nosso melhor, e boas amostras de Cinchona suci-rubra, de que se vê um tronco bastante alto e grosso de um pé de 7 anos. Mais adiante ainda falarei dessa cultura na Jamaica. Também devo referir às obras artísticas de terracota onde os ingleses tem feito muito progresso.

Entre o Main-Building e o Agricultural Hall o asfalto que puseram com o sol e a passagem vai ficando pasta, e dentro em pouco há de ser difícil ainda por aí. Vi uma grande e bela amostra de teína extraída numa fábrica de Edimburgo que apresentou perfeitos preparados químicos.

Machinery Hall

Grandes moendas aperfeiçoadas para açúcar, de que levo todas as explicações. Tear muito engenhoso de fazer fitas com desenhos de diversas cores. Verruma de furar ferro em todas as direções. Um modelo de trilhos em que o movimento que muda sua direção para um aviso ao mesmo tempo dessa mudança por sinais visual e auditivo. Outro que torna mais doce para os vagões a mudança de uns trilhos para outros, quando muda a direção do trem. Modelo de uma bomba do sistema que na atualidade produz maior resultado e é usado no dissecação do lago de Haarlen. Reparei numa bomba de pequeno trabalho que jorra água pelo movimento creio eu de um êmbolo dentro do bocal da mangueira, segurando-se nesta com uma mão e a outra manejando o bocal e o êmbolo. Máquinas já conhecidas e que não tenham melhoramentos eu não examino.

Agricultural Hall

Máquina para cortar cereais muito engenhosa e prática; outra cortando de 4 formas diferentes as raízes para alimentação dos animais; outra cortando forragem diagonalmente não encontrando assim tão grande resistência das fibras; outra de descaroçar algodão deixando as sementes quase brunidas. Locomotiva para serviços rurais com rodas feitas de modo a encontrarem apoio necessário no terreno e podendo-se-lhes adaptar, segundo me pareceu pedaços de caoutchou. Vi colméias curiosas sobretudo aquelas em que se põem o fundo das células feito artificialmente poupando assim trabalho às abelhas, e outra em que se coloca água quente, e com açúcar, a qual aquece e alimenta as abelhas durante o inverno assegurando-lhes a vida e poupando o mel dos favos. A maior das colméias tem vidros para se ver o trabalho das abelhas, e como que gavetas que permitem tirar os favos sem matar as abelhas. Parece-me muito curioso esta parte.

Horticultural Hall

Plantas vindas da Jamaica das quais as mais curiosas são as espécies de quina. Da Calisaia já aí tem plantado 27 mil, e de todas 140 mil com próspero resultado.

Este edifício é bonito externamente e internamente, mas a Inglaterra e colônias quase nada mandaram.

FRANÇA

22 de junho de 1876 — De 10 às 2 — com Levasseur; Rochambeau; Simonin, Dugagé; Khulman e agente da casa Hacheté; depois apareceu o coronel Périer. Dugage e Périer pareceram-me os mais competentes.

Main-Building – Nos metais não vi obras que me agradassem tanto pelo lado artístico como os trabalhos da casa Elkington. Barbedienne e Cristofle não expuseram. Muito me interessou a coleção de instrumentos de Deleul, com a sua balança engenhosíssima para separar as moedas em três categorias: com título nos limites da tolerância; acima, e abaixo, e a 1ª categoria em outras três: título exato; acima, e abaixo, e outra balança de precisão em que carrega uma das conchas de 500 gramas indica a diferença de meio milígrama. Contudo a máquina mais curiosa é a pneumática fundada no princípio da aderência constante de uma porção de ar ao êmbolo formando-lhe assim uma rodilha que permite que ele não se ajuste perfeitamente ao tubo, e desse modo se estrague pelo atrito. Não tinha nenhuma idéia dessa máquina.

Admirei a joalheria de Boucheron, sobretudo os esmaltes transparentes. Pensei que Feil tivesse exposto, segundo ouvira, pedras preciosas formadas pela química; porém só vi imitações – como diamantes de quartzo e de rubis etc. sendo coloridos por óxidos metálicos.

Farcot apresentou uma bela coleção de relógios, sobretudo de pêndulo com movimento cônico, evitando a bulha dos oscilantes. Um relógio apresenta a singularidade de se lhe dar corda, quando se abre a tampa para se ver as horas.

Belos tapetes d'Aubusson, e sedas de Chappel sobretudo para as quais são precisos para as de desenhos mais compridos e complicados 140.000 cartões – Jacquard Chappel veio com Levasseur; porém quebrou a perna a bordo do América.

Na parte relativa à imprensa vi lindos livros – alguns da casa Mame, que propriamente não expôs – e um mapa da Suíça gravado em França sobre o qual versou uma discussão entre eu e Levasseur, sustentando eu que o do estabelecimento Julio Perthes, de Gota é mais perfeito no ponto artístico. Fomos compará-los na repartição alemã, e julgo que tenho razão parecendo-me melhor no alemão o relevo das montanhas. Périer inclinou-se a minha opinião e ficou maior exame para quando chegasse Petermann, que me disse o agente alemão, ou quem achei nesta repartição dever chegar até sábado de Baltimore.

Nas porcelanas e faiences vi lindas cousas, mas não achei porcelana tão como a da fábrica Ginori perto de Florença. Também se acham lindas carruagens cujo preço pareceu-me barato.

Também vi um aparelho para aumentar ou diminuir o tom dos diapasões muito curioso, e alguns que pelo simples roçar das crinas de um arco de rebeça dão sons muito fortes. O aparelho em ponto maior serviu para que um inventor que me mostrava descobrir leis de acústica diferentes das aceitas pela ciência.

Vi dois magníficos espelhos de St. Gobain sem que se descubra a menor falha ou diferença de nível na camada de estanhamento apesar desta ser derramada ao mesmo tempo em duas direções diferentes; processo aliás de há muito seguido nessa fábrica.

Quando passei pela coleção de substâncias corantes creio que Simonin disse-me que ao sair de França soubera pelo inventor que se descobrira o processo de obter outre-mer verde.

Machinery Hall

Máquina elétrica de Gramme ligada a imã e ao aparelho de luz elétrica de modo que se via a eletricidade converter-se em movimento, e este voltar à condição de eletricidade quase que sem perda de força. Guindaste de êmbolo no braço que levanta o peso, movido aquele por vapor. Máquina de cortar aduelas aproveitando o mais possível a madeira. Rodas de ferro forjado por pressão hidráulica numa fábrica de Rive-de-Gier. Desculpavam-se por não haver senão poucas máquinas dizendo que houve medo da viagem tão longa, e das despesas, sobretudo de direitos.

Agricultural e Horticultural Hall

Não fui porque os comissários disseram que na primeira nada havia de interesse para mim, e no segundo deixaram de expor.

Trouxe os impressos que pude dando explicações a respeito do que vi na minha visita à exposição francesa.

Exposição do Governo dos Estados Unidos em edifício separado, e americano

23 e 24 das 10 às 2, e 25 das 7 até 8 ½.

Acompanharam-me diversos e sobretudo o General Eaton diretor da Instrução Pública, e professor Baird do Smithsonian Institute. A 25 o secretário da Exposição.

Os modelos das cidades antigas dos índios, e fotografias são curiosas. As casas debaixo de rochedos e quase inacessíveis parecem-se com algumas de certos povos do Cáucaso. Os ídolos – um de 40 pés de altura – feitos um só de madeiro e pintado com relevos são dignos de estudo pelo lado escultura, e colocam-nos na frente das casas como as torres de menage da idade média, e uma abertura na parte inferior dá entrada para a casa. Fazem também ídolos pequenos revelando-se em todas as obras dos índios mais gosto artístico do que nas do Brasil. Há uma coleção que mostra a aptidão que os índios tem revelado nascer assim como de retratos de índios que se distinguiram na sociedade americana.

Toda a parte relativa à instrução pública dada pelo Estado é interessantíssima, sobretudo pelas tabelas que mostram à primeira vista o progresso dos Estados Unidos neste século e por décadas em todos os ramos. Neste sentido também se vêem livros do Censo de três épocas de 30 anos cada uma sendo a última a do mais recente.

Pensei que a exposição relativa a peixes sob a direção imediata de Baird me enfasiaria; porém interessou-me. A coleção mineralógica é riquíssima tendo visto uma massa imensa de cobre puro do Michigan e um meteorito com a forma de anel numa parte da massa, tendo esta o peso de 1400 ££. Observei uma espécie de monte de que chamam Mineral-Wool com efeito parece lã feita de slag de best-formace. Serve para caldeiras impedindo o calor irradiante.

Na repartição de guerra agradaram-me sobretudo as máquinas para fazer balas para cartuchos metálicos, e carregá-los de pólvora e bala no mesmo aparelho. Há outra para lubrificar as balas, que parece-me útil, e uma para cortar fardamento, podendo-se aprontá-lo completo num dia para um soldado, com a máquina de costura. A guerra também apresentou torpedos para defesa de portos, arrebrandando pela centelha elétrica partida de terra ou pelo choque de encontro à bóia, e aparelhos para medir o efeito das explosões debaixo d'água. A marinha expôs um torpedo de Ericson que se move e dirige pelo ar comprimido por bomba a vapor. Experimenta-se há 6 meses. Vi também canhões de diferentes sistemas um dos quais consiste em cobrir um tubo de aço de fios de ferro que depois vão ao fogo. Vi a máquina de enrolá-los. Há 2 canhões de carregar pela culatra parecendo-me o fechamento do maior bastante moroso. Este tem grande número de raias e o outro 7. Há modelos de reparos de bateria equilibrando-se num deles duas peças próximas e a descida de um elevando a outra à bateria. O oficial que me acompanhava e pareceu-me muito inteligente não gosta do sistema Mincriff. Vi também o telégrafo para os fogs cujo som se faz ouvir muito longe. O governo ocupa-se de repovoar os rios e mar de peixes e observei os diferentes modelos de vapor para os peixes subirem as corredeiras – são de madeira com um caminho cavado de formas diferentes e que os peixes procurar por ser aí que brada a corrente de água. Também expuseram um grande refrigerador com um grande peixe dentro que se pode aí conservar tempo indefinido renovando-se o gelo, de que se gastam 400 ££ por dia. Há todos os instrumentos de pesca – entre os quais uma espingarda e projétil, que arrebanda no interior da baleia – e um modelo de pau representando a sua pesca.

Main Building

A americana apresenta belas coleções: de produtos químicos pela perfeição, e massas deles; não pensava que esta indústria estivesse tão adiantada aqui; levam as lampas às outras nações na exposição – de vidros – alguns lindíssimos – de prataria para serviço ordinário revelando até gosto artístico nalgumas peças – e de obras de mármore e outras pedras naturais e artificiais, que imitam perfeitamente aquelas. O Imperador da Alemanha comprou uma lindíssima chaminé de ornato para a sala de ônix mexicano.

A coleção de obras de ferro é magnífica – admirando eu muito a de uma fábrica de Pittsburg onde em grossos varões redondos se deram nós a frio como se torcesse outra matéria mole. Também há obras de zinco de grandes dimensões, e algumas revelando gosto artístico. Já começam a trabalhar com proveito, e algum gosto, em porcelana, e a coleção de Trenton (N. Jersey) merece menção. Numa galeria superior existem exposições de alguns Estados relativos à instrução pública, distinguindo-se as de Massachusetts e Connecticut. Compõem-se de tabelas mostrando o progresso da instrução, de desenhos e plantas dos edificios e terrenos onde os construíram para aquele fim, de livros, de trabalhos de estudantes etc.

Esqueci-me de falar de tubos de metal de pouca espessura e forrados de substância isoladora que pretendem empregar na telegrafia elétrica subterrânea.

Exposição da Instrução Pública da Pennsylvania (edificio separado) e

Exposição de Kansas e Colorado (edificio separado)

A Pennsylvania apresentou nesta exposição um quadro completo do estado de seus estabelecimentos de instrução.

É interessantíssima, e só à vista é que se pode fazer idéia dela. Falarei apenas dos asilos dos órfãos dos soldados estabelecido depois da guerra civil, e onde já se tem educado 8.500. Trouxe livros que informam a este respeito. Os objetos expostos são da natureza dos que já mencionei, tratando de exposições análogas, mas é na Pennsylvania que se aprecia melhor a importância que dão nos Estados Unidos à instrução pública. Desejaria que aí passassem algumas horas nossos ministros de Estado. A de Kansas e Colorado distingue-se pela magnífica coleção de cereais – que pés de milho gigantes! – e minerais arranjada principalmente por uma companhia de estrada de ferro a quem foram concedidas largas terras nessa região. Também há quadros a óleo representando lugares pitorescos, e um grupo de animais empalhados por uma mulher, que mostra a exposição, pelo que me pareceu, e alguns com bastante arte, sobretudo um cachorro, que a principio julguei que se tinha assentado no meio dos animais empalhados.